P. DR. H. C. FREI BASÍLIO RÖWER, O. F. M.
autor desta monografia histórica.
FREI ALFREDO W. SETARO, O. F. M.
autor dos dizeres que acompanham as ilustrações.

O Convento de N. S. da Penha do Espírito Santo

O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA DO ESPÍRITO SANTO

P. DR. H. C. FREI BASÍLIO RÖWER, O. F. M.
autor desta monografia histórica.
FREI ALFREDO W. SETARO, O. F. M.
autor dos dizeres que acompanham as ilustrações.

O Convento de N. S. da Penha do Espírito Santo

Edição comemorativa do IV Centenário da chegada de Frei Pedro Palácios ao Espírito Santo e da devoção a N. S. da Penha (1558-1958).

1958
EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO
BELO HORIZONTE

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 16-4-1958.

DUAS PALAVRAS

Dois grandes Centenários comemora neste ano de 1958 o Convento da Penha do Espírito Santo e, com êle, todo o povo capixaba.

E' de tradição constante que no ano de 1558 chegou à Capitania do Espírito Santo o Irmão franciscano Frei Pedro Palácios. Quando outros deixavam sua pátria em busca de riquezas no Brasil, Frei Palácios fêz a longa viagem para levar na solidão uma vida de oração e de penitência. E não só isto. Embora Irmão leigo quis auxiliar os recém-chegados Jesuítas (em Vitória, 1551) na catequese.

A lembrança dêsse santo varão até hoje perdura na memória dos espiritossantenses e, por isto, com júbilo celebrará o IV Centenário de sua chegada.

O segundo Centenário quatro vêzes secular é a implantação do culto de Maria Santíssima sob a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, *vulgarmente cognominada* Nossa Senhora da Penha.

Frei Pedro era singularmente devoto de Nossa Senhora dos Prazeres, devoção essencialmente franciscana. Trouxe de Portugal um quadro pintado a óleo e colocou-o numa capelinha no alto do cume da montanha, donde se originou a denominação: da Penha, *propagou a devoção entre o povo e com muita alegria celebrava anualmente a festa de* Nossa Senhora dos Prazeres, *de acôrdo com o calendário franciscano, na segunda-feira depois da dominga de Pascoela. Com a sua morte, em 1570, a capelinha ficou aos cuidados de alguns amigos, que a aumentaram. Depois da entrega da montanha aos Franciscanos (1591), a capelinha se transformou aos poucos em o Santuário como hoje existe e oitenta anos depois da morte de Frei Palácios iniciou-se também* a *construção do célebre Convento, ousadamente colado nos flancos da rocha.*

Para dignamente celebrar o quarto Centenário da chegada de Frei Palácios e do início do culto de Nossa Senhora dos Prazeres, o Convento da Penha programou solenes festas. Promoveu também a publicação da presente brochura, ricamente ilustrada e que representa uma separata do livro Páginas de História Franciscana no Brasil, *de autoria do P. Dr. h. c. Frei Basílio Röwer, O. F. M.*

São de Frei Alfredo W. Setaro, O. F. M., atual Guardião do Convento, os dizeres que acompanham as várias ilustrações.

Queira Deus que a celebração das solenidades mais e mais confirme no coração do povo capixaba o amor a Santíssima Virgem.

F. B.

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

Vasco Fernandes Coutinho, que se distinguira nas Índias Orientais, onde estêve às ordens de Afonso de Albuquerque, recebeu como recompensa de seus serviços uma Capitania nas costas do Brasil, por alvará de D. João III, de 1º de janeiro de 1534. Eram 50 léguas de litoral, desde a foz do rio Itapemirim até à do Mucuri.[1]

Para tomar posse de sua Capitania, Vasco embarcou com 60 pessoas, entre as quais algumas de sangue nobre. A expedição chegou a seu destino na oitava de Pentecostes, 23 de maio de 1535, pelo que a donataria recebeu o nome de *Capitania do Espírito Santo,* de acôrdo com o costume dos descobridores daquele tempo.

Vasco Coutinho lançou gente em terra "ao som da artilheria, com que fizeram afastar das ribeiras marítimas o gentio possuidor, deram princípio à sua fortificação ao entrar na barra, à mão esquerda, em lugar razo, ao pé do monte, que hoje se chama da Senhora da Penha, levantando ali uma vila, chamada do Espírito Santo...".[2]

Apesar de os primeiros colonos terem sido felizes em seus encontros com o gentio, julgaram, contudo, mais acertado levantar outra vila que melhor defesa permitisse contra qualquer ataque. Escolheram para isso a ilha de Santo Antônio, no interior da enseada, que em 15 de julho (outros têm 1º de junho) de 1537 havia sido doada a Duarte Lemos. A localidade recebeu o nome de *Vila Nova do Espírito Santo,* passando a primitiva a ser denominada *Vila Velha.*[3]

Crescia a Vila Nova em constante progresso e multiplicaram-se as Fazendas e Engenhos ao redor, quando Vasco Coutinho resolveu ir a Portugal, com o fim, diz Frei Vicente do Salvador e concordam todos os autores, de prover-se do que era preciso para levar a efeito sua planejada entrada no interior, à busca de ouro, prata e pedras preciosas. Deixou no govêrno da Capitania, como seu lugar-tenente, o exilado D. Jorge de Menezes.[4]

Na ausência do donatário recomeçaram as hostilidades dos índios, irritados com a tirania dos novos senhores da terra, que os tra-

---

1) Frei Vicente, *História,* p. 95. — A carta de doação in *Rev. Inst. Hist. Br.,* t. 24 (1861), p. 175.

2) Jaboatão, *Novo Orbe,* parte I, vol. I, p. 73.

3) *Rev. Inst. Hist. Br.,* t. 24 (1861), p. 209. — Gomes Neto, *As maravilhas,* p. 23.

4) Gomes Neto, *op. cit.,* p. 25 ss.

tavam "como se fôssem mais bárbaros do que êles" [5] e os escravizavam. Unindo-se diversas tribos, desceram do sertão, incendiando os Engenhos e matando muita gente. Num dos assaltos também Jorge de Menezes perdeu a vida. Em seu lugar entrou D. Simão do Castelo Branco, outro degredado, que do mesmo modo ficou no campo de batalha.[6]

Em tal estado achava-se a Capitania quando voltou Vasco Fernandes Coutinho. Se bem que quisesse, nada pôde fazer por falta de gente. Dirigiu-se, então, a Mem de Sá, na Baía, que em 1558 tomara posse do cargo de Governador Geral, pedindo socorro. Foi atendido. Mem de Sá enviou algumas naus, capitaneadas pelo próprio filho Fernão de Sá. Vasco concorreu com limitado número de colonos da vila.

A expedição penetrou a barra do rio Cricaré (Quiricaré), hoje chamado S. Mateus, que fica numa distância de 25 léguas mais ou menos ao norte da enseada do Espírito Santo. No mesmo rio travou-se o primeiro combate. Venceram os portuguêses. Os índios, porém, reuniram-se de novo e "com gentílica fúria e ruidoso tumulto" lançaram-se contra os vencedores, descuidados com a primeira vitória. O desbarato da expedição foi completo e Fernão de Sá sucumbiu, embora tentasse resistir denodadamente.[7]

Não estava, porém, tudo perdido com esta derrota. Pretendia a indiada atacar em seguida a própria Vila Nova do Espírito Santo. Em seus arredores concentrou as suas fôrças, que, seguras da vitória, não tiveram o cuidado de se conservar em pé de guerra. Esta confiança foi a sua perdição, como tinha sido dos portuguêses no rio Cricaré.

Formou-se na vila um grupo de 68 homens valentes que, tendo invocado o auxílio de Nossa Senhora e feito a promessa de colocar sua imagem no altar-mor da matriz, investiu contra o inimigo, surpreendeu-o e venceu-o em luta desigual.

Os vencedores cumpriram ao depois a sua promessa: substituíram o quadro de pincel de Nossa Senhora por uma imagem de vulto e a Vila Nova do Espírito Santo desde então passou a ser denominada *Vitória*.[8]

O donatário da Capitania do Espírito Santo morreu pobre, tão pobre "que chegou a lhe darem de comer por amor de Deus, e não sei se teve um lençol seu em que o amortalhassem", refere Frei Vicente.[9] A capitania, por sua vez, se teve dias de prosperidade, arrui-

---

5) Pizarro, *Memórias*, II, p. 14, nota 2.

6) Calmon, *História*, p. 191 ss.

7) Frei Vicente, *História*, p. 169. — Saint Hilaire, *Viagem Esp. S.*, p. 16. — Vasconcelos, *Crônica*, n. 144.

8) Jaboatão, *op. cit.*, parte I, vol. I, p. 77. — Pizarro, *op. cit.*, II, p. 14 e 15 não se refere à substituição do quadro, mas diz que os vencedores dedicaram o novo templo a Nossa Senhora das Vitórias.

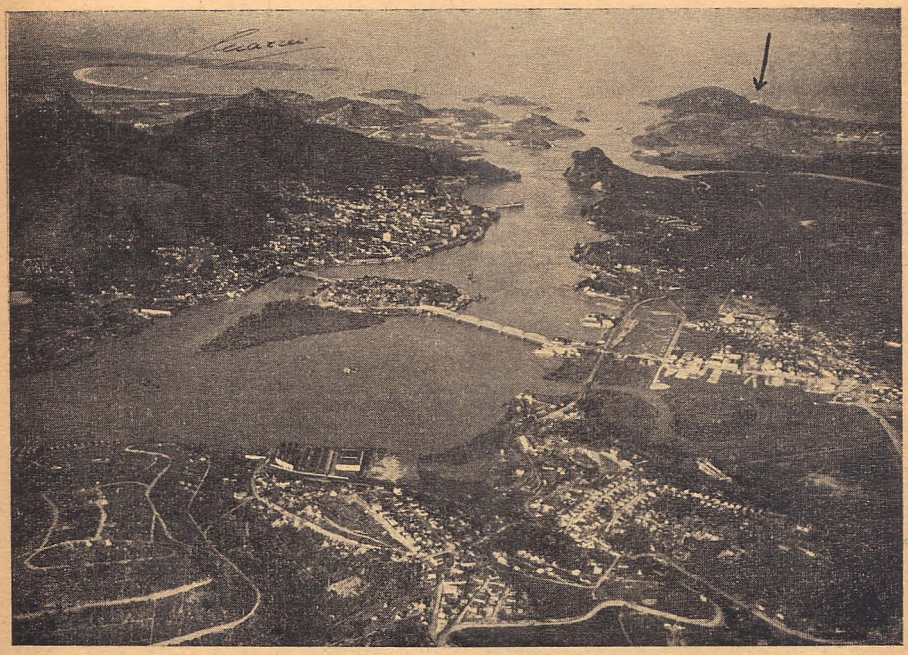
9) Frei Vicente, *op. cit.*, *p.* 96. — Calmon, *op. cit.*, p. 196.

nou-se também até o Rei D. João V comprá-la por 40.000 cruzados em 1718.[10]

Desde 1551, os Jesuítas tiveram pequena Residência em Vitória [11] e sete anos depois desembarcou no Espírito Santo o Irmão leigo franciscano Frei Pedro Palácios, fundador do Santuário da Penha.

---

10) A escritura de compra in *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 24 (1861), p. 233.
11) Leite, *História*, I, p. 213.



PÔRTO E CIDADE DE VITÓRIA

Ao centro, a ilha do Príncipe, com a ponte metálica Florentino Avidos, que liga a ilha de Vitória ao continente. À esquerda da entrada da barra, o ponto branco assinalado por uma flecha, é o Convento da Penha. Mais em baixo, parte da cidade de Vila Velha.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA PENHA

1650

Quem não conhece o célebre Santuário franciscano de Nossa Senhora da Penha, no Estado do Espírito Santo, ou dêle não ouviu falar, Santuário colocado idílica e soberanamente no píncaro da montanha de 154 m de altura, que como atalaia vigilante e forte domina, com o "Moreno", a entrada da bela enseada de Vitória?

Quatro séculos decorreram depois de sua fundação por um humilde filho de S. Francisco. Séculos de bênçãos e graças que a Virgem sem mácula alcançou e continua a alcançar para os fiéis que contìnuamente demandam o seu Santuário e lhe dirigem fervorosas súplicas.

Junto ao Santuário, formando um todo com êle, ergue-se, desde 1650, o Convento, arrojadamente colado nas escarpas da alcantilada rocha e que de longe parece inexpugnável fortaleza.

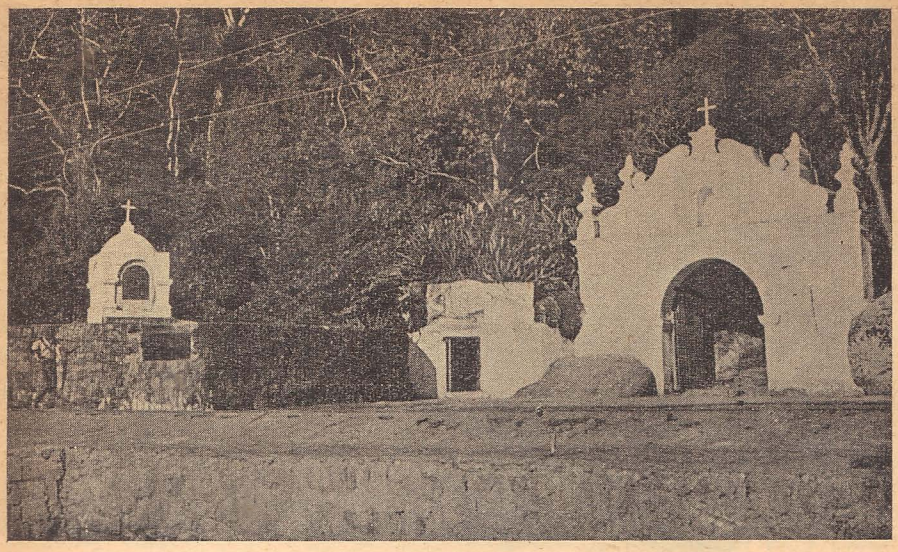
Nesta, que digo, penha descoberta
Majestoso edifício se oferece,
Que pela imensa altura à vista incerta
Guarnecido castelo se parece;
Mas neste mesmo engano a vista acerta,
Porque, como direi, e é bem confesse,
Do inimigo defende em qualquer guerra
A fé, a devoção, o rei da terra.[1]

Diversos autores se têm ocupado com o Santuário e o Convento, esboçando-lhes a história e cantando suas maravilhas em prosa e verso. Mas são trabalhos deficientes porque, limitando-se a reproduzir o que geralmente se sabe por Jaboatão sôbre a sua origem e primeiros anos de existência, ou o que rezam as tradições locais e lendas populares, não consultaram o arquivo da nossa Província e não tecem o fio da história através dos séculos até nós.[2]

E' o que pretendemos fazer neste estudo, e para isto nos valemos não sòmente das publicações já feitas por outros, aproveitando o que parece histórico, mas principalmente do resultado das inves-

1) Caldas, *Poema*, XI.

2) Gomes da S. Neto, *As maravilhas da Penha*, limitou-se a inspecionar um ou outro livro mais acessível no arquivo da nossa antiga Província, o resto não manuseou.



PORTÃO VELHO DA PENHA

Foi construído em 1774. Entra-se por êle na histórica ladeira de pedras, primitivo caminho para o alto da montanha. À sua direita, encontra-se a conhecida gruta de Frei Pedro Palácios, assinalada por uma lápide comemorativa, com dizeres em latim e em português, e mandada colocar ali por Frei Teotônio de Santa Humiliana, último guardião da Penha da antiga Província Franciscana. Mais ao canto, o nicho, onde, provàvelmente, Frei Palácios desdobrava o quadro de Nossa Senhora, que trouxera de Portugal, e diante do qual fazia as suas devoções conjuntamente com o povo.

---

tigações que fizemos no arquivo da nossa antiga Província, conservado no Convento de S. Antônio do Rio de Janeiro. Demoradamente examinamos os seus livros manuscritos, documentos avulsos e alfarrábios quase ilegíveis.

Frei Palácios

FREI Pedro Palácios, eis o nome do Irmão leigo franciscano, fundador do Santuário da Penha na Capitania, Província e hoje Estado do Espírito Santo. Relatando o pouco que se sabe de autêntico dêste Religioso, ermitão e apóstolo, cingimo-nos de preferência a Frei Apolinário da Conceição [3] e Jaboatão.[4] Ambos inspecionaram os autos do processo tirado em 1616 sôbre a vida e virtudes do servo de Deus, a mandado do Custódio Frei Vicente do Salvador, com o depoimento de testemunhas que pessoalmente conheceram a Frei Pedro.

---

3) Frei Apolinário, *Epítome*, § 8. — *Primazia*, cap. 11, p. 109.
4) Jaboatão, *Novo Orbe seráfico*, Parte I vol. II, p. 331 ss.

Nasceu êste Religioso em Medina do Rio Sêco, perto de Salamanca. Era, pois, espanhol. Jaboatão pensa que, a julgar pelo nome, pertencia à nobre geração dos Palácios, sendo talvez irmão do Dr. Paulo de Palácios, esmoler da Rainha D. Catarina. O manuscrito com fragmento da vida de Frei Pedro, copiado em 1789, afirma que era "parente mui chegado" dêsse Dr. Paulo.

Sentindo-se chamado ao estado religioso, Frei Pedro Palácios tomou o hábito franciscano na Província espanhola de S. José de Castela, em que florescia a mais estreita observância, mas pouco depois incorporou-se na da Arrábida de Portugal, também reformada. E' o próprio Frei Pedro que o deixou escrito num cartapácio (livrinho de notas), a que se referia Frei Simão no seu depoimento em 1616, e que existia no Convento de Vitória.[5] Na Arrábida serviu alguns anos no hospital de Lisboa, assistindo, qual outro Francisco, aos doentes com grande amor e caridade.

Naquele tempo muita gente ia para o Brasil. Uns eram povoadores, a outros levava a sêde de riquezas, mais outros demandavam o novo continente estimulados pela santa ambição de salvar almas. A êstes quis pertencer Frei Palácios (era êste o seu constante apelido) apesar de já proveto em idade e ser simples Irmão leigo.[6] Acariciava também o desejo de, longe do convívio humano, viver uma vida tôda solitária em oração e penitência.

Para executar o seu santo projeto, Frei Palácios obteve licença do Custódio da Arrábida, Frei Damião da Tôrre, e embarcou num navio que se dirigia ao Brasil.

Na viagem, a embarcação foi acometida de furiosa tempestade, correndo perigo de naufragar. Neste grande apêrto lembraram-se os navegantes do Religioso, companheiro de viagem, cujas santas virtudes já freqüentemente tiveram ensejo de admirar. Recomendaram-se às suas orações e um tomou-lhe o manto e com êle tocou as ondas, que imediatamente se aplacaram, permitindo próspera travessia. Desde então Frei Palácios só era chamado o santo frade.

Êste fato é histórico, contado por todos os autores. Lenda, porém, nos parece o que se lê sôbre um sonho profético que o Irmão tivera no Convento da Arrábida, vendo um anjo descer do céu, estender suas asas sôbre o mar enfurecido e salvar uma multidão de gente prestes a ser devorada pelas ondas, agarrando os náufragos pelos cabelos.[7]

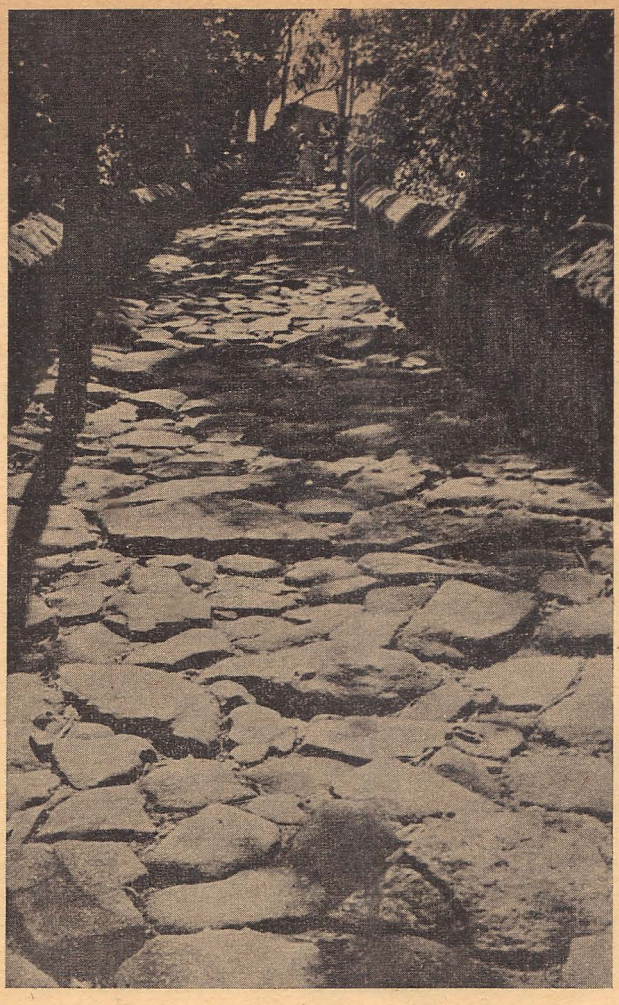
Segundo o já citado manuscrito com fragmento da vida de Frei Pedro, o navio, chegando ao Brasil, fêz escala por diversos portos. Isto vem corroborado pelo que escreve Anchieta em sua *Informação* de 1584, dizendo que Frei Pedro estêve na Baía, onde se fêz coadjutor

---

5) *Memória fundação Convento Vitória.*

6) Anchieta, na *Informação de* 1584, diz que era Irmão *com* ordens sacras: mas deve ser êrro de copista. Em lugar de *com* leia-se *sem.*

7) *Ecos Marianos,* 1938, p. 68.



RECANTO DA LADEIRA DAS SETE VOLTAS

Esta ladeira é também chamada a "ladeira da penitência", devido à sua declividade acentuada e disformidade de calçamento, o que exige sério esfôrço para subi-la. Seus recantos são maravilhosos, suas curvas, graciosas, tôda ela como que serpenteando pela mata virgem, murada de ponta a ponta. Quem visita pela vez primeira a Penha, ou quem aqui vem em caráter de romaria, julga um dever indeclinável subir por ela, muitos até descalços e de joelhos, e não pela estrada de rodagem, mais cômoda e mais suave. Pelo ano de 1643, calçou-a Frei Paulo de S. Antônio, guardião do Convento de Vitória, sendo renovado o seu calçamento, que perdura até os nossos dias, entre 1774 e 1777.

As "sete voltas" insinuam perfeitamente as "Sete Alegrias de Nossa Senhora", devoção instituída e propagada pela Ordem Franciscana e a quem Frei Pedro Palácios dedicava especial predileção. Assim é que, o Santuário da Penha é consagrado litùrgicamente às "Sete Alegrias de Nossa Senhora", e a festa da Penha é celebrada, anualmente, na segunda-feira da Pascoela, dia consagrado a essa festa de Nossa Senhora, desde tempos imemoráveis, no calendário franciscano.

dos Jesuítas, visitando as Aldeias e administrando o batismo em caso de necessidade.[8] Não sabemos quanto tempo durou a estada na Baía.

Em 1558, assim reza a constante tradição, o Irmão dirigiu-se à Capitania do Espírito Santo, tomando o navio pôrto na Vila Velha. Os companheiros de viagem espalharam-se pela localidade e deixaram também a Frei Palácios cuidar do seu destino. Dias depois, porém, lembraram-se de novo do Religioso, que havia granjeado todo o seu afeto, e sabendo também os moradores da presença do santo homem, todos tiveram desejo de saber onde estava. Procuraram-no e só depois de três dias encontraram-no numa cabana na montanha.

Segundo a tradição local, de que Machado de Oliveira diz que a achou registada também no livro do Tombo do Convento da Penha,[9] o lugar do encontro foi um vão formado pela natureza em baixo de uma grande pedra, situada ao sopé da montanha, junto à praia, ao lado esquerdo de quem entra pelo atual portão da ladeira. Ainda hoje é conhecida por "Gruta de Frei Palácios", e, desde 1864, é assinalada por uma lápide comemorativa, que mandou colocar o último Guardião Frei Teotônio de S. Humiliana.

Ecce Petri Palacios arcta habitatio prima
Qui Dominam a Rupe vexit ad ista loca,
Mirum Coenobium construxit vertice rupis,
Quo tandem Dominae transtulit effigiem
Quam magnis meritis vita decessit onustus,
Jam promissa bonis praemia coelitum habet.

Obiit 1575. Jacet in Conv. S. Francisci Victoriae.
F. T. S. H. An. 1864.

Eis de Pedro Palácios a primeira e estreita habitação,
O qual trouxe para êstes lugares a Senhora da Penha.
Construiu no cume do monte um admirável Convento,
Para onde transferiu, finalmente, a Imagem.
Onerado de grandes merecimentos passou desta vida,
E já possui os prêmios celestes prometidos aos bons.

Morreu em 1575. Jaz no Convento de S. Francisco de Vitória.
Frei Teotônio de S. Humiliana, ano de 1864.

Merece louvor e zêlo de Frei S. Humiliana em perpetuar a tradição local sôbre a gruta. Mas o que diz sôbre o Convento não corresponde à verdade histórica. Frei Palácios não construiu o Convento, fêz apenas uma mui pequena ermida. Sôbre o ano do falecimento diremos depois.[10]

---

8) *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. VI (2ª ed. 1865), p. 429.
9) Machado Oliveira, *Extratos*, 262.
10) Gomes da S. Neto, *op. cit.*, p. 43, aponta com razão o êrro histórico. Quis mexer também com o latim, que é irrepreensível, e tornou a emenda...

A "Gruta de Frei Palácios" foi melhorada com o tempo e consta que Frei Mateus de Cristo, Guardião de 1808 a 10, mandou fechá-la com parede para obstar a abusos indecentes.[11]

As tradições locais são sempre veneráveis. Mas cumpre dizer que, com exceção do Tombo do Convento da Penha, que, por desaparecido, não permite examinar qual é exatamente a expressão e qual o fundamento do que relata, os historiógrafos franciscanos nada referem sôbre uma gruta ao sopé da montanha onde Frei Palácios tivesse sido encontrado pelo povo e onde tivesse morado alguns anos, mas localizam o lugar do encontro no colo da montanha, isto é, no ponto onde a sua configuração forma uma pouco extensa chapada (campinho) e onde começa o penhasco descalvado, portanto, ao sopé da penha, não da montanha. Aí teriam encontrado o santo homem numa cabana feita de ramagens. Frei Manuel da Ilha não sòmente se cala sôbre qualquer estada de Frei Palácios numa gruta ou cabana, seja ao sopé da montanha, seja na dita planura, mas afirma, e é o

11) Idem, *op. cit.*, p. 41 .

PORTÃO NOVO DA PENHA

E' o pórtico monumental de entrada para a magnífica estrada de rodagem, cujo final é a planura ao sopé da grande rocha descalvada, sôbre a qual descansa o Convento da Penha. Uma placa, à sua esquerda, indica-lhe o nome: "Alamêda Dom Luís Scortegagna", homenagem do govêrno Jones dos Santos Neves, que a pavimentou, ao 4.º bispo do Espírito Santo, falecido em 1951.

Foi inaugurado em 15 de março de 1952.

único de todos os autores, que ao chegar o Irmão à Vila Velha os moradores ofereceram-lhe a ermida da Penha, já existente, na qual, então, morou uns 8 para 9 anos.[12]

O Insulano elaborou o seu manuscrito em 1621 e atesta que nas investigações procedeu com a máxima solicitude. Frei Apolinário e Jaboatão reportam-se ao arquivo do Convento e ao instrumento que mandou fazer Frei Vicente do Salvador em 1616. De nossa parte esposamos a opinião de Frei Apolinário e Jaboatão. Não é de crer fôsse necessária uma busca de três dias, quando a "Gruta de Frei Palácios" fica pouco distante da localidade.

Com isto, porém, não negamos que Frei Pedro, uma ou outra vez, tenha procurado o esconderijo debaixo da pedra (o melhoramento é posterior) para se refugiar em hora de tempestade.[13]

Tendo os moradores encontrado o penitente Religioso na solidão da montanha, tomaram-lhe a bênção e "lhe rogaram quisesse descer ao povoado e pedir esmola para seu sustento e se lhe ofereceram para tudo mais que quisesse". Frei Pedro, porém, "apontando para duas palmeiras que estavam no cume do rochedo, lhes disse com muita alegria que já achara o que buscava".[14]

"Que já achara o que buscava". Estas palavras de Frei Apolinário deixam supor que o "cronista da Província" tinha conhecimento de outra tradição, que atribui às duas palmeiras a função de guia antes de Palácios chegar ao Espírito Santo. Efetivamente, assim lemos no fragmento de manuscrito já mencionado, de que o copista afirma que esta vida do Servo de Deus foi composta pelo P. mestre Guerra: "E' tradição que lhe servia de carta de marear huma Imagem de Nossa Senhora, que trazia em hum painel; a qual lhe destinava para

12) Insulano, fls. 283 v.

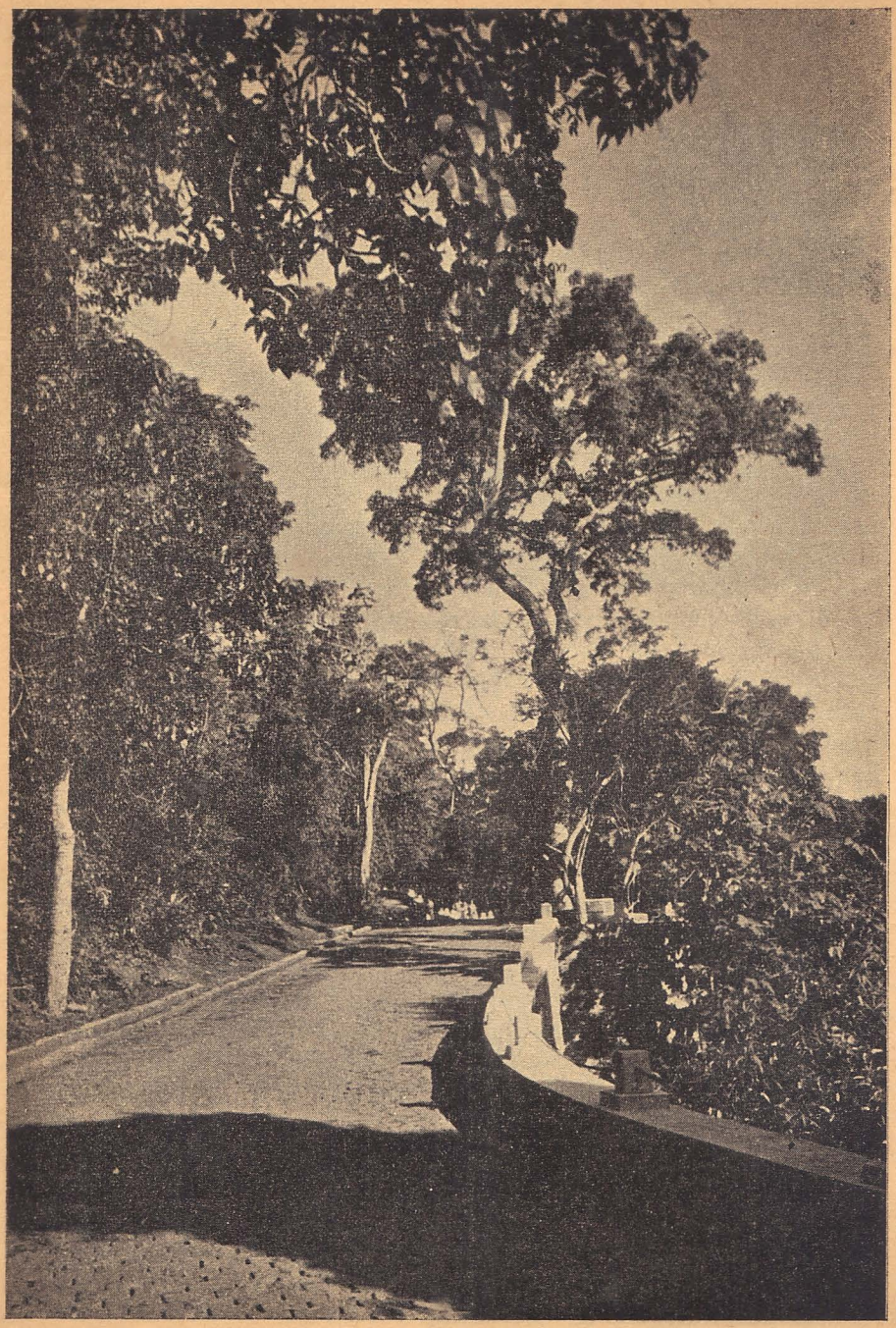
13) O que, no nosso fraco parecer, contribuiu para se formar a lenda sôbre a morada de 8 para 9 anos na "Gruta de Frei Palácios", além do fato de aí ter êle reunido o povo para oração e doutrina, são as expressões de que alguns autores se servem para indicar o lugar onde Frei Pedro foi encontrado. Dizem, com Frei Apolinário da Conceição, que foi "ao pé de uma alta rocha", confundindo-se posteriormente rocha com montanha.

14) Frei Apolinário, *Epítome*, § 8.

TRECHO DA ESTRADA NOVA

Antes era um simples caminho particular, aberto pelo antigo capelão Padre José Lidwin para se chegar, a cavalo, até o "campinho". No ano de 1928, derradeiro mês do seu govêrno, o presidente do Estado, Florentino Avidos, mandou ampliá-la e fê-la transitável para carros, observando o mesmo traçado. Ao benemérito do Convento, Governador Jones dos Santos Neves, deve-se a sua pavimentação e embelezamento. E' uma obra de vulto e de muito boa vontade, feita com capricho e devoção, tôda ela murada e ajardinada, nada devendo em beleza e grandiosidade à sua congênere do Corcovado.

Foi inaugurada, juntamente com o portão monumental, em 15 de março de 1952.



Conv. N. S. da Penha — 2

teatro de suas virtudes hum monte, o qual conheceria pelo sinal de duas palmeiras que veria no cume de tal monte",

As duas palmeiras existiam de fato no vértice da rocha,

..... dominando ufana[s]
Os altos topos da floresta espessa".[15]

"expostas de dia e de noite ao ar violento agitado pelas asas da ventania, tremendo como o caniço nos brejos; mas não cedendo o lugar, que só deveria pertencer a um altar", como logo veremos.[16]

Não querendo, pois, Frei Palácios descer da montanha, pediu aos moradores lhe quisessem construir uma capela na planura ao pé da rocha. Fizeram-no e êle dedicou-a a S. Francisco, colocando sôbre o altar o painel de Nossa Senhora e a imagem do Patriarca.[17]

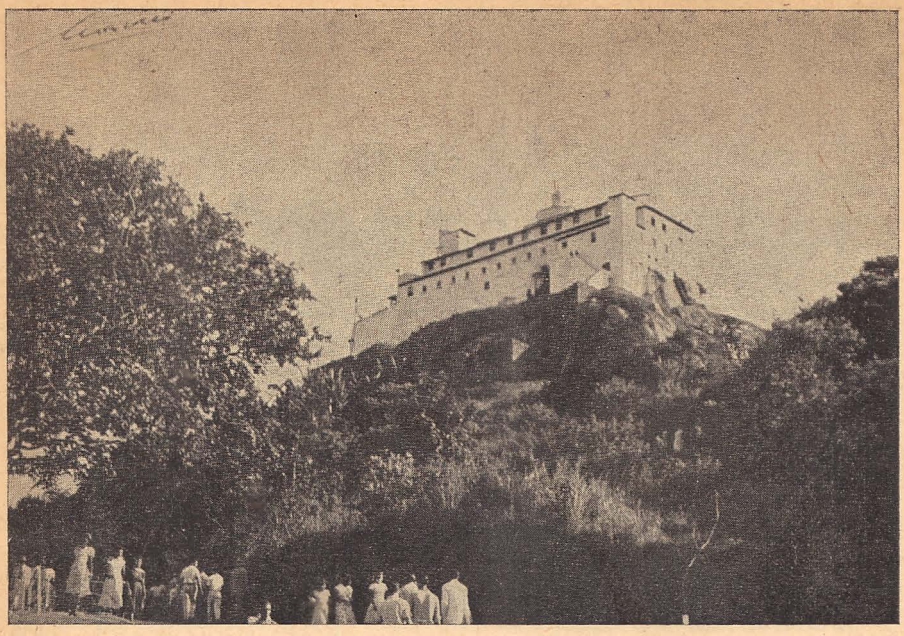
Fundação da Ermida

NÃO consta precisamente quando Frei Palácios deu comêço à construção de uma ermida de Nossa Senhora, no cume do rochedo. A lenda, conhecida também por Pizzarro,[18] atribui a resolução de edificá-la ao fato seguinte. Certo dia desapareceu o painel da Virgem da capela de S. Francisco. O devoto ermitão encheu-se com isto de profunda tristeza e imediatamente andou à procura de seu tesouro nas matas espessas da montanha. Depois de longo procurar, encontrou-o no alto da penha entre as duas palmeiras. Jubiloso recolocou o painel na capela de S. Francisco; mas o desaparecimento repetiu-se mais duas vêzes, sendo o painel sempre encontrado no mesmo lugar. Para grande surprêsa do Servo de Deus, rebentou também uma fonte com copiosa água no vértice da rocha.

Frei Palácios reconheceu nestes sinais a vontade expressa de Nossa Senhora em querer que se lhe construísse uma capela no indicado lugar e não demorou com a execução.[19]

Não encontramos nenhuma referência a estas coisas extraordinárias em Frei Apolinário ou Jaboatão. Aquêle atribui a construção da ermida à devoção especial que Frei Palácios nutria para com Nossa Senhora.[20] Jaboatão tem o seguinte: "Concluída com brevidade a capelinha do Seráfico Patriarca, tanto pela pequenez de sua fábrica, como pela concorrência dos devotos do Servo de Deus, entrou na diligência de fabricar outra para a Senhora da Penha, no cume da serra, e sôbre aquela altíssima rocha, ou penedo, que serve de coroa àquele monte. Tudo conseguiu com ajuda dos devotos, e especialmente de Melchior de Azevedo, homem rico, e muito particular afeto de Frei Pedro. Não podia deixar de ter nesta obra muitos coadjutores, porque

15) José Bonifácio, *Ode aos baianos.*
16) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 14.
17) Idem, *ib.*, p. 61 ss. — Frei Apolinário, *Epítome.* — Jaboatão, *l. cit.*
18) Pizarro, *Memórias*, II, p. 9.
19) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 56. 20) Frei Apolinário, *Epítome*, § 8.



CONVENTO DA PENHA

(lado norte e leste)

o Servo de Deus era o primeiro, que, pegando nas pedras, às suas costas as conduzia por aquêle áspero, e alto monte, enquanto durou a obra, que completa, colocou nela a Imagem da Senhora, com singular júbilo de sua alma, e grande consolação de todo o povo. Assim o depõe tôdas as testemunhas de seu processo, humas, que o viram, outras, que o ajudaram. Hum dêstes foi André Gomes, que sendo môço acompanhava o Servo do Senhor, quando fazia pelas ruas da vila a sua doutrina, e depõe que seus dois irmãos, Amador Gomes, e Braz Pires, ajudaram a Frei Pedro a fazer a obra da capelinha da Senhora da Penha; e assim atestam as mais, que nos ditos autos juraram, e concordam todos sem discrepar, que o Servo de Deus Fr. Pedro de Palácios fôra o fundador das duas capelinhas primeiras daquele monte, a de S. Francisco no colo da ladeira, e a de Nossa Senhora da Pena sôbre a penha alta, que nêle descansa".[21]

Como se vê, tão pouco Jaboatão faz referências ao desaparecimento milagroso do painel. E' porque nada encontrou a êste respeito nos autos de 1616.

Isto, porém, não quer dizer que desprezamos a tradição, que é perfeitamente admissível junto com a versão de Jaboatão, que não a

21) Jaboatão, *Novo Orbe,* Parte I, vol. I, p. 36.

exclui. Além disso, tem a tradição em seu abono o fato de o altar-mor do Santuário e, portanto, a primitiva ermida, se achar realmente colocado entre duas palmeiras, que durante algum tempo deram até o nome à ermida, sendo chamada "Ermida das palmeiras". Ainda em 1843 viam-se por um postigo os troncos mutilados fora da terra dois ou três palmos e mostravam-se os grelos, uma espécie de milagre vegetal.[22]

Lê-se ainda em Pizarro, no lugar citado, que a água que milagrosamente rebentou no vértice da penha estancou assim que terminou a obra da construção.

Para ajudá-lo na conservação da ermida e manter o culto de Nossa Senhora, Frei Palácios criou nela uma confraria, cujos membros se cotizavam para que houvesse Missa todos os sábados.[23]

As santas ocupações de Frei Palácios

A ermida ou capelinha de S. Francisco era a moradia habitual do servo de Deus. Nela entregava-se aos exercícios de penitência e oração. As poucas horas que dormia passava-as deitado sôbre uma tábua coberto sòmente com seu remendado hábito; o degrau do altar servia-lhe de travesseiro. Os únicos companheiros eram um gato e um cão, que, imitando a S. Francisco, chamava seus irmãos. Quando se ausentava da ermida, deixava para êles tantos montinhos de farinha quantos dias que pretendia ficar fora, recomendando-lhes comessem um só cada dia e o último depois de êle voltar. Ao que os animalzinhos obedeciam pontualmente.

Frei Palácios deixava a ermida sòmente por motivos religiosos ou para pedir suas esmolas. Tôdas as tardes descia para reunir o povo em redor de um pavilhão ou dossel, que fizera em cima de um grande bloco de granito, no qual dossel colocava o painel de Nossa Senhora da Penha que trouxera de Portugal. Rezava com os assistentes o têrço e instruia-os nas verdades principais da Religião.[24]

---

22) Machado Oliv., *O Conv. da Penha*, in Rev. Inst. Hist. Br., t. 5 (1863), pp. 134 e 135. — Gomes Neto, *op. cit.*, p. 274.

23) Insulano, fls. 283. — Rev. Inst. Hist. Br., t. 19 (1856), p. 163. — Não tem faltado quem negasse a Frei Palácios a autoria da ermida da Penha. Mas o fato está plenamente provado não sòmente por Jaboatão, fundado no depoimento do processo de 1616, mas também pela escritura de 1591, que adiante transcrevemos. Aí está também o testemunho do ven. Anchieta, que, em 1572, escreve: "Esta ermida edificou-a um castelhano com [sem] ordens sacras, chamado Frei Pedro, frade dos capuchos [franciscanos]". À vista, pois, dos argumentos, é singular a opinião em contrário, como já aparece no manuscrito do Insulano. Êste autor atribui a construção, no cume da montanha, de um pavilhão, que depois chama sacelo e até igreja, a um homem do povo (*quidam vir plebejus*), que mais tarde teria passado o edifício a Frei Palácios (Insulano, fls. 282 v.). Frei Apolinário já conhecia esta versão e qualifica-a de "engano de um historiador". Frei Apolinário, *Epítome*, § 8.

24) Gomes Neto, *As maravilhas*, p. 49. — *Ecos Marianos*, p. 71. — Os antigos escreviam *Pena* e não *Penha*. Jaboatão sustenta que significa dor, sofrimento e estriba-se na cópia, feita em 1640, dos autos a que acima nos re-

Indo à Vila Velha ou desembarcando no pôrto de Vitória, dirigia-se primeiro à matriz, onde permanecia longo tempo em devota oração. Depois procurava o vigário, tomava-lhe a bênção e pedia licença para esmolar e fazer doutrina às crianças. Quanto ao primeiro, contentava-se com o suficiente para si ou para outros pobres e nunca aceitava mais, mesmo quando os benfeitores insistiam.

A doutrina fazia Frei Palácios percorrendo as ruas de ambas as vilas vestido de sobrepeliz, com a cruz na mão. Depois ajuntava as crianças, explicava-lhes os mistérios da fé e na próxima ocasião tomava-lhe a lição, premiando os aplicados com alguma palavra de louvor.

Todos os domingos, dias santos de guarda e festas maiores o servo de Deus descia de sua ermida para assistir à santa Missa, confessar-se com o Superior dos Jesuítas e comungar.

---

ferimos, onde se lê *poena*. Mas o Jesuíta Fernão Cardim, numa carta de 1585 — Rev. Inst. Hist. Br., t. 65 (1902), parte I, p. 52 — afirma que o painel representa "Nossa Senhora da Pena de Cintra, por estar a ermida fundada sôbre uma altíssima rocha". Pena é forma quinhentista de Penha (no espanhol Peña) como é de ler em Figueiredo. Também Frei Apolinário se refere ao assunto, mas diz brevemente: "O primeiro — Penha — é mais propício".

VISTA DO CONVENTO
(lado norte)

Aqui se avistam a torrezinha, o refeitório e a cozinha dos religiosos, o zimbório do santuário e o terraço. A esplanada, também chamada "campinho", tôda ela pavimentada, é o lugar onde, nos dias de grande concorrência, como sói ser o da festa da Penha, se realizam as missas campais. À esquerda de quem olha para o Convento, num dos ângulos da praça, encontram-se as ruínas da capela de São Francisco, onde faleceu Frei Pedro Palácios.

Se acontecia algum dia ter de pernoitar fora da ermida, hospedava-se em casa de bons cristãos, com preferência na de Melchior de Azevedo, o grande amigo que lhe ajudara eficazmente na construção da capela de Nossa Senhora. Não usava, porém, a cama que lhe faziam, mas deitava-se no chão e qualquer objeto duro lhe servia de travesseiro.

Com especial amor dedicava-se o santo Religioso à catequese dos índios, em cujas Aldeias costumava demorar alguns dias. Jaboatão diz que "era êste um dos maiores empregos de seu abrasado e apostólico zêlo",[25] e o ven. Anchieta, sabendo quanto o Irmão trabalhou na conversão do Gentio, sendo um dos primeiros a visitar as Aldeias do interior, chama-o de "Varão evangélico que viveu e morreu santamente".

Depois de instruir os filhos das selvas, principalmente as crianças, batizava-os ou mandava-os para êsse fim à vila.[26]

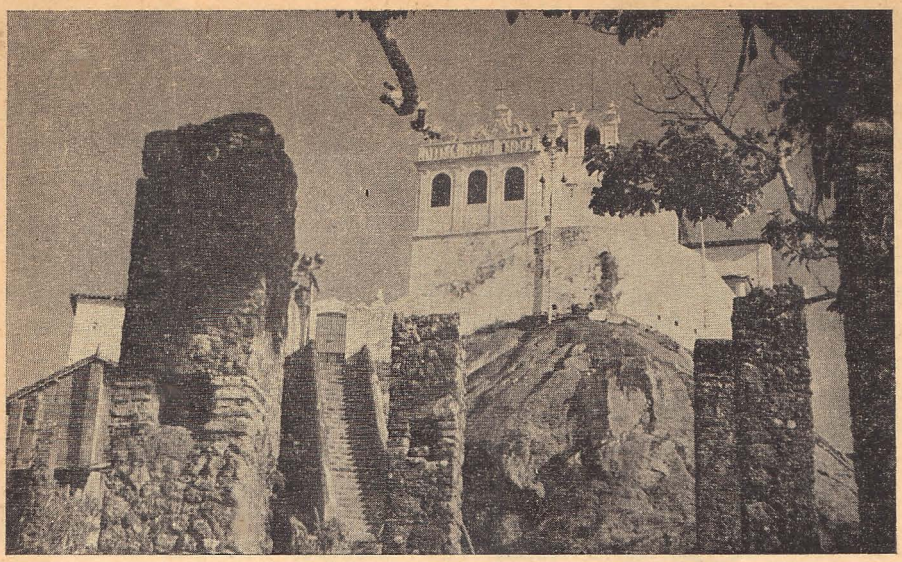
Além destas verdadeiras missões, o Irmão franciscano ia às povoações e engenhos da vizinhança com colonos portuguêses para beneficiá-los também com a sua pregação. Frisa Manuel da Ilha em particular que duramente censurava a falta de cumprimento das obrigações cristãs e a facilidade com que os colonos juravam.[27] Êste último vício parece que estava muito generalizado, pois os Jesuítas combateram-no desde 1554 com uma confraria, destinando a multa ao dote para o casamento de órfãs.[28]

Numa dessas povoações, chamada Taquari, queixavam-se os moradores de grande mortandade principalmente entre as crianças, por ser o sítio insalubre. Frei Palácios recomendou-lhes fizessem uma capela dedicada a S. Francisco e Deus lhes teria misericórdia. Fizeram-no e as febres cessaram.[29] Além dêste caso, houve diversos outros que atestam o espírito profético com que Deus dotara seu fiel servo.

A morte de Frei Palácios

DEPOIS de dez anos de árduo labor e ásperas penitências, estando para findar a missão de Frei Palácios na terra, cuidou ainda de obter para a ermida de Nossa Senhora uma bela imagem de vulto. Encomendou-a em Portugal, e quando veio, esculpida em madeira, colocou-a com muito amor e alegria no altar, substituindo o painel. "Tem esta imagem 76 centímetros de altura. O porte é de uma nobreza, graça e naturalidade inimitáveis. A expressão é de uma doce melancolia".[30] Guardou-se também o painel, que depois das obras realizadas em 1750 passou para um singelo oratório numa

25) Jaboatão, *op. cit.*, parte I, vol. II, p. 41.
26) Cf. *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 6 (2ª ed. 1865), p. 429.
27) Insulano, fls. 283 v.
28) Leite, *História*, I, p. 217. — Vasconcelos, *Crônica*, l. I, n. 183.
29) Frei Apolinário, *Epítome*, § 8. — Gomes Neto, *As maravilhas*, p. 60.
30) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 69.



O CONVENTO DA PENHA
(frente, lado sul)
No primeiro plano, ruínas de velhas senzalas.

das paredes da pequena sala da portaria e está hoje colocado no corpo da igreja, na parede do lado da Epístola.

Com relação à imagem de vulto, explica a tradição que, tendo-se esquecido do recado a pessoa incumbida de mandar fazê-la em Portugal, nas vésperas de partir para o Brasil, foi-lhe entregue um caixote por um desconhecido e abrindo-o encontrou a imagem de acôrdo com as indicações de Frei Palácios.[31]

A morte do Servo de Deus deu-se em 1570.[32] Com muita instância rogara êle a Deus que não o levasse antes de celebrar mais uma vez a festa da sua amada Padroeira. E foi ouvido. Na semana de Páscoa desceu, como de costume, à vila para dar boas festas a seus

31) Pizarro, *op. cit.*, II, p. 12. — *Ecos Marianos*, p. 72. — Gomes Neto, *op. cit.*, p. 70.

32) O ano de 1570 está garantido não só pela carta de Anchieta de 1572, em que se refere à morte de Frei Pedro, mas também por Insulano (fls. 284), Frei Apolinário (*Epítome*, § 8) e Jaboatão (Parte I, vol. II, p. 44). O *Santuário Mariano*, X, p. 93, tem que foi em 1575. O Agiológio Lusitano de Cardoso, no vol. I, p. 465, diz que a morte se deu em 1570, e no vol. III, p. 40, tem 1575. Idêntica incoerência notamos em Melo Morais, *Crônica Geral do Brasil*, vol. I, pp. 53, 54, 94, 135. A lápide sepulcral, que já não existe, não faz prova, uns liam 1570, outros 1575 porque a última letra já se não divisa, diz Frei Apolinário na *Primazia*, e depois, não se sabe quando ela foi colocada. Muito menos prova a lápide comemorativa na gruta, colocada em 1864. Dos autores modernos uns adotaram 1570, outros 1575.

benfeitores e sendo perguntado quando voltaria, respondeu que lhe parecia não voltar mais. Na segunda-feira depois da dominga de Pascoela, celebrou a festa da Senhora, como era então costume na Ordem franciscana,[33] e na quarta, dia 2 de maio, o negrinho que o amigo Melchior de Azevedo lhe dera para lhe servir na avançada idade e a quem pedira antes uma vela acesa, comunicou aos moradores a morte do santo velhinho. Diz Frei Apolinário, e é tradição, que o sino da ermida anunciou o feliz trânsito dobrando por si.[34]

Muita gente correu para o morro, com a Irmandade da Misericórdia e os padres da Companhia, refere o Insulano. Acharam a Frei Palácios de joelhos, encostado no altar da ermida de S. Francisco,[35] com as mãos postas como em devota oração. No mesmo dia, o corpo foi enterrado no alpendre da ermida de Nossa Senhora, sendo a sepultura mais tarde assinalada por uma lápide com os seguintes dizeres:

> Sepultura do Santo Fr. Pedro Palácios, natural do Rio Sêco em Castela, fundador desta Hermida, que assim na vida, como depois da morte, floresceu com milagres. Faleceu na Era de 1570.

Trasladação dos ossos de Frei Palácios

Em 1609, tendo embora os Franciscanos entrado na posse do morro com sua ermida em 1591 e zelando êles na medida do possível do culto divino, não existia ainda o Convento da Penha, cuja construção foi resolvida sòmente em 1650, depois da tentativa dos Padres da Companhia de esbulhar os Franciscanos.[47]

Explica-se por isso o desejo dos Religiosos de terem perto de si, na igreja do Convento de Vitória, os despojos mortais do santo confrade e missionário. No dito ano de 1609 era Guardião Frei Antônio da Estrêla, que recebeu ordens do Custódio Frei Leonardo de Jesus para realizar a trasladação.

No dia 18 de fevereiro dirigiu-se o Guardião com mais alguns Religiosos à capela da Penha e aberta a sepultura foram tiradas as veneráveis relíquias: "os ossos limpos, e a calvaria com seus miolos inteiros, e secos, sem corrupção alguma, hum pedaço do cordão, e outro do hábito".[48]

---

33) Hoje é no dia 27 de agôsto.

34) Frei Apolinário, *Epítome*, § 8. — *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 19 (1856), p. 262.

35) Um ou outro autor tem erradamente que foi na ermida da Senhora.

47) Jaboatão, *op. cit.*, parte II, vol. II, p. 416.

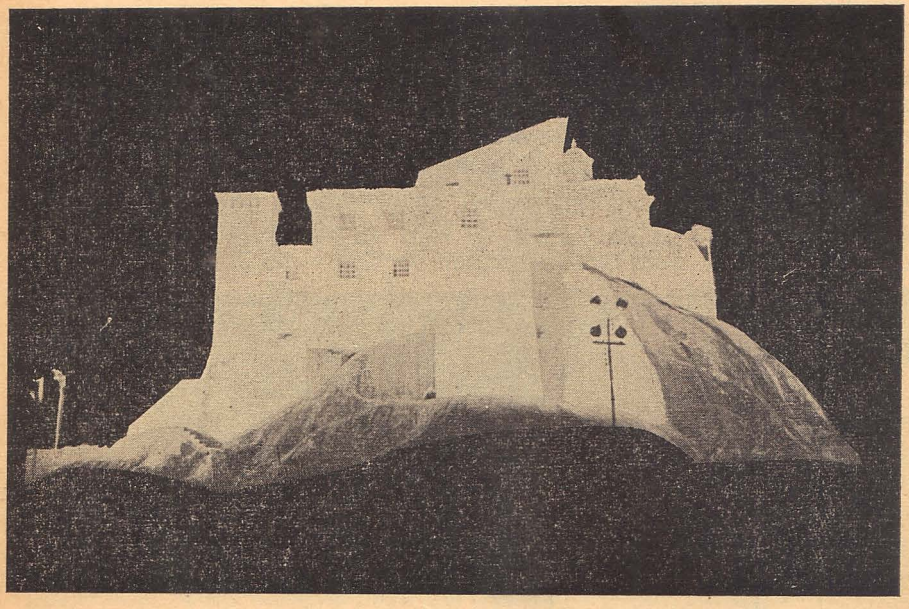
48) Jaboatão, *op. cit.*, parte I, vol. II, p. 45. — Gomes Neto, *As maravilhas*, p. 99. — Escreve Frei Manuel da Ilha (fls. 284 v.) que se cavou a terra durante três dias para encontrar os despojos do Servo de Deus no pórtico da capela, onde se presumia (sic) estarem sepultados e onde de fato foram exumados. Por maior que seja o respeito que temos ao manuscrito do Insulano, elaborado em 1621, não é crível o que afirma. E' admissível que ainda não existisse a lápide a que se refere Frei Jaboatão; mas seria muito para

Os Religiosos tiveram intenção de fazer tudo em segrêdo. Não o conseguiram. Pois, espalhando-se a notícia, o povo de ambas as vilas, sem distinção de pessoas, foi ao monte, ocupando-o e pedindo que o não quisessem privar do precioso tesouro. Aquiesceram, porém, ao ser-lhes dito que era para dar aos despojos jazigo mais digno e que algumas relíquias ficariam aí na capela.

Fêz-se em seguida a trasladação. "Com novos alvoroços de devoção, escreve Jaboatão, se fêz aquêle ato de transferir os ossos do Servo de Deus do monte da Penha para o Convento de Vitória, sendo levados em procissão solene aos ombros dos principais do povo, com hum numeroso concurso de ambas as vilas, entre muitas luzes, e

---

estranhar se se tivesse apagado a lembrança do lugar na memória dos habitantes depois de 39 anos apenas, ainda mais porque viviam pessoas que assistiram ao entêrro em 1570. Também êsse "cavar a terra durante três dias" não pode ser. Tanta terra não havia no rochedo. Diz o Insulano também que os ossos foram encontrados com resto do hábito e do rosário: mas nada refere sôbre a calvaria com os miolos inteiros e secos. V. Frei Dagoberto, *História*, p. 14.



O CONVENTO ILUMINADO À NOITE

A iluminação externa do Convento da Penha, para cujas despesas concorreu o comércio de Vitória, sob a orientação do sr. Dante Michelini, foi inaugurada no dia 16 de setembro de 1951, por ocasião do regresso da imagem de Nossa Senhora da Penha da capital. O Convento permanece iluminado, tôdas as noites, pelo espaço de 3 para 4 horas, concorrendo para as despesas com o consumo de luz o Govêrno do Estado.

cânticos sagrados, e recolhidos em hum túmulo de pedra lavrada na capela do seráfico doutor S. Boaventura".[49]

Na face do túmulo, encerrado na parede, foi colocada a mesma tampa que cobria a sepultura no alpendre da capela da Penha, com os seguintes dizeres:

> *Sepultura do santo Frei Pedro Palácios, natural do Rio Sêco em Castela, fundador desta Hermida, que assim na vida, como depois da morte, floresceu com milagres. Faleceu na Era de 1570.*

Além de um Religioso corista, repentinamente curado, diversas pessoas receberam a saúde tocando nos ossos de Frei Palácios encomendando-se à sua intercessão, e isto não só na trasladação, mas também posteriormente e em outras localidades.[50]

Solenidade, como a da trasladação dos ossos de Frei Palácios, Vitória só vira doze anos antes na chegada do corpo do Ven. Anchieta. Não eram, na verdade, "despojos tristes da morte", mas "insígnias gloriosas da imortalidade" que em ambos os casos eram conduzidas em triunfo pelas ruas da Vila Velha e Vitória.[51]

Seja-nos permitido acrescentar mais algumas notícias sôbre o paradeiro dos ossos de Frei Palácios. Foi dito acima por Jaboatão e concorda Frei Apolinário da Conceição, porque ambos tiveram presente o processo mandado tirar por Frei Vicente do Salvador em 1616, que na trasladação os despojos foram para a parede junto à capela de S. Boaventura, quer dizer, junto ao altar do Santo, ao lado do Evangelho. Frei Apolinário, porém, achou-os no seu tempo, alguns anos antes de 1730, na parede do lado oposto da capela-mor, perto da porta lateral, onde existia o altar da Conceição;[52] cala-se, porém, sôbre a lápide com a inscrição.

Na nossa opinião, não houve mudança de túmulo, mas de título dos altares laterais.

Conservaram-se os ossos no mesmo lugar até aos nossos tempos, assinalado não mais com a lápide, que desaparecera,[53] mas com pedaço de tábua e a inscrição: *Hic jacent ossa Petri Palatii* e florão em relêvo em baixo. Assim no-lo afirmaram pessoas de Vitória e já tínhamos ouvido anteriormente.

Quando, em dezembro de 1940, visitamos Vitória, com o fim de enriquecer o nosso manuscrito sôbre a história do Convento com mais

---

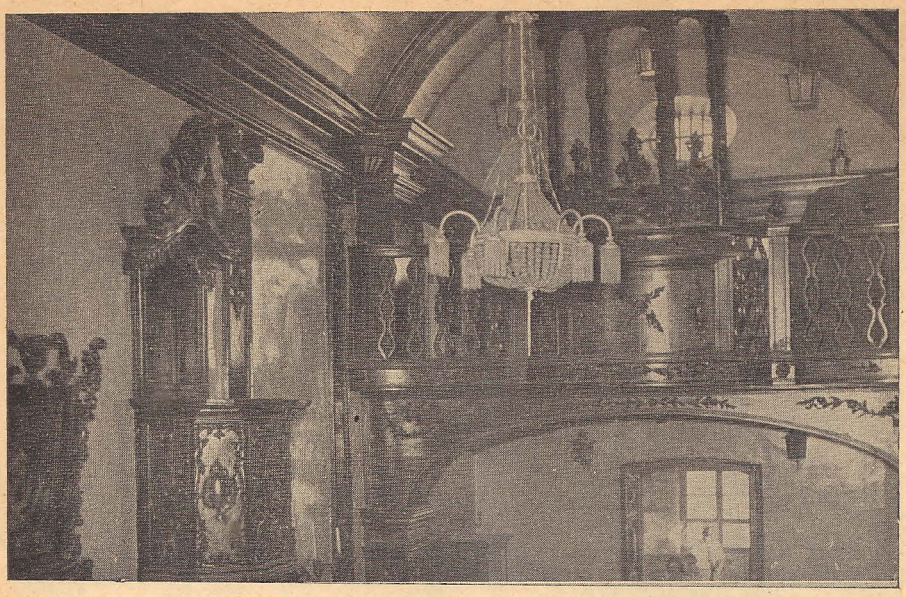
49) Jaboatão, *op. cit.*, parte I, vol. II, p. 47. — A afirmação de Teixeira de Melo (Teixeira de Melo, *Efemérides Nacionais*, I, p. 276) e de F. Macedo, S. J. no *Brasil Religioso* (Baía, 1920) de que os ossos foram depositados em frente do altar-mor no Colégio dos Jesuítas é única e não tem fundamento histórico. V. Frei Samuel, *A Ordem*, p. 10.

50) Insulano, fls. 284 v. 285. — Frei Apolinário, *Epítome*, § 8.

51) Sôbre o entêrro de Anchieta v. Leite, *Páginas*, p. 171.

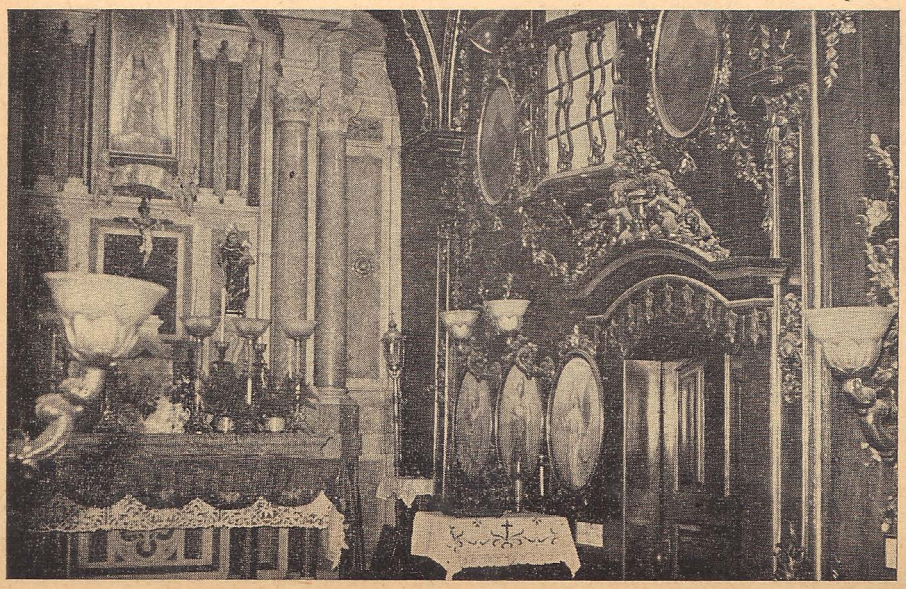
52) Frei Apolinário, *Epítome*, § 8.

53) Anônimo, *Manuscrito*, na Bibl. Nac.



INTERIOR DO SANTUÁRIO

O Santuário da Penha, em seu estado atual, data de 1644, quando, então, no tempo do govêrno de Frei Paulo de Santo Antônio, eleito guardião do Convento de Vitória, em 1639, se levantou o corpo da igreja, transformando-se a capela existente em capela-mor. As fontes históricas nada revelam sôbre quantos altares se puseram no santuário depois de todo acabado. Em 1865, porém, já existiam os atuais: Senhor Bom Jesus, do lado do evangelho; Nossa Senhora das Dores, do lado da epístola; e Sant'Ana, na capelinha.



notícias, tivemos a decepção de não encontrar mais coisa alguma. O P. Leandro Del'Uomo, depois de 1926, não salvou nem os veneráveis ossos, que, misturados com o entulho ou outras ossadas encontradas, foram parar onde ninguém o sabe.

A memória de Frei Pedro Palácios vive indelével entre os Religiosos da Ordem franciscana no Brasil e particularmente na Província da Imaculada Conceição. Mas vive também entre os habitantes do Espírito Santo e viverá enquanto existir no cume do monte o Santuário com o Convento da Penha.

Doação da ermida aos Franciscanos

DEPOIS da morte de Frei Palácios, a ermida de Nossa Senhora da Penha ficou a cargo de alguns devotos e amigos do falecido, que se incumbiram de sua conservação. Entre êles destaca-se Nicolau Afonso,[38] que ajudara também a Frei Palácios na construção. Informa Frei Apolinário [39] que executou algumas obras: "acrescentou a capela em redonda" e ornou-a custosamente, donde resultou uma "obra graciosa", no dizer de Fernão Cardim. Podiam então caber nela umas trinta pessoas. A escritura, porém, que logo adiante transcrevemos, atribui esta reforma aos moradores em geral.

Continuavam também as romarias da parte do povo em geral e, em particular, dos navegantes a pedir ou agradecer à Nossa Senhora boa viagem.[40]

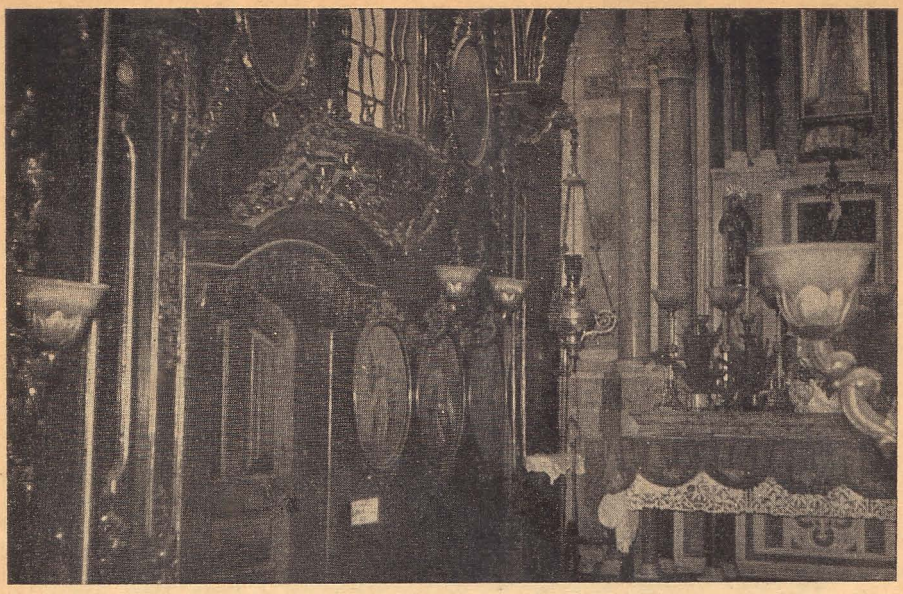
Em 1573 para lá foram em romaria os Jesuítas dar graças à SS. Virgem depois de salvos do naufrágio que sofreram na foz do Rio Doce [41] e o já citado Jesuíta P. Fernão Cardim escreve, em 1585: "A capela é de abóbada pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria dia de S. André, e todos dissemos Missa com muita consolação".[42]

O movimento religioso, todavia, não podia ser grande, por faltarem sacerdotes que permanentemente se encarregassem do culto e atendessem às necessidades espirituais dos romeiros. Esta situação precária durou dois decênios.

O segundo donatário da Capitania, Vasco Fernandes Coutinho, tendo notícia do grande bem que faziam os recém-chegados Franciscanos nas partes de Pernambuco, dirigiu-se com muitas instâncias ao Custódio Frei Melchior de S. Catarina, que então se achava na Baía, pedindo Religiosos para sua Capitania. Tinha intenção de lhes entregar a Capela de Nossa Senhora da Penha. Ao chegarem os primeiros Franciscanos a Vitória, em novembro de 1589, o donatário já

---

38) Não era Religioso, como pensa Machado de Oliveira e outros.
39) Frei Apolinário, *Epitome*, § 9.
40) *Rev. Inst. Br.*, t. 6 (2ª ed. 1865), p. 428.
41) Leite, *História*, I, p. 222.
42) *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 65 (1902), parte I, p. 52.



INTERIOR DO SANTUÁRIO

O assoalho, em estilo mosaico, foi colocado, em 1879. Suspensa na parede, ao lado esquerdo de quem entra, vê-se a imagem de Jesus Crucificado, restaurada em 1951, e lembrada nos versos de Domingos Caldas (XVI):

"Aqui mesmo o Senhor Crucificado
De qualquer pecador a vista observa..."

O púlpito, muito elevado, segundo o gôsto da época, talvez, tenha sido usado parcimosamente e nêle pregado Monte Alverne. Tem a sua entrada pelo corredor contíguo e hoje serve apenas de ornato para o santuário.

---

não estava entre os vivos, mas foram bem recebidos pela viúva, seu adjunto, oficiais da Câmara e principais da terra.

Não consta que os dois Religiosos tivessem dado qualquer passo para entrar na posse da Capela da Penha. Limitaram-se a escolher um terreno em Vitória e voltaram para Pernambuco. Sendo mandados pela segunda vez pelo mesmo Custódio, chegaram em fins de 1590 ou princípio de 1591, fizeram um recolhimento provisório e lançaram os fundamentos do Convento de S. Francisco.

Estavam as coisas neste pé quando as Autoridades de Vila Velha e Vitória resolveram realizar o antigo desejo de entregar a Capela da Penha aos Franciscanos. Fizeram-no por escritura de 6 de dezembro de 1591. Os dois Religiosos sabiam dêste intento quando, em meados de 1590, tornaram a Pernambuco a fim de conferenciar com o Custódio e por isso trouxeram na volta autorização para aceitar a Capela, como consta da escritura que já passamos a transcrever na íntegra:

"A Governadora Luísa Grinalda [viúva do donatário; outros escrevem Grimalda] e seu Adjunto o Capitão Miguel de Azeredo, desta Capitania do

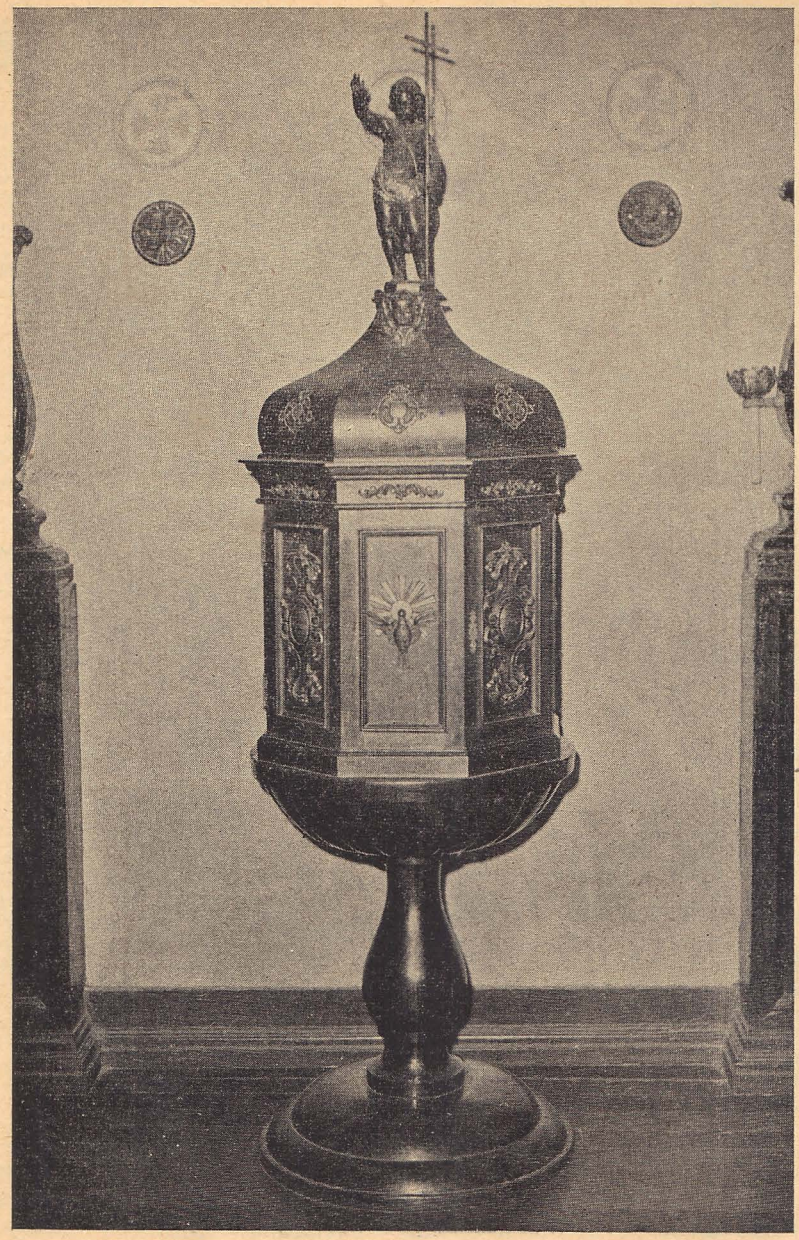
Espírito Santo, e oficiais da Vila da Vitória, e assim os da Câmara desta Vila do Espírito Santo da dita Capitania [Vila Velha, a cujo distrito pertence a Capela] que êste ano de noventa e hum servimos, etc. — Fazemos saber aos que esta Carta de doação virem, que vindo os Muito Reverendos em Cristo, Padres Capuchos da Sagrada Religião dos Frades Menores do Seráfico Padre São Francisco da Província de Santo Antônio de Portugal, mandados do Irmão Padre Geral Fr. Francisco Gonzaga, e por ordem de Sua Majestade a estas partes do Brasil a edificar casas e Mosteiros para glória e serviço de Nosso Senhor, e da salvação das almas, e aumento de nossa Santa fé Católica, com título de Custódia de Santo Antônio do Brasil, sujeita à mesma Província de S. Antônio do Reino de Portugal, confirmada por hum Breve Apostólico do Papa Sixto V de boa memória; sabendo isto Vasco Fernandes Coutinho, que Deus tenha na sua glória, Capitão e Governador, que então era desta Capitania, movido com santo Zêlo do Serviço do Senhor, e bem comum e aumento espiritual, que com os ditos Religiosos receberia esta Capitania, considerando o fruto que faziam em outras partes, onde já estavam, com sua vida, exemplo e doutrina, oração e sacrifícios, mandou pedir ao R. P. Fr. Melchior de S. Catarina, Custódio da sobredita Custódia, e Comissário destas partes, pelo Irmão Padre Geral, que lhe mandasse Religiosos a esta Capitania para nela fazerem casa, e habitarem, para que nós tão bem recebêssemos dêles a mesma doutrina e exemplo, pela muita devoção, que todos temos a esta mesma Sagrada Religião, oferecendo-lhe para sua morada a casa de Nossa Senhora da Pena, sita no têrmo da Vila do Espírito Santo, por respeito de a haver fundado hum Religioso da sua Ordem, chamado Fr. Pedro, que ali veio com licença de seus Prelados muitos anos, com muito exemplo de vida, e edificação do Povo, e ali acabou virtuosa e santamente, e foi sepultado em huma Ermida e Capela, que a êsse tempo tinha feito, e por sua morte os moradores desta Capitania, por sua devoção, e por respeito do lugar a reformaram e aumentaram, e sustentaram no estado em que hoje está, e sempre com intento e desejo de a entregar aos Religiosos da dita Ordem para nela habitarem, e assim o mandaram pedir ao dito Padre Comissário; e posto que êle não pôde mandar Religiosos, por arribarem às Índias, os que vinham do Reino em Companhia do Governador Geral Francisco Giraldes; ordenou Nosso Senhor, como depois mandasse outros para esta capitania para satisfazer nossos desejos e edificar casa nela, aos quais recebemos com a devoção, e caridade de sua Santa conversação, e doutrina, Sacrifícios, ofícios, Orações, e mais exercícios, e recebermos o proveito espiritual, que dêles pretendemos, lhe damos sítio nesta Vila da Vitória, onde ora estão, e nós com êles não menos edificados, que satisfeitos, e consolados; e desejando nós corresponder da nossa parte, e mani-

---

PIA BATISMAL

A pia batismal, peça de fino lavor, com a parte superior de cedro e a base de legítimo jacarandá, é um móvel que orna sobremaneira o santuário. Encima-o a figura do Precursor S. João Batista. Em cada face do octógono, que serve de resguardo à pia, estão gravados, em medalhões dourados e circundados de tarjas ricamente trabalhadas, os nomes dos sete dons do Espírito Santo, cujo símbolo ocupa ainda a última face.

E' nessa magnífica pia batismal que se administra o santo sacramento do batismo. O Santuário da Penha, muito embora alcandorado no vértice de uma montanha, é visitado e procurado constantemente por inúmeros peregrinos, turistas, curiosos e devotos, que nêle vêm cumprir as suas promessas, formular as suas preces, admirar-lhe as obras de arte ou, então, descansar os olhos por sôbre o panorama maravilhoso das serras e do mar. Muito procurado é o Santuário, sobretudo, para a realização de batizados, aqui provindo crianças de todos os recantos do Espírito Santo e dos Estados vizinhos. A estatística do ano de 1956 acusou 2.378 batismos efetuados no Santuário da Penha, número êsse que ano para ano vai se elevando à medida que melhoram as condições de transporte,



festar a gratificação, que devemos, e a razão, que temos de louvar a Nosso Senhor pela mercê, que nos fêz em nos trazer os ditos Religiosos a esta terra, e não se satisfazendo de todo os nossos desejos e devoção com os têrmos sòmente nesta Vila da Vitória, mas tão bem em a casa de Nossa Senhora da Pena, já dita, por ser lugar mui acomodado, e disposto para fazerem ali muitos serviços a nosso Senhor, e para consolação dos devotos, que ali concorrem por devoção da Senhora, e Navegantes, que a ela se vão encomendar, pelo qual, juntos nós com o muito R. Francisco Pinto, Vigário desta Vila da Vitória, e ouvidor da vara nesta capitania, nos fomos ao mosteiro do glorioso P. S. Francisco, e com muita instância pedimos aos Muito Religiosos em Cristo Padres Fr. Antônio dos Mártires, e Fr. Antônio das Chagas, seu companheiro quisessem receber a dita casa de Nossa Senhora da Pena, e fazerem nela hum oratório, pois lhes era tão devida, e pertencente pelas razões atrás declaradas, os quais nos responderam, que êles aceitariam a dita casa por autoridade, que para isso tinham do dito Padre Comissário, seu Prelado, da maneira e forma, que êles podiam e segundo sua Regra, e declarações dela, feitas pelos Sumos Pontífices, especialmente Nicolau III e Clemente V, convém a saber, uso simples que êles podem ter das coisas oferecidas, e dadas à sua Ordem. Pelo que, de consentimento dos moradores da dita casa de Nossa Senhora que nisto intervieram, e procuraram com os ditos Religiosos a tal aceitação, e de comum voto, e parecer de todo o Povo desta Vila da Vitória, que para isso foi junto em câmara, todos os sobreditos juntos, e cada hum per si, com todo o direito, jurisdição, e ação, com que fazer o podemos, de hoje para sempre damos, e doamos à sobredita Ordem e Custódia dos Frades Menores Capuchos de S. Antônio do Brasil da obediência da Província de S. Antônio do Reino de Portugal da Ordem do Seráfico Padre São Francisco a dita casa, e Igreja de N. Senhora da Pena. E assim e da maneira, que a êles podem receber, segundo por êles nos foi declarado, com tôda a fábrica do edifício, que nela está feito, assim de casa, como de outra qualquer obra de pedra, cal, tijolo, madeira; e assim também para mais recolhimento seu, e para que ao diante não sejam molestados, e devassados com lhe fazerem roças ao redor daquele monte, ou com gados, lhes damos todo o chão, e terra desde o pé do dito monte até o cume, que outra pessoa não fôsse primeiro dado. E assim mais tôdas as águas, e fontes que nêle há, e todos os mais bens e coisas à dita Igreja anexas, obrigadas, e pertencentes. Mas, porque os ditos Frades não são capazes por sua Regra da propriedade e domínio de coisa alguma, havemos por bem, e queremos que tal propriedade, e domínio de tôdas elas, logo seja traspassado, e de feito traspassamos ao Sumo Pontífice da Santa Igreja Romana, como está declarado pelos Papas acima ditos, e na forma que dito he, houvemos esta doação por feita, firma, fixa, e valiosa de hoje para sempre, e mandamos deitar, e registar no livro das doações da Câmara desta Vila da Vitória para em todo o tempo se saber de como lhe foi feita por nós, a qual vai por nós assinada e selada com os selos que entre nós servem. Dada na dita Vila da Vitória aos seis dias do mês de dezembro. Gaspar Carvalho, Tabelião na dita Vila da Vitória, e que ora serve de escrivão da Câmara em ausência do proprietário, a fêz por nosso mandado, ano de mil e quinhentos e noventa e hum anos. Sobredito tabelião o escrevi. — D. Luísa Grinalda. Miguel de Azeredo. Marcos de Azeredo. Marcos Veloso. Domingos Luís. Francisco Pinto. Gaspar de Paiva. Domingos Rodrigues. — Fica registada esta doação no livro dos Registos desta Câmara da Vila da Vitória e fôlhas vinte e quatro e vinte e cinco do dito livro por mim Gaspar Carvalho tabelião, que sirvo na dita Câmara, e por verdade a assinei hoje vinte de dezembro de mil e quinhentos e noventa e hum anos. Gaspar Carvalho".

Desta escritura, liberal e ampla, se colige que os Franciscanos que vieram fundar Convento em Vitória deram a todos luminoso exemplo de virtude e que os moradores, por sua vez, tinham grande estima e sincero amor para com a Ordem franciscana. Outrossim, consta da mesma escritura que em 1591 já existia casa qualquer no alto do monte e diz a tradição que era uma modesta moradia no lugar onde ao depois se fêz a casa de hospedaria.

PAINEL DE NOSSA SENHORA

Êste painel é de uma beleza impressionante, de rara perfeição, tanto assim que o próprio Benedito Calixto, nome consagrado na arte sacra no Brasil, louvava, com palavras encomiásticas, a felicidade e a precisão com que o executou o artista. Não se sabe onde Frei Pedro Palácios o tenha adquirido, e nem qual seja o seu autor, havendo quem atribua a sua autoria a discípulos dos célebres pintores da Renascença. O painel deu lugar à atual imagem de Nossa Senhora da Penha, em 1570, e, longo tempo, estêve na sala da portaria do Convento. Conserva-se hoje, na parede, à direita do púlpito.

Os dois Religiosos mencionados na escritura levaram em seguida o documento ao Rio de Janeiro para a doação ser confirmada pelo Administrador eclesiástico Bartolomeu Simões Pereira. E' o que aconteceu a 7 de março do ano seguinte, isto é, de 1592. Diz o Administrador no seu Decreto que não sòmente confirma a doação, mas que também extingue a confraria que na capela funcionava desde o tempo de Frei Palácios, e que ninguém vá contra a escritura sob pena de excomunhão *ipso facto*.[43]

A capela da Penha até à fundação do Convento

FRANCISCANA era a capela de Nossa Senhora da Penha por fundação; franciscana ela se tornou em 1591 de direito pela escritura pública. Desde então, os filhos de S. Francisco incumbiram-se do culto, aumentaram a fábrica e transformaram-na em o célebre Santuário. E tanto amor tinham os frades a Nossa Senhora da Penha, que não sòmente Religiosos de virtude pediam aos Superiores licença para no Santuário concluir seus dias, mas que entre as excelências da Província enumeravam a de ser ela defendida por dois Santuários com imagem miraculosa de Nossa Senhora, o da Penha nas partes do norte e o da Conceição de Itanhaém nas do sul.[44]

Coisa semelhante conta Frei Vicente do Salvador. O terceiro donatário Francisco de Aguiar Coutinho não quis fortificar a terra porque "dissera a Sua Majestade que tinha uma fortaleza na barra de sua Capitania que lha defendia, e não havia mister mais, e que esta era a ermida de Nossa Senhora da Penha que ali está".[45]

Nos primeiros tempos depois da tomada de posse, os Franciscanos mandavam de Vitória dois Religiosos para dizerem a Missa todos os sábados.[46] Mais tarde, êstes Religiosos residiam no monte, mas em dependência do Guardião de S. Francisco de Vitória.[47]

Continuaram os Religiosos a administrar a capela desta forma até 1639. Nesse tempo já existiam casas para romeiros e em volta do cimo da rocha havia um muro de resguardo até ao peito, para se fazer procissões.[48]

Sòmente dois fatos extraordinários ocorreram neste intervalo de tempo que pertencem à sua história. O primeiro é a trasladação so-

---

43) *Tombo G.*, I, fls. 32. — Jaboatão, *op. cit.*, parte II, vol. II, p. 416.
44) *Tombo G.*, I, fls. 13.
45) Frei Vicente do Salv., *História*, p. 97.
46) Idem, *l. cit.*
47) Apesar do que diz Machado de Oliveira nos seus Extratos do livro do Tombo do Convento da Penha — Rev. Inst. Hist. Br., t. 19 (1856), p. 263 e 266 — sôbre a primeira moradia dos dois Religiosos ao pé da montanha e sôbre a construção de uma casa provisória no alto, cremos que os frades se aboletaram na casa já existente, de que fala a escritura.
48) Insulano, fls. 283, 283 v.

IMAGEM DO SENHOR BOM JESUS

E' dentre tôdas as que existem no santuário a que mais impressiona pelo realismo vivo de suas linhas. A figura sofredora de Jesus, com as mãos atadas, rosto macilento, ombros e costas transformados numa chaga viva, sua cabeça levemente inclinada, seus olhos entumecidos numa expressão infinita de dor, não deixa de agir poderosamente na sensibilidade de todos quantos a contemplam, infundindo-lhes um sentimento de compaixão e de ternura para com Aquêle que tanto assim sofreu pelos homens.

Venera-se em seu altar, no lado do Evangelho.

lene dos ossos de Frei Palácios, em 18 de fevereiro de 1609, para a igreja do Convento de S. Francisco de Vitória. Foi o dia de triunfo do Servo de Deus. Mas êste acontecimento já registamos nas suas circunstâncias à página 24.

O outro fato importante é o processo que em 27 de julho de 1616 se iniciou sôbre a vida e virtudes do santo fundador, a instâncias do Custódio Frei Vicente do Salvador e por ordem do Administrador eclesiástico Mateus da Costa Aborim. Depuseram muitas pessoas, entre as quais se destacam o capitão da Aldeia de Rerigtiba, morador na Vila Velha, ancião de 102 anos de idade, Frei João da Assunção, Guardião do Convento de S. Francisco, Lourenço Afonso, Gomes Fernandes, Brás Pires e outras. Todos atestaram a vida santa de Frei Palácios e alguns fatos reputados miraculosos. Os autos dêste processo, que devia ser o início do de canonização (a que nunca se chegou e dizem que por falta de recursos para as custas) estiveram guardados no cartório (arquivo) do Convento de Vitória e Frei Jaboatão afirma que dêles teve a certidão jurada;[49] mas hoje nem o original nem a certidão aparecem, ou porque se perderam ou porque descansam em lugar desconhecido, empoeirados e comidos pela traça.

No sobredito ano de 1639 foi eleito Guardião do Convento de Vitória Frei Paulo de S. Antônio e continuou no cargo até 1643. No tempo de seu govêrno fêz muito para o engrandecimento da capela de Nossa Senhora da Penha: reformou-a tôda, fazendo da capela existente capela-mor, levantando o corpo da igreja, guarnecendo a barra de azulejos e ampliando a pequena sacristia. Além disso calçou a ladeira para facilitar o acesso.[50] Foi uma obra gigantesca em tão pouco tempo.

Desde então a capela da Penha tem o feitio que hoje apresenta e por isto doravante não a chamaremos mais capela, mas sim com o nobre título de Santuário. As suas dimensões são estas: corpo, 72x23 palmos; capela-mor, 23x19 palmos.[51]

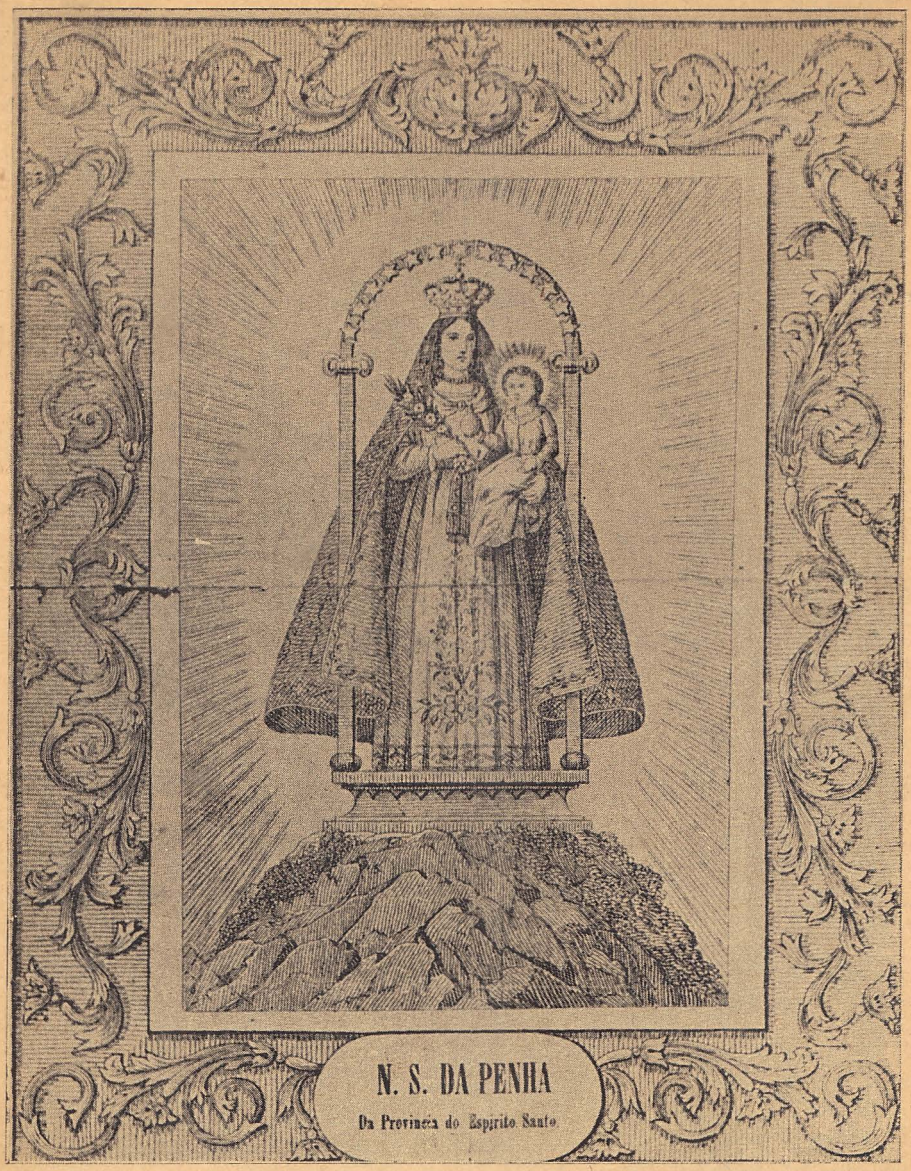
As fontes históricas nada revelam sôbre quantos altares se puseram no Santuário depois de todo acabado. Só muito mais tarde Frei Apolinário faz menção de um altar no corpo da igreja, lado da Epístola, em que se celebrava Missa, sem dizer quem o orago (S. Maurício?). Descreve ao mesmo tempo como se faziam as procissões: saía o préstito pela porta ao lado do Evangelho, rodeava o Santuário, en-

---

49) Jaboatão, *Novo Orbe*, parte I, vol. II, p. 33.

50) Jaboatão, *op. cit.*, parte II, vol. II, p. 404.

51) Gomes Neto (*op. cit.*, p. 105), copiando Pizarro (*op. cit.*, II, p. 11), escreve que a construção do corpo da igreja foi iniciada em 1637, e diz Pizarro que encontrou esta data lavrada na parede do templo; mas, ou Pizarro não leu bem, ou trata-se de um êrro de imprensa. Em 1637 Frei Paulo ainda não era Guardião. Sôbre o que Pizarro (*op. cit.*, II, p. 12) e Machado de Oliveira (Rev. Inst. Hist. Br., t. 19, 1856, p. 269) escrevem acêrca de obras executadas em 1744, leia-se a monografia sôbre o Convento de S. Francisco de Vitória, em *Páginas de Hist. Franc. no Brasil*, 2ª ed., 1957. Acertaram os "Ecos Marianos", dizendo que "o Santuário da Penha, como está hoje, data de 1644".



VELHA ESTAMPA DE NOSSA SENHORA DA PENHA

trava pela porta do côro no corredor lateral e tornava ao recinto do Santuário pela porta ao lado do sobredito altar.[52]

Daí se infere que a capela no corpo da igreja, que ora impede a passagem em volta do Santuário, e mais um altar lateral foram feitos depois de 1730, ignorando-se, porém, o ano. Em 1865, os oragos eram os seguintes: do Altar ao lado do Evangelho, Bom Jesus, do ao lado da Epístola, Sant'Ana, da capelinha, Nossa Senhora das Dores.[53]

Depois de findar o seu tempo de Guardião em Vitória, Frei Paulo foi transferido para a Penha. Aí encontrou o Irmão leigo Frei Francisco da Madre de Deus, Religioso que, como êle, era modêlo de virtudes. Terminaram as obras encetadas em 1639 e levaram na montanha uma vida de rigorosa penitência, vivendo ainda depois da morte na lembrança do povo como varões santos.

A investida frustrada dos holandeses

NO tempo das conquistas holandesas, a Capitania do Espírito Santo sofreu diversos assaltos. Tanto em 1625 como em 1643, os portuguêses saíram vencedores, não sem a cooperação dos Franciscanos. Jaboatão, que conta esta última vitória, refere logo em seguida uma investida contra o Santuário da Penha, mas milagrosamente frustrada.[54]

Haviam os holandeses tomado pôrto na Vila Velha e já começavam a fortificar-se quando diante de seus olhos o Santuário ia se transformando em castelo, cercado de fortes muralhas e defendido por um esquadrão de soldados. Do monte descia muita gente a pé e a cavalo, todos "com armas luzentes e bem preparadas". No morro, entretanto, não tinha ficado pessoa alguma e a própria Imagem tinha sido removida para o Convento de S. Francisco.

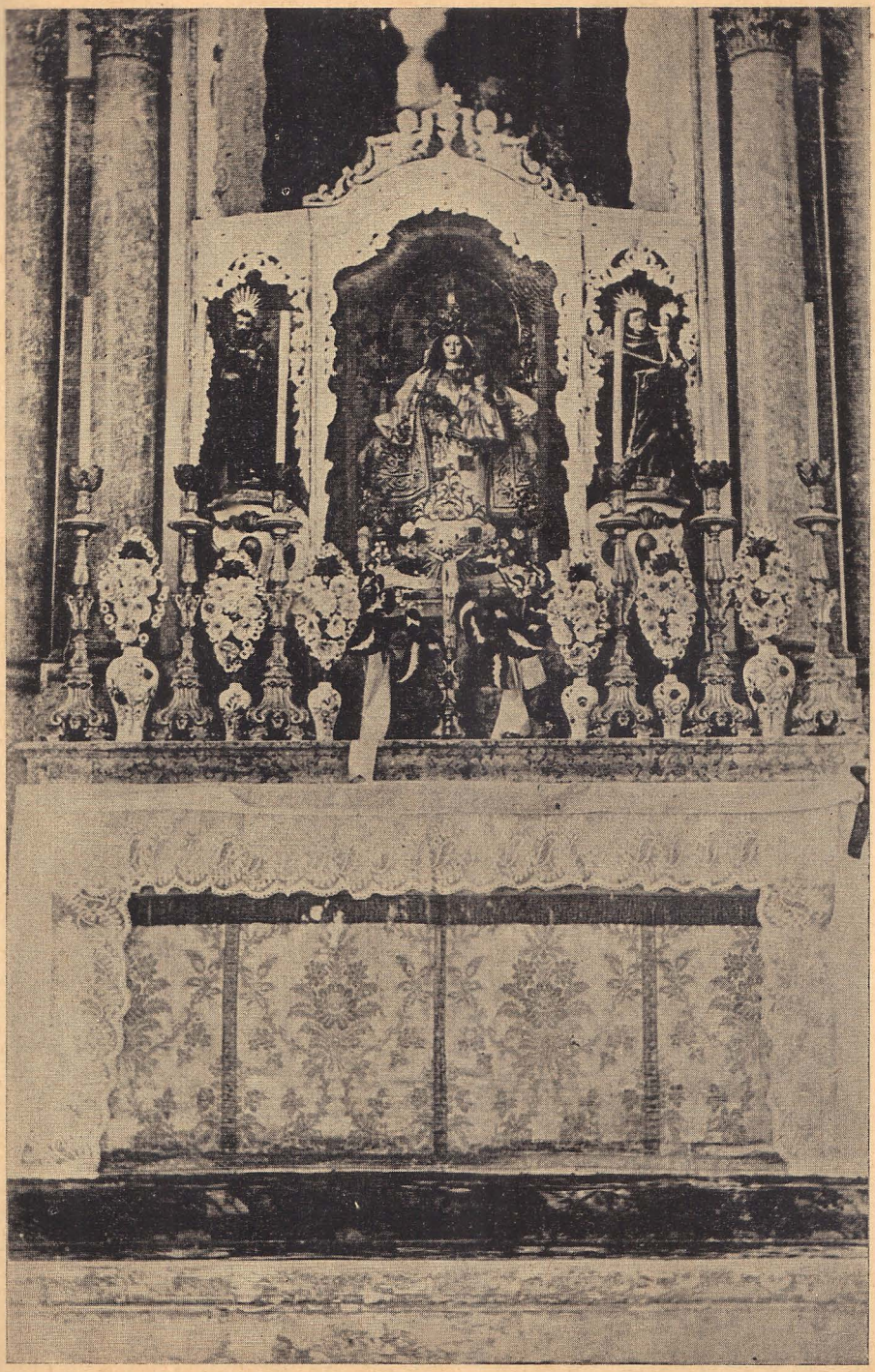
À vista dêste espetáculo aterrador, os holandeses fugiram desordenadamente e recolheram-se às suas naus. Foram, porém, acometidos por um pequeno grupo de moradores, que lhes mataram uns quarenta homens.

O fato deu-se no dia 22 de setembro, dia dos santos soldados mártires da legião tebana, com seu capitão S. Maurício. Por êste

52) Frei Apolinário, *Epítome*, § 9.
53) Anônimo, *Manuscrito*, na Bibl. Nac.
54) Jaboatão, *op. cit.*, I, vol. II, p. 92.

ALTAR DE NOSSA SENHORA EM 1898

Por essa fotografia histórica se podem notar perfeitamente as modificações feitas no altar em 1910. A imagem milagrosa, hoje num nicho ao alto, estava colocada em baixo, no lugar atualmente ocupado pelo sacrário. Os grandes castiçais, de madeira finamente lavrada, quatro dêles foram recuperados e hoje se encontram nos altares laterais. Duas das jarras de fina porcelana estão conservadas no "Museu de Nossa Senhora".



motivo, os moradores, além de agradecerem a Nossa Senhora a defesa de seu Santuário, interpretaram o esquadrão ao pé do castelo como sendo a legião tebana, que no dia de seu martírio veio prestar socorro. Erigiram depois no Santuário, num dos arcos da Epístola, um altar em honra de S. Maurício e fundaram uma confraria.[55]

As pretensões dos Padres da Companhia

A vida santa que Frei Paulo e Frei Francisco levaram na pobre casinha junto ao Santuário de Nossa Senhora não correu sem incidente desagradável. Em 1648, quatro anos depois de, arcando com ingentes trabalhos, concluírem as vultosas obras realizadas no Santuário, os PP. Jesuítas tentaram esbulhar a Ordem franciscana da posse do Santuário indo pleitear em juízo. Não possuímos os autos dêste processo, nem o seu traslado, de modo que não é líquido quais os argumentos todos em prol de suas pretensões. Só sabemos por Jaboatão,[56] que teve conhecimento dos autos, que os Jesuítas negavam o direito dos

55) Rev. Inst. Hist. Br., t. 19 (1856), p. 266. — *Ecos Marianos*, 1938, p. 75. O autor do artigo no *Ecos* assinala para esta invasão o ano de 1769, no que há manifesto equívoco. Também a narração é mais enfeitada e tem anacronismos, como é anacrônico o quadro de Benedito Calixto, representando "A visão dos holandeses". Em 1643 ainda não existia vestígio de Convento no morro da Penha.

56) Jaboatão, *op. cit., parte* II, p. 416.

CAPELA-MOR

O primitivo altar de Nossa Senhora da Penha deve ter sido lindo, todo trabalhado em madeira, de acôrdo com o estilo da igreja. Já não mais existe, nem sequer uma relíquia, corroído que foi, talvez, pelo cupim, ou, quem sabe, derrubado pelas mãos dos coveiros de antiguidades preciosas. Não duvidamos que o atual o tenha substituído e seja o mesmo do qual fala Domingos Caldas (1770) em seu "Poema Mariano sôbre a Penha do Espírito Santo" (XX):

— O altar-mor de pedra é todo feito,
Branca, vermelha, azul e amarela,
Tendo da mesma iguais alunas
Figuras, festões, tarjas e colunas. —

O comendador Cícero Bastos, de S. Paulo, cujo nome está gravado na pedra de base do sacrário, sôgro do então presidente do Espírito Santo, Jerônimo Monteiro, mandou fazer, às suas expensas, algumas modificações e outros acréscimos na parte central e na parte inferior da mesa do altar. Em 1951, Frei Genésio Hausen fêz restaurar por um artista de nome as imagens de S. Francisco e de S. Antônio. No mesmo ano foram recolocadas no altar, onde sempre estiveram.

Na capela-mor, o santuário pròpriamente dito e primitivo lugar da ermida construída por Frei Pedro Palácios, vêem-se obras admiráveis de entalhe e escultura, executadas pelo hábil escultor José Fernandes Pereira que Frei João do Amor Divino Costa, último frade restante da antiga Província da Imaculada Conceição, trouxe da Côrte, em 1874, para o consêrto de tôda a igreja, aqui trabalhando durante quatro para cinco anos. Os retábulos do alto, de

ambos os lados, foram pintados nessa mesma época, pelo célebre pintor Vítor Meireles, e representam cenas da construção do santuário e do convento; os de baixo, representando o S. Coração de Jesus e o de Maria, ladeados por anjos, são cópias primorosas executadas por uma filha de Benedito Calixto, às quais, dada a perfeição com que foram feitas, lhes emprestou o nome o notável pintor.

Franciscanos, alegando o voto de pobreza altíssima que a nossa Ordem professa.

Mas com êste argumento, se valesse, podia-se pôr todos os Franciscanos no ôlho da rua, porquanto em parte nenhuma são êles em consciência os proprietários, senão simples usufrutários, pertencendo o domínio radical sempre à Igreja Romana, representada pelo síndico apostólico.

Os Franciscanos, pois, tiveram de sair em defesa de seus direitos sôbre o Santuário da Penha. Não era coisa difícil e não se compreende a atitude dos Padres da Companhia em levantar a questão, pois deviam estar a par de tôda a história do Santuário e não ignorar a escritura de 6 de dezembro de 1591, em que a questão da propriedade é tratada com tôda a clareza. Será temerário suspeitar neste processo qualquer ressonância do estremecimento entre Jesuítas e Franciscanos em S. Paulo? que só acabou em 1651 depois da Carta régia de 3 de março, a que os Padres da Companhia prometeram submeter-se.[57]

Os nossos Prelados, calando os aborrecimentos inerentes a todos os pleitos judiciais, não tiveram outro trabalho que o de provar a posse de direito e de fato. O primeiro fizeram com a apresentação da escritura.[58] O fato da posse provaram com sete testemunhas, que tôdas depuseram que os "Religiosos Menores ia por cinqüenta e oito

57) Veja a monografia sôbre o Conv. de S. Paulo, em *Páginas de Hist. Franc. no Brasil.*

58) O processo correu em 1648; mas os Nossos tiveram anteriormente conhecimento das pretensões, pois o traslado da escritura (*Tombo G.*, I, fls. 31) foi feito em 31 de dezembro de 1647, a pedido do Comissário dos quatro Conventos do sul, Frei João da Assunção, o mesmo que teve de intervir na questão jesuítica em S. Paulo.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, fundador da Ordem dos Frades Menores

Nasceu em Assis, Itália, no ano de 1182. Filho de rico negociante, os anos de sua juventude levou-os imbuídos de certa mundanidade, sem porém, poluí-los na sordidez do pecado. Possuía uma alma nobre, um coração excessivamente liberal, sobretudo para com os pobres, e um ânimo forte para qualquer realização. Inspirado por Deus, abandonou a casa paterna, a fim de melhor concretizar os ideais do bem que lhe acalentavam a mente. Certa feita, isto no ano de 1209, assistindo à santa missa na capelinha da Porciúncula, ouviu as palavras com que, no Evangelho, mandava o Salvador aos seus discípulos anunciar a sua doutrina, despojados de tudo, na mais extrema pobreza, nascendo-lhe então a idéia de arregimentar companheiros que estivessem enamorados dêsse ideal evangélico. E, naquele mesmo ano, com onze companheiros, segue para Roma, onde pôde com satisfação ver aprovada a sua regra por Inocêncio III, mais tarde, em 1215, pelo concílio Lateranense.

Pobre entre os mais pobres, desejou em tudo Francisco assemelhar-se a Cristo, do qual foi o mais perfeito imitador, recebendo já em vida, como recompensa, os sagrados estigmas. Sua Ordem estendeu-se ràpidamente na Europa, na Ásia e na África, nomeadamente na Espanha e em Portugal. Dentre os seus mais eminentes membros contam-se S. Antônio de Pádua, São Pedro de Alcântara, S. Benedito, o Prêto, sendo a sua Ordem, dentre tôdas as

demais, a que maior número de santos e bem-aventurados conta no agiologio da Igreja. Frei Pedro Palácios pertencia à Ordem dos Frades Menores, vulgarmente chamados Franciscanos. Não era sacerdote. Apenas um simples Irmão Leigo.

A imagem de S. Francisco venera-se no altar-mor do santuário, no lado do Evangelho.

anos estavam de posse da administração daquela ermida, cuidando de seu reparo, aumento, o Culto Divino, com exemplo, e edificação dos povos, crédito particular, e glória de Deus, como o publicavam os continuados prodígios, e milagres obrados ali por Virtude Divina, poder e valimento da Senhora".[59]

Como era de esperar, e de justiça, a sentença foi favorável aos Nossos.

O desfecho dêste pleito firmou para sempre os direitos dos Franciscanos, em dependência à S. Sé, sôbre o Santuário de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo. Mas teve ainda outra conseqüência e já vamos tratar dela.

Construção do Convento

ATÉ ao ano da tentativa dos PP. da Companhia, os nossos Religiosos só tinham trabalhado para o engrandecimento da Casa de Nossa Senhora. Em si próprios não pensaram, mas contentavam-se, como pobres de Cristo, com modesta moradia.

Esta situação, porém, mudou logo depois de vencida a questão. Os próprios dois Religiosos moradores no morro da Penha, Frei Paulo de S. Antônio e Frei Francisco da Madre de Deus, convenceram o Prelado maior da necessidade de aí se construir um Conventinho, com que mais eficazmente se garantiria a posse do Santuário para o futuro.

Desde fevereiro de 1649 vinha desempenhando o cargo de Custódio Frei João Batista. No mesmo ano visitou os Conventos do sul, fazendo a longa viagem da Baía até Santos a pé. Passando por Vitória

59) Jaboatão, *l. cit.*

RETRATO DA VERDADEIRA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA PENHA

A imagem de Nossa Senhora da Penha, encomendada por Frei Pedro Palácios em Portugal e inaugurada em 1570, tem 76 cm de altura. O porte é de uma nobreza, graça e naturalidade. A expressão, de uma doce melancolia. Por duas vêzes, nesses quatro séculos de existência, afastou-se ela do seu trono, no alto da Penha, para visitar Vitória: a primeira, em 1769, quando da grande sêca que assolava, então, a Capitania; a segunda e última, por ocasião das comemorações do IV centenário de fundação da cidade de Vitória, em 1951. Desceu ela, na tarde de 7 de setembro, e foi transportada à cidade no navio-escola "Guanabara", da nossa Marinha de Guerra. Indescritível o entusiasmo com que foi recebida pelo povo da capital! A sua visita constituiu o ponto culminante dos festejos programados do centenário. No dia seguinte, 8 de setembro, depois da missa pontifical, celebrada por Sua Eminência, o sr. Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, foi coroada solenemente pelo legado de Sua Santidade o Papa Pio XII e seu representante junto ao Govêrno Brasileiro, o sr. Núncio Apostólico, Dom Carlo Chiarlo, que, então, pronunciou substanciosa oração. As coroas de ouro maciço, de Nossa Senhora e do Menino Jesus, foram doação das senhoras capixabas, produto de uma bela campanha, promovida e dirigida pela exma. sra. do

Governador do Estado, d. Alda dos Santos Neves. A sagrada imagem permaneceu em Vitória até o dia 16, quando retornou ao seu santuário, entre manifestações de incontido júbilo da população. Seus vestidos são de veludo branco, todo bordado a ouro e guarnecidos com muitos adereços de pedras preciosas, brincos, cordões, broches, anéis, pulseiras, tudo de ouro, ofertas de seus devotos agradecidos.

A imagem, devido ao estado precário em que se encontrava, passou por uma reforma em regra, respeitando-se a sua forma original.

e Penha, teve ocasião de estudar a situação e ouvir pessoalmente a opinião dos Religiosos tanto do Convento como do Santuário. Manifestou-se, pois, favorável à idéia alvitrada e autorizou desde já ajuntassem material para a construção.

Disso se incumbiram os dois Religiosos da Penha, principalmente Frei Francisco da Madre de Deus, Irmão leigo.

O dito Custódio faleceu, extenuado pelas suas viagens a pé, no Convento de Santos, aos 13 de janeiro de 1650. Em seu lugar entrou Frei Sebastião do Espírito Santo, Guardião do Convento de S. Antônio do Rio de Janeiro. Dirigiu-se meses depois à Baía para celebrar a sua primeira Junta. Passando por Vitória, visitou também o Santuário da Penha e esposou a opinião de seu antecessor, isto é, que não se devia adiar a construção de um Convento. Examinou o rochedo com as possibilidades que oferecia para uma construção e, tendo já delineado a planta, prosseguiu viagem. Na Baía celebrou a Junta ou Congregação aos 21 de novembro e entre outras Casas (Angra dos Reis, Cairu) determinou-se também a edificação do Convento da Penha. Foi aprovado na mesma ocasião o plano do edifício, segundo as indicações do Custódio. Estavam previstas nesta planta nove celas para os Religiosos da comunidade e duas para hóspedes, com as varandas (corredores) e oficinas (cozinha, dispensa, etc.) por baixo, obedecendo tudo à configuração do rochedo.[60]

Ainda na mesma Junta Definitorial, tendo falecido no correr do ano Frei Paulo de S. Antônio, foi nomeado Superior da novel Casa o Irmão leigo Frei Francisco da Madre de Deus. Era uma exceção, só explicável pela confiança que os Superiores tinham na competência e virtudes de Frei Francisco.

Êste dedicou-se agora com mais afinco à obra. Nela gastava os dias, mas as noites passava em contínua oração diante da imagem de Nossa Senhora.

Nunca saía fora mais do que à praia e baixa do monte, e isto só quando era necessário providenciar sôbre materiais de construção.

No ano imediato de 1651 o Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo lançou a pedra fundamental nos alicerces.

O virtuoso Irmão leigo Frei Francisco da Madre de Deus foi substituído no superiorato em 1653 e um ano depois faleceu com fama de santidade.

---

60) Jaboatão, parte II, vol. II, p. 421.

CORREDOR MAIOR

Êste corredor, ou galeria, imediatamente contíguo ao santuário, até princípios de 1952 veio servindo para exposição de ex-votos e outras promessas. Durante o tempo em que foi capelão do santuário (1915-1942) o Padre José

Lidwin, abriu-se-lhe uma porta do lado sul, a fim de facilitar o acesso dos fiéis ao santuário. Serve hoje para exposição dos quadros de Benedito Calixto e de outros autores célebres.

À direita, encontram-se os quadros da Via Sacra, cujas figuras são de procedência italiana. À esquerda, a porta que dá para a capela-mor do santuário.

Mas antes de nos ocuparmos com as obras realizadas por seus sucessores na construção do Convento, ocorrem-nos para relatar alguns fatos importantíssimos na história do Santuário da Penha.

Doação de Salvador Correia de Sá

JABOATÃO não especifica o dia do lançamento da pedra fundamental; mas parece que já foi em fins do ano, pois em meados de 1652 encontrava-se o Custódio no Rio de Janeiro. Estando aí, procurou o Governador, o General Salvador Correia de Sá e Benevides. A família sempre se mostrara devota de S. Francisco e amiga da Ordem Franciscana, e em 1625 o General presenciara a participação valiosa dos frades de Vitória na defesa da vila por ocasião da invasão holandesa.

O Custódio expôs a Salvador a falta de recursos para continuarem e se acabarem as obras do Convento junto ao Santuário e teve o prazer de receber do General uma vultosa doação. Salvador fê-la por escritura pública de 17 de junho de 1652 e passamos a transcrevê-la na íntegra:

"Saibam quantos êste público instrumento de escritura de doação, de hoje para todo sempre, virem, que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscentos, e cinqüenta, e dois anos aos dezessete dias de junho do dito ano nesta Cidade do Rio de Janeiro, fui eu tabelião ao diante nomeado às pousadas do General Salvador Correia de Sá, e Benevides, e sendo lá logo aí por êle me foi dito que o P. Custódio Fr. Sebastião do Espírito Santo, da Ordem de S. Antônio [61] desta Província do Brasil, lhe representou as muitas obras de que carecia a Casa, que determinava fazer, e dar-lhe fim, que está em Nossa Senhora da Pena, Capitania do Espírito Santo, onde se principiava hum Convento da Ordem de S. Antônio; e que êle dito General Salvador Correia por particular devoto da dita Ordem disse que para as ditas obras, e mais coisas necessárias do dito Convento dava, e doava cem mil réis cada ano, os quais nomeava o pagamento dêles nos gados, que vierem dos Campos da Paraíba dos seus currais, enquanto êle doador os gozar, ou seus herdeiros, e que sendo o caso, que êle algum dia por algum acontecimento os queira vender, ou alheiar então se acabará a dita doação dos cem mil réis: e logo pelo dito P. Custódio Fr. Sebastião foi dito, que porquanto eram incapazes por sua Regra de poderem possuir coisa alguma, logo traspassava, como de feito traspassou, a dita doação dos ditos cem mil réis no Sumo Pontífice, e Igreja de Roma, e pelo dito Custódio foi dito, que êle em remuneração da dita esmola era contente, e nomeava por Padroeiro da dita Casa, e Convento ao dito Salvador Correia de Sá, e Benevides, e a sua mulher, e filhos ascendentes (sic), e descendentes, que após êles vierem, e que de sua família, descendência não sairia nunca o dito Padroeiro e declarou êle dito doador que sendo caso, que os ditos currais, e fazendas se vendam, ou passem a outra pessoa, que não sejam os seus herdeiros passarão a mesma pensão, ou êles seus ditos herdeiros a farão em outra qualquer dos bens dêle doador; e consignarão os ditos cem mil réis aos Frades moradores de Nossa Senhora da Pena para que tenha aí perpétuos Ministros, e roguem por mim, e meus descendentes. Em fé do que assim outorgou, mandou fazer esta escritura de doação nesta nota, a qual todos aceitaram, e eu Tabelião aceito em nome dos ausentes, a que tocar, como pessoa pública, e estipulante, sendo a todo por

61) Era freqüente chamarem os antigos a Ordem franciscana de Ordem de S. Antônio e os Religiosos de Frades de S. Antônio pela figura de destaque dêste Santo na Ordem, e posteriormente também por ser o Convento de S. Antônio do Rio de Janeiro o principal da Província da Imaculada Conceição.

PAINÉIS DE BENEDITO CALIXTO

Benedito Calixto nasceu na Vila de Conceição de Itanhaém, Estado de São Paulo, em 14 de outubro de 1853. Foi um estudioso da nossa história e amante das nossas tradições, notabilizando-se por suas notáveis telas e outros quadros de caráter histórico, regional e sacro, dentre os quais destacam-se as que estão expostas na galeria de quadros do Convento da Penha, e que foram as suas últimas produções de vulto, porquanto, inauguradas em 15 de abril de 1928, falecia o pintor, em S. Paulo, já em 31 de maio de 1927.

1. A CHEGADA DE FREI PEDRO PALÁCIOS

Já em terra, enquanto as naus permanecem ancoradas na enseada de Vila Velha, Frei Palácios conversa com um velho habitante do lugar. Mão direita achegada ao peito, como que querendo segurar o calor do coração, sustentando na esquerda um cajado, em vias de iniciar uma longa jornada, os ecos de sua voz parecem um murmúrio de espiritualidade a perpassar por sôbre o borburinho da hora. Lá em cima, as duas palmeiras esbeltas, tatalando aos ventos, um pano que se abriu, numa antevisão profética, para o palco onde se desenrolariam as cenas mais comovedoras de sua vida, junto à ermida de Nossa Senhora, e onde a sua memória se perpetuaria mais viva através dos séculos.

testemunhas presentes o Capitão Alexandre de Castro; André de Bairros de Miranda; e Gonçalo Rodrigues Novo, pessoas reconhecidas de mim Tabelião. Gaspar de Carvalho, tabelião, o escrevi. — Salvador Correia de Sá, e Benevides. Alexandre de Crasto. Gonçalo Roiz Novo. André de Bairros de Miranda. Frei Sebastião do Espírito Santo. — O qual traslado de escritura de doação eu Gaspar de Carvalho tabelião do público judicial, e notas nesta dita cidade o fiz trasladar do próprio livro, a que me reporto, e o corri, e consertei, e sôbre escrevi, e assinei de meu público sinal no dito dia, mês e ano ut supra. Gaspar de Carvalho. Consertado por mim Gaspar de Carvalho. O qual traslado de escritura de doação eu, Diogo Vaz de Araújo, tabelião do público judicial, e notas, e escrivão da Câmara nesta Vila do Espírito Santo da Vitória trasladei de meu livro de notas, a que me reporto, e vai na verdade sem coisa que dúvida faça: em os vinte, e quatro dias do mês de janeiro da era de mil seiscentos e cinqüenta, e quatro anos, e me assinei de meu sinal público, que é o seguinte, e razo tão bem na mesma era, e dia acima etc. Diogo Vaz de Araújo. pag. nada".[62]

Como é de ver, a doação de Salvador Correia de Sá e Benevides[63] foi feita não em dinheiro, mas sim em cabeças de gado que equivaleriam aos cem mil réis estipulados. Segundo Pizarro, tratava-se de 25 cabeças de gado coado, de modo que cada cabeça era avaliada em 4$000.[64] Esta ordinária, afirma ainda Pizarro, foi aumentada pelos descendentes do General para 30 cabeças, além de mais duas a título de esmola, que deu Martim Correia Vasque Anes, filho do General, quando em 1664 visitou o Convento.[65]

Até quando foi paga a esmola ordinária ao Convento da Penha? Achamos dois documentos a êste respeito.

Quando, depois da proclamação da Independência brasileira, a Fazenda do Visconde de Asseca, descendente do General, foi sequestrada por ser propriedade portuguêsa, e surgiram dúvidas sôbre se devia continuar o pagamento da ordinária, o procurador da Província Frei Arcanjo dos Querubins apresentou a sobredita escritura e recebeu em resposta a Portaria de teor seguinte:

"Manda Sua Majestade o Imperador pela Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda participar a José Maria Correia de Sá, Administrador da Casa do Visconde d'Asseca, que conformando-se com as respostas dos Procuradores Fiscais acêrca do Requerimento que à Sua Imperial presença dirigiu o Procurador Geral dos Religiosos de S. Antônio desta Côrte, Determina se continue ao Mosteiro da Penha na Província do Espírito Santo a Doação dos trinta Novilhos que anualmente recebia da dita Casa antes de se achar em sequestro como Propriedade Portuguêsa. O que o dito Administrador terá entendido e cumprirá, ficando mais na inteligência de que nesta data se oficia em sentido idêntico ao Desembargador Juiz dos sequestros das Propriedades Portuguêsas. Paço, em trinta e hum de agôsto de mil oito centos e vinte e quatro. — Mariano José Pereira da Fonseca".[66]

---

62) *Tombo G.*, I, fls. 32.

63) A doação foi feita por devoção a Nossa Senhora e por amizade aos Franciscanos não para contentar o povo sublevado contra os tributos, como pensa Ferreira Pena, *História*, p. 69.

64) Lemos em Gomes Neto, *op. cit.*, p. 107, que a doação consistia, além de cem mil réis anuais, em a "diária" de 25 cabeças de gado. Mas o êrro é manifesto. Vinte e cinco cabeças de gado cada dia? *Sarebbe troppo,* diriam os italianos.

65) Pizarro, *op. cit.*, II, p. 12. — Rev. Inst. Hist. Br., t. 19, 1856, p. 266. — Gomes Neto, *op. cit.*, p. 108.

66) A pública forma acha-se no arquivo do Conv. de S. Antônio.

Depois desta intervenção do Imperador, é certo que o Convento da Penha percebia a esmola de gado até 1849. Neste ano, a fazenda de Campos, que tinha o ônus, foi vendida a quatro compradores sem respeito ao legado. O Guardião da Penha, Frei Vitorino de S. Felicidade, culpou disso o procurador dos herdeiros, que nunca deixara de dar a esmola, e lembrou que o síndico geral dos frades no Rio de Janeiro devia tratar dêste negócio.[67]

Não sabemos se efetivamente se deram passos para obrigar os compradores a entrar em acôrdo com os Franciscanos. Tão pouco temos notícias posteriores que nos autorizem a dizer quando de todo cessou o cumprimento da doação. Consta, porém, do relatório do Guardião da Penha em 1867 que neste ano existiam 11 cabeças de gado no pasto do dito Convento e mais 15 em diversas paragens.[68] Teriam sido provenientes da doação?

---

67) *Doc. avulso.*
68) *Doc. avulso.*

2. A GRUTA DE FREI PALÁCIOS

Sôbre um bloco de granito, o painel de Nossa Senhora, que trouxera de Portugal e diante do qual rezava com o povo o têrço e fazia as suas catequeses. Velas chamejam diante do pequeno nicho, ornado com flôres silvestres. Duas crianças oferecem flôres. O cão e o gato, seus companheiros de cada dia. Homens do povo ouvem, religiosamente, as palavras do santo, enquanto o prêto velho aquenta os pés junto às achas fumegantes. Parece que vinha do mar um vento frio e cortante. Não é sem razão pois, que o bichano tenha ido procurar aconchego na gruta, onde se diz tenha Frei Palácios morado vários anos e se abrigado da chuva e das tempestades.

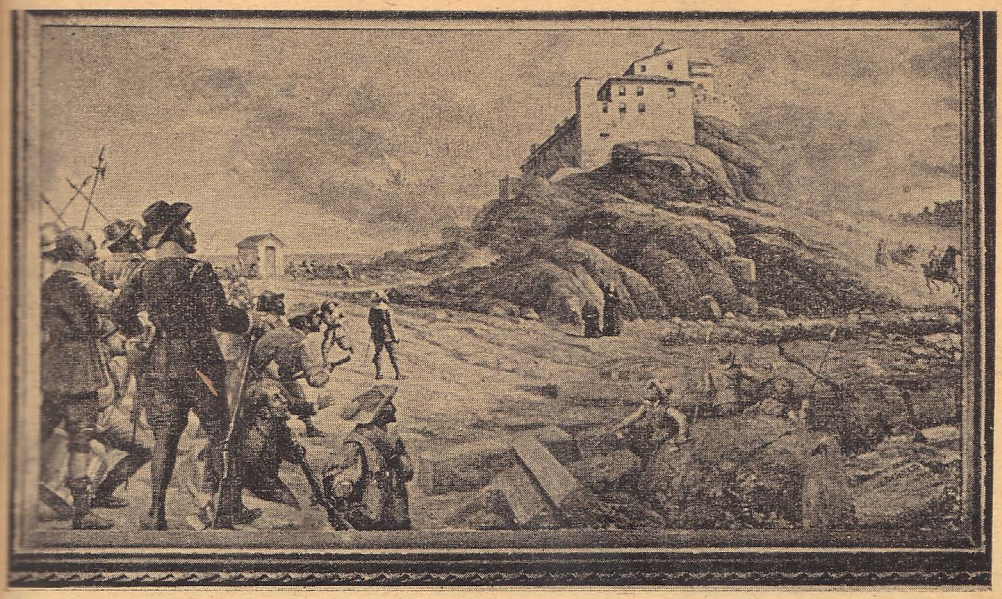
A Patente do Padroeiro

O mencionado Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo, que verbalmente nomeou ao General Salvador Correia de Sá e Benevides padroeiro do Convento da Penha, foi substituído, em 1653, por Frei Daniel de S. Francisco. Celebrando a sua Congregação aos 10 de setembro do mesmo ano no Convento da Baía, ratificou, com os Definidores, a nomeação com a seguinte Carta-Patente:

"Fr. Daniel de S. Francisco, Lente de Teologia, Custódio Provincial desta Província de S. Antônio do Brasil, Fr. Cosme de S. Damião, Padre Decano, e Visitador Geral por N. Reverendíssimo, Fr. Sebastião do Espírito Santo, Padre da Província, Fr. Antônio dos Mártires, Fr. Manuel das Neves, Fr. Manuel da Conceição, e Fr. Gerardo dos Santos, Definidores congregados em Mesa plena e Definição. Aos muitos amados em Cristo Irmãos o Sr. Salvador Correia de Sá, e Benevides, Capitão General, e Governador que foi dos Reinos de Angola, e ora dos Conselhos de Sua Majestade, que Deus guarde, Guerra e Ultramarino, e a sua mulher a Senhora Dona Catarina de Ugarte, e Velasco, saúde, e verdadeira paz em o Sr. Jesus Cristo; Posto que a todos os fiéis cristãos pelos vínculos da caridade, e amor em o mesmo Jesus sejamos obrigados, com mais particular o somos àqueles, que, com particulares, e gerais benefícios, e esmolas, por obra descobrem sua santa devoção. E como Nós não possamos pagar com bens temporais, o que Vossas Senhorias nos têm feito, e de presente fazem a tôda esta nossa Santa Província, e em particular àquele Santuário, e Convento de Nossa Senhora da Penha, sito em a barra da Vila da Vitória, Capitania do Espírito Santo, com ordinária tão grandiosa, e extraordinária, que excede a tôdas as desta Província; queremos Nós em parte recompensar estas caridades, liberalidades, e favor tão generoso. Julgamos por coisa pia, e aceita à Divina Majestade remunerá-los com bens espirituais. Pelo que, usando Nós os privilégios, e concessões pelos Sumos Pontífices para êste fim à nossa Ordem concedidos admitimos a Vossas Senhorias, e em ordem sucessiva para todos os tempos vindouros ao Sr. Martim Correia de Sá, e Benevides, como primeiro, e legítimo sucessor de Vossas Senhorias, e aos mais que felizmente lhes sucederem assim na morte, como na vida, à nossa Irmandade, e confraternidade com título de Padroeiros venturosos daquele Santo lugar; fazendo a Vossas Senhorias participantes de todos os Sacrifícios, e cada hum dos sufrágios, e prerrogativas dos Religiosos ali assistentes; *pro rata parte devotionis vestrae*, convém a saber, Missas, Orações, divinos Ofícios, inspirações, pregações, peregrinações, abstinências, penitências, observâncias, jejuns, disciplinas, devoções, e outras quaisquer Obras santas, e meritórias, que a Divina Majestade tiver por bem obrar por todos, e cada hum daqueles Santos Religiosos, ao que tudo liberalmente admitimos a Vossas Senhorias, e seus legítimos descendentes, para que assim ajudados com êstes bens, e indultos mereçam nesta vida presente aumento da divina Graça, e na futura da eterna glória. Dada neste nosso Convento de S. Francisco da Baía, na expedição dêste nosso Capítulo celebrado pela Festa da Exaltação da S. Cruz, por Nós assinada, e selada com o sêlo da Província aos dez dias do mês de setembro de 1653 anos. — Fr. Daniel de S. Francisco, Custódio Provincial. Fr. Cosme de S. Damião, Padre da Província. Fr. Sebastião do Espírito Santo, Padre da Província. Fr. Antônio dos Mártires, Definidor. Fr. Manuel das Neves, Definidor. Fr. Manuel da Conceição, Definidor. Fr. Gerardo dos Santos, Definidor. Fr. Francisco dos Santos. Fr. Gaspar da Conceição, Definidor. Fr. Jerônimo de S. Catarina, Definidor. Fr. Antônio de S. Clara, Definidor. Por mandado do Padre Custódio, Fr. João do Rosário".[69]

As precedentes escrituras transcrevêmo-las do Livro do Tombo Geral da Província. São, pois, documentos que fazem fé. Ora, Jaboatão, que também brevemente se refere ao assunto, diz que a carta de confraternidade já foi passada na Congregação de 21 de nov. de

69) *Tombo G.*, I, fls. 48 v.



3. A VISÃO DOS HOLANDESES

No tempo das conquistas holandesas, sofreu a Capitania do Espírito Santo vários assaltos, dos quais, como em 1625 e em 1643, saíram vencedores os habitantes da terra, não sem a cooperação dos franciscanos. Neste ano de 1643, conforme narra Jaboatão, investiram êles furiosamente contra o santuário da Penha, que foi salvo milagrosamente. Haviam os holandeses tomado pôrto na Vila Velha e já começavam a fortificar-se quando, diante dos seus olhos, o santuário se ia transformando em castelo, cercado de fortes muralhas e defendido por um esquadrão de soldados. Do monte descia muita gente, a pé e a cavalo, todos "com armas luzentes e bem preparadas". À vista dêste espetáculo fugiram os holandeses, aterrados e desordenadamente, recolhendo-se às suas naus, tendo sido massacrados 40 dêles pelos habitantes da Vila. Êste fato ocorreu no dia 22 de setembro, festa do mártir São Maurício, capitão romano, e seus companheiros da legião tebana. Daí interpretarem os moradores como sendo o santo e seus companheiros os defensores do santuário, a mando de Nossa Senhora, motivo pelo qual erigiram um altar em honra de S. Maurício na ermida, altar êste que não mais existe.

Na presente tela vê-se o convento da Penha, o que não deixa de ser um anacronismo. Em 1643, quando se deu o fato, não existia vestígio da grande ala do Convento no morro da Penha. Apenas, o conventinho.

1650. "Aceitamos por Irmão da confraternidade a Salvador Correia de Sá e Benevides, Governador de Angola, e a sua mulher D. Catarina de Iguarte, e Velasco". São as palavras do têrmo respectivo, citadas por Jaboatão.[10]

E', porém, fácil conciliar ambas as fontes: A família de Salvador já anteriormente beneficiava com as suas esmolas os Religiosos

Franciscanos e por isso, em 1650, foi aceito como Irmão, estando êle nessa ocasião em Angola. Depois de outra vez no Rio de Janeiro, em 1652, fêz a escritura de doação da ordinária e Frei Sebastião do Espírito Santo nomeou-o padroeiro. No Capítulo de 1653, então, a nomeação foi ratificada e tanto a confraternidade como o padroado foram estendidos a tôda a família.

A ordinária do Rei

NO mesmo ano em que foi passada a Carta Patente de Padroeiro ao General Salvador Correia de Sá e Benevides, isto é, em 1653, o Convento ainda não acabado recebeu de D. João IV uma ordinária anual, em virtude da Carta de Padrão de 6 de novembro.[71]

Foi a pedido do Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo que o Rei se dignou concedê-la. Ponderara o Custódio que três Conventos do norte haviam sido destruídos pelos holandeses e que por isto pedia a transferência da ordinária de que gozavam para os três Conventos recém-fundados no sul. Um dêstes era o da Penha.

A ordinária era um adjutório para o culto divino. Umas vêzes estipulava-se certa quantia de dinheiro, outras vêzes o equivalente em espécie. O Convento da Penha recebia anualmente uma pipa de vinho, um quarto de azeite, outro de farinha do reino para hóstias e duas arroubas de cêra lavrada, e tudo isto representava o valor de 90$000.

Ordenou o Rei ainda que a esmola fôsse paga "em cada ano com muita pontualidade, sem quebra nem diminuição alguma".

A última referência a esta ordinária encontramos na relação do Provincial Frei Inácio da Graça, de 7 de fevereiro de 1765.[72]

Saque do Santuário pelos holandeses

ERA ainda Superior do Santuário da Penha e trabalhava ativamente em levar por diante a construção do Convento o Irmão leigo Frei Francisco da Madre de Deus, quando o Santuário foi saqueado pelos holandeses, que desde longos anos infestavam as costas do Brasil e conseguiram estabelecer-se no norte do país. Na sua última investida contra o Espírito Santo, em 1653, deu-se a pilhagem sacrílega do Santuário da Penha, que vamos narrar segundo Jaboatão.[73]

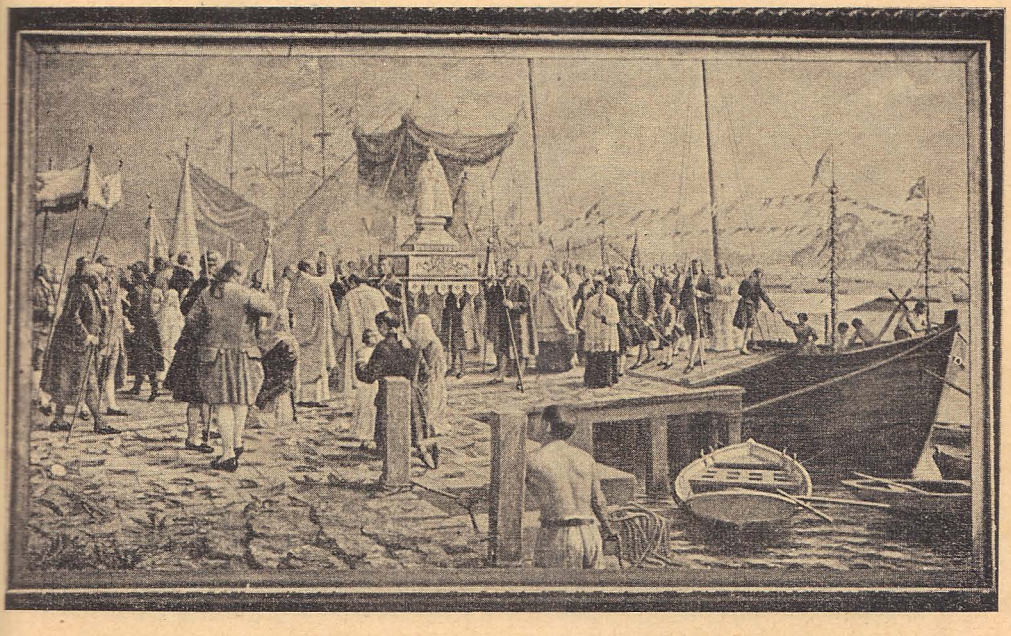
Andavam os holandeses pelas costas do sul, guiados por um português. Por êste foram avisados que no Santuário havia muitas

---

70) Jaboatão, *Novo Orbe*, parte II, vol. II, p. 424.
71) Acha-se transcrita na *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 24, 1861, p. 333.
72) *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 65, p. 131.
73) Jaboatão, *op. cit.*, parte II, vol. II, p. 409.

preciosidades, em ouro, prata e ornamentos. E' o que atiçou a cobiça dos hereges.

Certa madrugada, estando Frei Francisco da Madre de Deus em devota oração diante do altar da Senhora e com as portas do Santuário abertas, os soldados invadiram todo o terreno. Alguns Religiosos fugiram, outros foram presos junto com oito escravos. Frei Francisco ficara imóvel, embora ouvisse o estrondo das armas. Aproximando-se os inimigos, roubaram tôdas as preciosidades da sacristia e do altar, sem entretanto, molestar o devoto Religioso. Quando, porém, tentaram tirar a coroa e manto da Imagem, levantou-se, pedindo que não cometessem a profanação, que êle mesmo os tiraria. E assim fêz, entregando a coroa e manto aos soldados, com muitas lágrimas e sentimento de seu coração. Contra a fôrça não há resistência.



4. O MILAGRE DA SÊCA

Uma grande sêca assolava tôda a Capitania do Espírito Santo, no ano de 1769, de efeitos calamitosos, secando até as águas dos rios. Multiplicaram-se então as preces públicas, mas, as águas não desciam. Fato curioso, enquanto as matas em redor da vila esturricavam, a vegetação do morro da Penha apresentava o seu frescor antigo, fenômeno êste que despertou a atenção e a confiança dos moradores. Lembraram-se então de recorrer à intercessão de Nossa Senhora. Resolveram, pois, organizar uma procissão, trazendo a imagem da Penha à igreja do Convento de São Francisco de Vitória. Transportada numa lancha ricamente enfeitada, como relatam os cronistas da época, e acompanhada pelas autoridades civis e militares, ordens religiosas, irmandades e tôda a população, chegou ela à Vitória, sendo saudada pelas salvas da fortaleza e o bimbalhar dos sinos. Apenas recolhida a procissão na igreja, enfarruscaram-se as nuvens no céu e águas desceram copiosamente.

Um dos holandeses tentou tirar o anel precioso do dedo de Nossa Senhora, mas não o conseguiu, como tão pouco cortar o dedo e a própria mão. Teve de desistir. O português, porém, atreveu-se a apossar-se do Menino Deus. Contra isto protestou Frei Francisco, dizendo que o deixasse ou levasse também a êle. Ao que o malvado retorquiu que levaria o Menino para Recife, para brincar com outro que lá tinha, e com ar de mofa acrescentou que o frade podia ficar para acabar a obra de construção, pois tudo estava muito bonito. A isto tornou o Religioso: "Vai-te embora e lá verás os brincos que te hão de custar caro; e êste será o último atrevimento dos teus companheiros no Brasil, porque só isto faltava por teus pecados para castigo teu e dos mais.[74]

Os holandeses partiram, carregando tôdas as preciosidades e os escravos; os Religiosos, porém, deixaram livres. Dirigiram-se em seguida a Cabo-Frio, onde tentaram abastecer-se de gado, que estava na praia. Mas nisso foram impedidos pelos índios e alguns dêles mortos. Fugiram então com tôda a pressa. Poucos dias depois de chegarem ao Recife, foi restaurada a praça (27 de janeiro de 1654) e com isto acabou o domínio dos holandeses no Brasil.

Na entrega da praça estêve presente o Custódio Frei Daniel de S. Francisco. Foram-lhe restituídos os escravos e no mesmo ano levou-os para a Penha, junto com outras alfaias, ornamentos e esmolas com que recuperou o perdido.[75]

Continuam as obras do Convento, seu acabamento

NO Capítulo, já diversas vêzes mencionado de 14 de setembro de 1653, celebrado na Baía pelo novo Custódio Frei Daniel de S. Francisco, o santo Irmão Frei Francisco da Madre de Deus, primeiro Superior e iniciador das obras do Convento da Penha, foi substituído por Frei Nicolau de S. Tomé. Governou quatro anos, isto é, até 1657. Neste prazo de tempo fêz a maior parte do primitivo Convento de modo que foi pròpriamente êle quem o construiu.

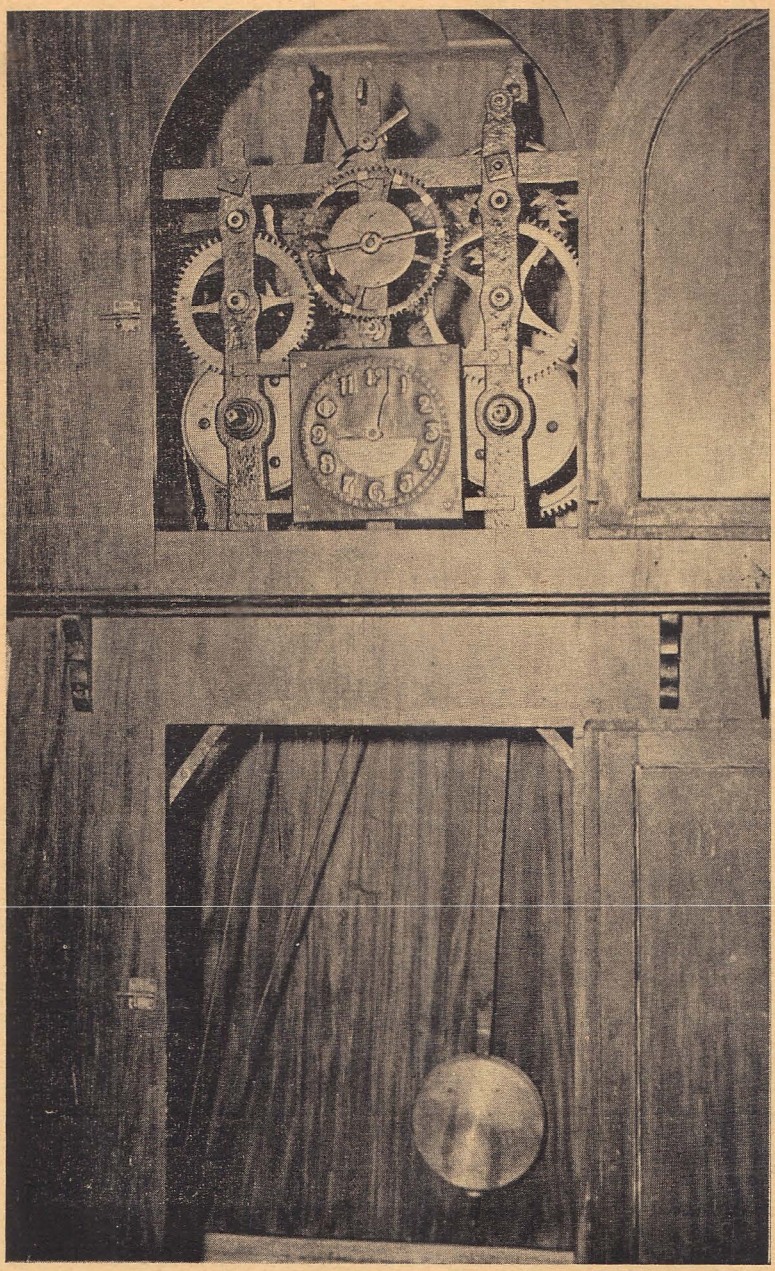
Sucedeu-lhe Frei Antônio dos Santos até ao Capítulo de 5 de novembro de 1659. Também os quase três anos de govêrno dêste Superior foram assinalados por importantes obras; e acabado o seu tempo recolheu os votos para primeiro Custódio dos Conventos do sul.

Com as obras de Frei Antônio dos Santos ficou concluída a fábrica do Convento, como tinha sido ideada pelo Custódio Frei Sebastião do Espírito Santo em 1650 e por isto o Superior eleito no Capítulo de 1659 já o foi com o título de Guardião. A escolha caiu em

---

74) Machado de Oliveira (*Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 19, 1856, p. 265), sem dizer por que motivo, acha que não passa de uma notícia incerta ou ficção a tradição popular, aliás transmitida por Jaboatão, de que os que subiram o morro arrebataram o Menino Deus. Cf. Gomes Neto, *op. cit.*, p. 255.

75) Jaboatão, *op. cit.*, parte II, vol. II, p. 410. — Machado Oliveira, *O Convento da Penha, Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 5, p. 128.



RELÓGIO DA TÔRRE

Muito original. Presume-se do século XVII. Foi restaurado às expensas da Prefeitura Municipal de Vitória e aqui colocado no ano de 1952.

Frei Manuel dos Mártires, que conservou o cargo até à Congregação de 4 de dezembro de 1660, na qual foi rendido por Frei Baltasar das Neves.

No Capítulo de 21 de setembro de 1662, o cargo de Guardião passou para Frei Francisco, chamado o Fundão. Era Irmão leigo, o que demonstra que, como o primeiro Superior, era Religioso que de modo especial merecia a confiança dos Prelados maiores.[76]

Tendo assim acompanhado a construção do Convento, ou melhor Conventinho, da Penha, antes de trazer para estas páginas notícias de anos posteriores, ouçamos como Frei Apolinário da Conceição, o cronista da antiga Província, descreve o primitivo Convento pelos anos de 1730, embora o faça em linhas gerais. Com as grandes obras em 1750, também a primeira construção sofreu modificações essenciais.

"Do côro faz um antecoro e nêle há duas celas, a do sacristão e outra fronteira que serve de coristado. Junto desta vai a escada que vai ter no dormitório, onde assistem os mais Religiosos e que corresponde à portaria e varanda que firmam esta contra ventos fortes das demonstrações de abalo. Do meio do dormitório que segue por outra escada menor que a do antecoro e cai no dormitório. No fim dêle encontramos a casa (sala) *De profundis,* refeitório, cozinha e capítulo, ficando por baixo do dormitório as oficinas, nas quais vi, estando neste Convento de romagem, e também na casa *De profundis,* a água estar correndo por entre as paredes. Isto se vê tôda vez que chove, como então fazia o céu. Da porta do capítulo e que serve de clausura de outra quase junta, se desce uma comprida escada. No meio dela, debaixo da cozinha, fica a casa da lenha, e no fim uma abreviada (pequena) horta e a Ermida onde faleceu o servo de Deus, da qual, voltando para o Convento, fica uma casa de água, que se recolhe da chuva por meio de umas telhas, postas pela penha. Estas, como tôdas as mais obras, metem confusão, como se podiam fazer pelo empinado da rocha, onde êste Santuário está fundado, por sua altura e eminência, que pela parte mais favorável por onde a ela se chega tem a distância da Via-Sacra, que principiando-se esta na cruz da entrada do monte, vai finalizar na última face da igreja...".

Sôbre a Comunidade que no seu tempo assistia no Convento e sôbre o seu fervor religioso diz o mesmo: "Assistem aqui, como capelães e serventes desta Senhora, quinze Religiosos, que cultivando o côro nas horas do dia, não faltam nunca ao da noite; até tendo neste Convento havido alguns que em tôda noite se achavam ao pé do altar. Os Religiosos que aqui adoecem se vão curar no Convento da vila de Nossa Senhora de Vitória; pois neste é só as oficinas [cozinha, dispensa, depósito, etc.] que tem, e assim os que morrem, naquele Convento são enterrados, que neste só os vivos têm lugar".[77]

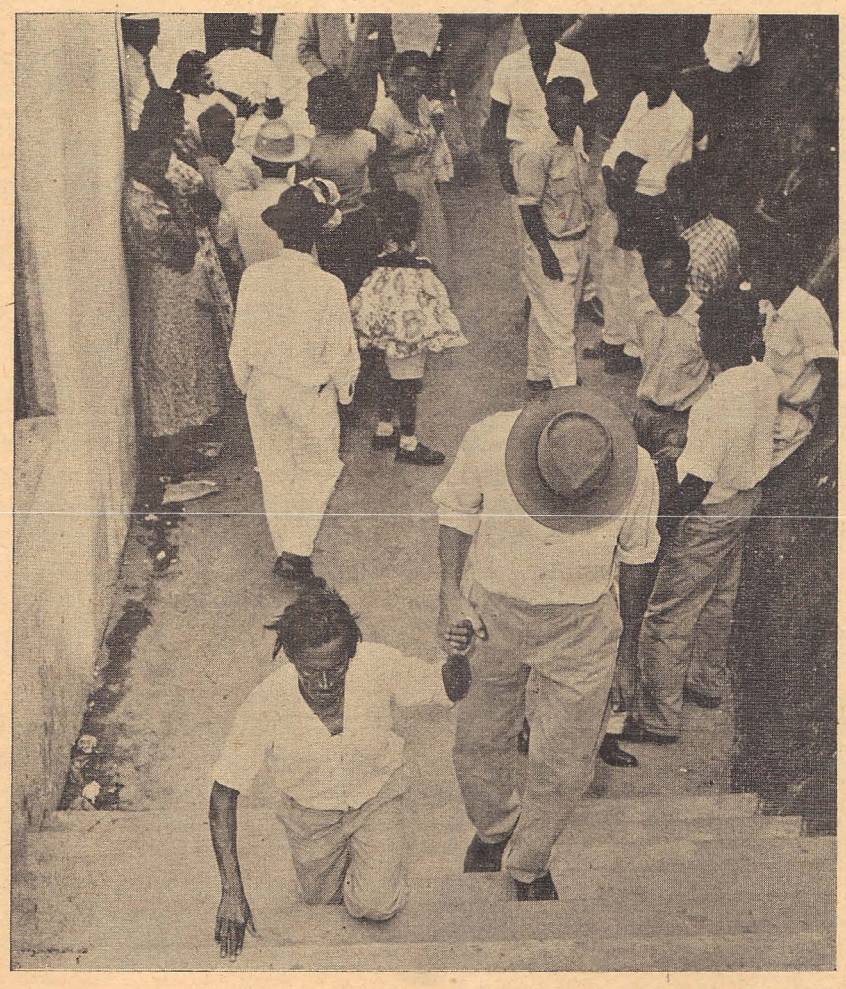
---

76) Jaboatão, *Novo Orbe,* parte II, vol. II, p. 422.
77) Frei Apolinário, *Epítome,* § 9.

O jantar de Deus

DEPOIS de rematada, em 1660, a obra de construção do Conventinho da Penha, segundo a planta traçada por Frei Sebastião do Espírito Santo, longos anos decorreram sem constar de algum fato extraordinário. Representa êste lapso de tempo um grande hiato na história desta Casa conventual, por nos faltarem quaisquer documentos referentes à vida e atuação de seus Religiosos.

E' porque tudo se desenrolava nos trâmites normais: exercícios ascéticos, administração dos Sacramentos aos romeiros, assistência religiosa aos colonos portuguêses e catequese dos índios. Por algum tempo, todavia, houve perturbação da paz nos dois Conventos da



PENITENTES

Capitania, ocasionada pela explosão do nativismo em todo o país, e foi nos primeiros decênios do século XVIII.[78]

Sôbre o movimento de romeiros escreve Frei Apolinário que no seu tempo (1730) Nossa Senhora continuava a operar prodígios e acrescenta piedosamente que por êste motivo "concorrem os habitantes de todos os estados a visitar a sua sagrada Imagem, uns a pedir, outros a agradecer; e nenhum deixa de se elevar na sua presença, parecendo-lhe estaria já de posse da bem-aventurança e que quem logra esta, não tem mais que apetecer: quem chegou a gostar da assistência neste devoto Santuário parece-lhe que no mundo não há mais que desejar".[79]

Como não consta o ano em que se deu, sendo, porém, certo que foi antes de 1730, inserimos aqui um fato edificante.

Mandara o Guardião da Penha dois Religiosos à Vila da Conceição de Guarapari, a tratar de um negócio importante que não permitia demora. Os frades puseram-se a caminho e andaram em jejum todo o dia ao longo da praia. Cedo caiu a noite, por causa de grande tempestade, com horrível trovoada. Chegando perto da vila, não encontraram quem os quisesse levar por uma passagem que só a canoa se podia atravessar. Um dos companheiros, então, mais prático do lugar, sugeriu a idéia de irem por outro caminho, que na distância de um quarto de légua encontrariam a casa de um pobre, mas caridoso homem. Caminharam, pois, todo molhados, e fuzis e relâmpagos serviam-lhes de farol e guia. O pobre homem recebeu-os caridosamente, mas significou-lhes com grande pesar que nada tinha para oferecer, e os dois tinham andado quase dez léguas sem comer. Acudiu a Providência Divina. Ainda estavam dando graças a Deus pela fome que sentiam quando escutaram reboliço nas palhas do telhado e uma coisa caiu pesadamente no chão da casa. Chegaram-se com luzes, era o jantar que Deus lhes enviou, um bom dourado. Prepararam-no e fartaram-se êles e o homem pobre, mas hospitaleiro.

Voltando ao Convento e ouvindo os Religiosos o acontecido, todos deram muitas graças ao Senhor.[80]

Construções e reconstruções

DEPOIS dos longos anos que se passaram sem notícias individuais sôbre o Santuário e Convento da Penha, aparece no cenário da história o ano de 1750. E' o início de uma nova época de construções e reconstruções, que fizeram do Conventinho um Convento em regra e deram-lhe o último remate, deixando a fábrica no estado que hoje se vê.

---

78) V. o que dissemos a êste respeito na monografia sôbre o Convento de Vitória, em *Páginas de Hist. Franc. no Brasil.*

79) Frei Apolinário, *Epítome,* § 9.

80) Idem, *ib.*

PENITENTES

O mesmo Provincial que em 1750 ordenou a reconstrução, desde os fundamentos, do Convento de S. Antônio do Rio de Janeiro, Frei Agostinho de S. José, quis aumentar também o da Penha. O número de Religiosos da Província nesse tempo ia crescendo cada vez mais. O zeloso Prelado estava assim em condições de engrossar a Comunidade da Penha em benefício do Santuário e da Capitania, o que, porém, não poderia executar sem aumentar a Casa.

Por sua ordem, pois, construiu-se mais um corredor com celas, que é o inferior e que começa com a sala destinada à portaria e termina na sala de recreio.[81] Ingentes devem ter sido as dificuldades a vencer para colocar esta mole sôbre os flancos quase verticais do rochedo, e se houve quem chamasse a Frei Sebastião grande homem porque ideou a planta da primeira construção, não menos merece êste qualificativo o Religioso que levantou êste lanço, mais comprido do que o de cima, com quinze janelas para fora. Acresce que esta nova construção impunha modificações essenciais na fábrica já existente.

Acabado que foi êste acréscimo, o Provincial aumentou também a Comunidade. Acima ouvimos de Frei Apolinário que pelos anos de 1730 residiam no Conventinho 15 frades; da relação do Provincial Frei Inácio da Graça, de 1765, consta que eram 23, assim discriminados: sacerdotes 12; coristas 6; leigos 5.[82]

---

81) *Tombo G.*, II, fls. 131 v.
82) *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 65, parte I, p. 131.

Para facilitar o bom govêrno da Comunidade, como também da do Convento de Vitória, e para resolver dificuldades urgentes, os Prelados destacavam para a Capitania do Espírito Santo um Comissário, que depois de servir gozava de certos favores, o que pela primeira vez consta da resolução da Congregação Intermédia de 1756.[83]

Além da ordinária de 90$000 e da esmola anual de Salvador Correia de Sá e Benevides, o Convento tinha a regalia de não pagar passagem no mar e rios quando os Religiosos eram transferidos da Capitania para o Rio de Janeiro e vice-versa e em geral ao fazer qualquer viagem.[84]

Uma reconstrução parcial do Convento executou-se em 1770. Tornou-se preciso, por ameaçar ruína, deitar abaixo o corredor inteiro de cima e levantá-lo de novo. Foi obra do Guardião Frei Tomás de S. Catarina, que, por não estar acabado o trabalho, continuou no cargo na Congregação Intermédia de 1771, "por estar capacitado e instruído nas coisas de que precisam, e saber as providências, que para elas deve dar".[85]

Frei Tomás foi substituído por Frei Manuel de S. Tomás, que estêve à frente do Convento um ano e meio. Em seu lugar entrou Frei Francisco de Jesus Camargo, de 30-7-1774 a 13-12-77. O seu triênio é assinalado por diversas obras: calçou-se de novo a ladeira, levantaram-se os seus muros, reconstruiu-se a casa dos romeiros e fêz-se a capela do Bom Jesus.[86]

O calçamento da ladeira, como também os seus muros, ainda hoje, depois de tantos anos, conservam-se em bastante bom estado, atestando a solidez que lhes deram os frades construtores. A casa dos romeiros sofreu diversas reconstruções; mas a capela do Bom Jesus, com pequeno adro sôbre quatro colunas toscanas, situada no último ângulo da ladeira, já não existe. Apenas vestígios recordam esta obra inspirada pela piedade de Frei Francisco de Jesus Camargo.

O milagre da sêca

MARIA Santíssima é a auxiliadora dos cristãos em tôdas as necessidades. Os numerosos ex-votos, as ofertas em ouro, prata, pérolas e pedras preciosas e, enfim, outras doações feitas ao Santuário e ao seu Convento atestam exuberantemente quantos se confessam agradecidos.

Não admira tenha ela sido invocada também nas calamidades públicas e é justamente um caso dessa natureza que vamos contar, conforme se guarda na memória dos espiritossantenses.

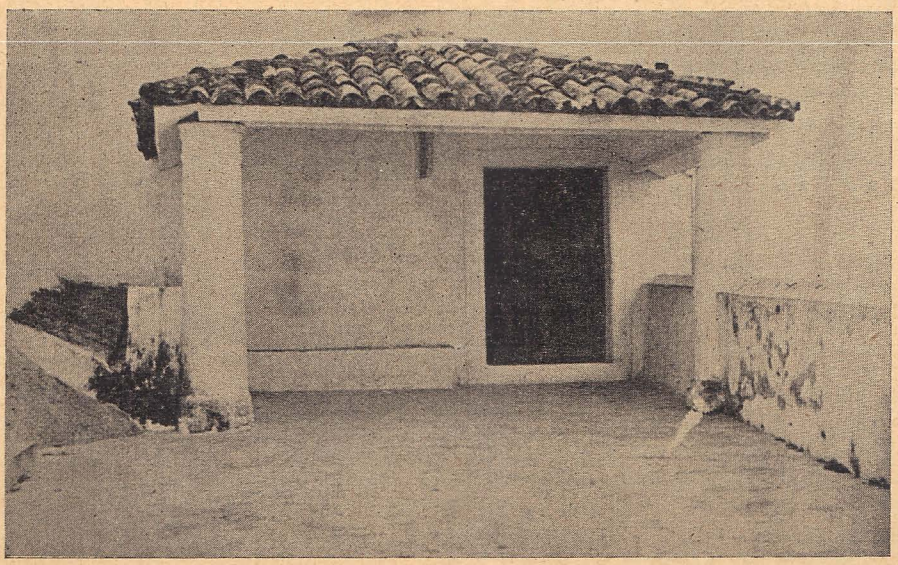
---

83) *Tombo G.*, II, fls. 70 v. e fls. 158.
84) Idem, I, fls. 172 v.
85) Idem, II, fls. 249.
86) Carvalho Daemon, *História cronológica*, p. 177.

PORTA DE ENTRADA DO CONVENTO

Uma pesada porta que dá para a antiga portaria, hoje, sala-de-estar, privativa dos religiosos. Ao centro dela destaca-se um ralo, com o emblema da Ordem Franciscana, uma espécie de visor mágico daquelas eras, através do qual se podia ver de dentro o que fora se passava, sem ser visto porém.

À esquerda junto ao paredão da escada que leva ao santuário, encontrava-se, segundo reza a tradição, a fonte milagrosa que brotou na pedra, quando Frei Palácios construía a ermida. Neste mesmo lugar foi levantada, em 1957, uma capelinha, a que foi dado o nome de "Capelinha da Fonte" para ali se queimarem as velas de promessa.



Uma grande sêca assolava tôda a Capitania no ano de 1769. Nem nos rios havia mais água. Morria o gado de sêde e outra conseqüência foi uma extraordinária carestia de víveres. Fizeram-se preces públicas, mas as nuvens não derramaram o desejado líquido.

Fato curioso. Enquanto as matas em redor da vila perdiam o frescor, só pouca diferença se notava na vegetação do morro da Penha. Avisados por êste fenômeno, lembraram-se os moradores de recorrer à intercessão de Nossa Senhora. Resolveram organizar uma procissão, trazendo a imagem da Penha à igreja de S. Francisco de Vitória. A êste fim tomaram uma lancha, pintaram-na de novo e enfeitaram-na com colchas de seda, ricamente bordadas, e com flôres em profusão. As autoridades militares e civis, as Ordens religiosas, as Irmandades, tôda a população, enfim, foram ao cais e quando viam afastar-se da montanha a lancha de Nossa Senhora, acompanhada por muitas outras de Vila Velha, prorromperam em manifestações de júbilo à excelsa Mãe de Deus e de fervorosas súplicas, pedindo que fizesse cessar o terrível flagelo por sua poderosa intercessão. Ouviam-se as salvas da fortaleza e os sinos a bimbalhar festivamente.

Ao chegar a Imagem ao cais de Vitória, foi recebida com tôdas as demonstrações de piedade e devoção e colocada debaixo de um rico pálio adrede preparado. As ruas por onde passava a procissão estavam juncadas de folhagens aromáticas, pelas janelas pendiam colchas de fino lavor e a multidão ia rezando, rezando, pedindo chuva. Mas os raios do sol pareciam ainda mais abrasadores e o céu sem misericórdia.

Não tardou, porém, o milagre; Maria mostrou-se também desta vez a poderosa intercessora. Apenas a procissão entrou na igreja de S. Francisco, o céu anuviou-se e mais e mais escurecia. Desfizeram-se as nuvens em água e caiu chuva em abundância. Os rios encheram-se, brotaram de novo as fontes e a natureza ia cobrir-se de gala, rejuvenescida.

Chega a Senhora à terra, e recebida
Em rico pálio de ouro traspassado,
Da turba acompanhada é conduzida
À santa casa de Francisco amado.

Inda não bem no templo é recolhida,
Já todo o céu de nuvens carregado,
Encobrindo do sol a formosura,
Transforma o claro dia em noite escura.

Apenas entra a Virgem, quando os ares
As nuvens vomitando sôbre a terra,
Parece com dilúvio, que nos mares
Quer a água vingar do fogo a guerra.[87]

87) Caldas, *Poema,* LXXXII.

Não deixaram os habitantes das duas vilas e dos arredores de dar solenes graças a Nossa Senhora com devota novena, e acabada esta foi a Imagem reconduzida a seu trono no Santuário.[88]

Venda de um pequeno terreno

PERTENCIA ao Convento da Penha um pequeno terreno, metade de um morro, na barra do rio Jucu, onde os seus escravos lançavam as rêdes de pesca. Estando de Guardião no Convento Frei Francisco de Jesus Camargo, êste terreno foi vendido, provàvelmente porque o Guardião necessitava de recursos para acabar as obras que estava realizando e que acima referimos. A respectiva escritura, em forma de declaração, é a seguinte:

"Digo eu José Martins Ferreira como síndico dos Revdos. Padres do Convento de Nossa Senhora da Penha que é verdade que vendi ao alferes Antônio Coutinho de Melo a metade do morro da Barra de Jucu, chamado a Concha, aonde se costuma lançar-se os tresmalhos, e rêdes de pescar, por preço e quantia de quatro mil réis, e pelo ter recebido do dito Alferes Antônio Coutinho de Melo lhe passei a presente por mim feita e assinada e presentes por testemunhas o Sr. João de Freitas Magalhães e José Carlos Ferreira, e lhe largo na pessoa do dito comprador tôda a posse, domínio e senhorio que os ditos Revdos. Padres tinham na sôbre dita metade do morro para que goze e possua como sua que fica sendo de hoje em diante da mesma forma que pescavam, cuja venda foi feita com consentimento do Rev. P. Guardião atual do Convento da Senhora da Penha Fr. Francisco de Jesus Camargo que também aqui assinou. V. do Espírito Santo. 3 de novembro de 1775. Fr. Francisco de Jesus Camargo, Guardião, José Martins Ferreira síndico, João de Freitas Magalhães, José Carlos Ferreira".[89]

O século XIX. Obras

AO principiar o século XIX, a outra florescente Província franciscana da Imaculada Conceição contava apenas com duzentos e tantos Religiosos, incluídos os inválidos. O Convento da Penha sofria naturalmente também as conseqüências desta decadência e a Comunidade diminuía cada vez mais. Os Superiores cuidavam, todavia, em manter nela o maior número possível. Desde 1802 funcionou no Convento durante alguns anos um Estudo de língua indígena, para instruir os missionários que deviam ser aproveitados nas Capitanias do Espírito Santo e S. Paulo.[90]

Em 1818, o grande botânico Saint'Hilaire encontrou residindo na Penha 10 Religiosos[91] e até 1825 constam nas tábuas capitulares Guardião, Presidente e Porteiro, mas desde 1833 sòmente o Guardião. Quer isto dizer que não havia mais padres idôneos para ocupar os outros lugares.

---

88) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 123. — *Ecos Marianos*, 1938, p. 75. — Entre os quadros de Benedito Calixto é "O milagre da sêca" o mais bem acabado.

89) Devemos a cópia desta escritura à gentileza do rev. P. Ponciano dos Santos Stenzel.

90) *Tombo G.*, III, fls. 157.

91) Saint'Hilaire, *Viagem Esp. S.*, p. 243.

Os Guardiães, solitários no seu Convento, atendiam aos romeiros e celebravam a festa da Padroeira. Alguns passaram para o estado de sacerdotes seculares depois de terem servido. Quem mais tempo ocupou o cargo de Guardião foi Frei João Nepomuceno Valadares, sôbre cuja pessoa e obras logo em seguida diremos o que os documentos avulsos, que encontramos no arquivo, nos transmitiram.

Quanto às obras, é lícito afirmar que o Santuário e Convento estiveram contìnuamente necessitando de reparos. A posição no alto do monte, batido pelos ventos, e o ar salitrado deviam exercer a sua ação deletéria sôbre o material, desagregando-o e apodrecendo-o. Por isso, em quase todos os relatórios dos Guardiães que chegaram até nós fala-se em consertos. Mas eram consertos de pouca monta, feitos aqui e acolá, sem obedecerem a um plano geral de restauração, como os edifícios reclamavam.

Parece que houve ligeiros retoques em 1807, no curto guardianato do célebre Frei Francisco de S. Carlos e foi ocasião de o Presidente do Convento Frei Lourenço da Piedade perder a sua vida. Tinha ido em canoa com nove escravos a trazer a cal que o Convento recebera de esmola. Estando já na baía, a canoa virou em lugar chamado Lamarão. Salvaram-se os escravos, mas Frei Lourenço morreu afogado; e só depois de três dias foi achado o seu corpo, sendo então sepultado no Convento de Vitória.[92]

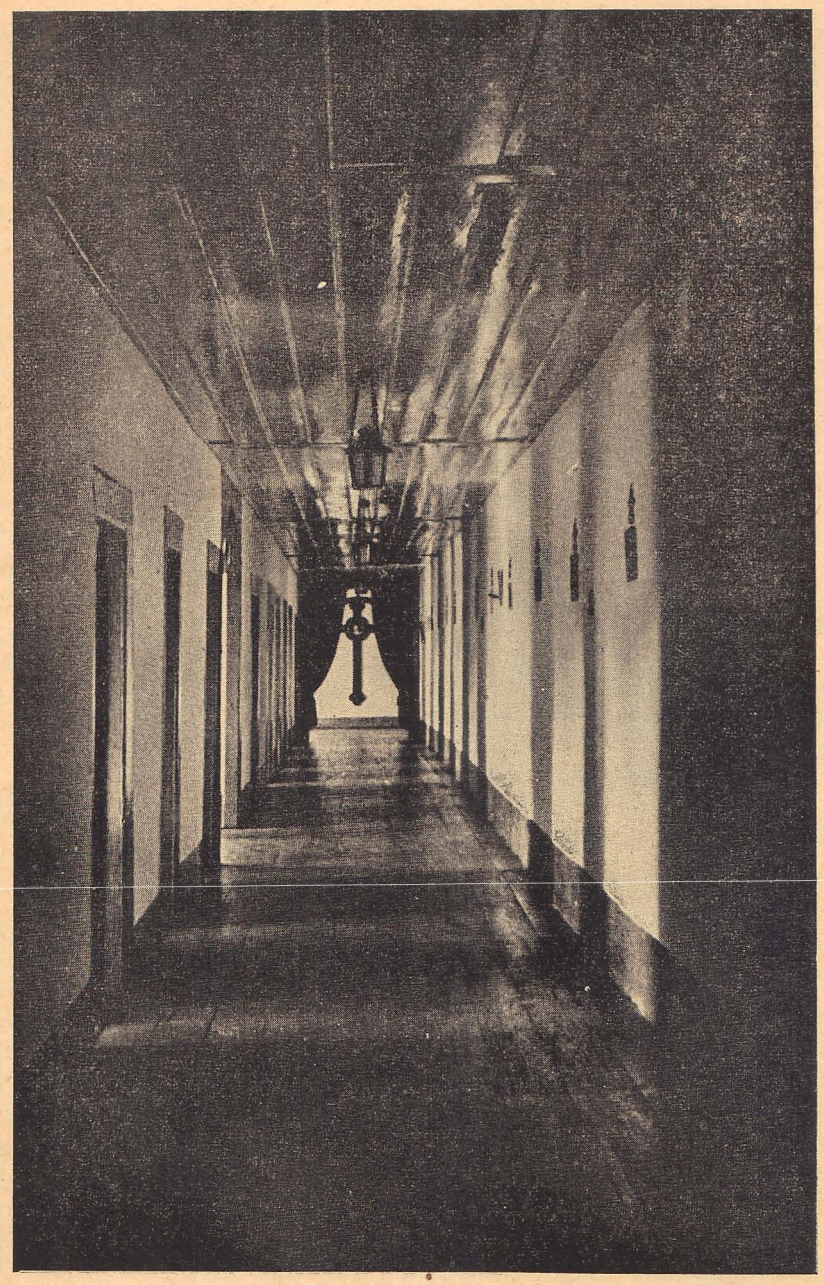
Reparos da mesma natureza, quer dizer, sem serem uma restauração inteligente, executou Frei José de S. Felicidade no seu tempo de Presidente *in capite* e de Guardião (1814 a 18), pelo que obteve o privilégio de uma guardiania.[93]

Frei Vitorino de S. Felicidade, entretanto, que três vêzes dirigiu os destinos do Convento, fêz obras mais apreciáveis. Consta de seus relatórios de 1838, 47 e 50 que reconstruiu a parede desde a cela dos Guardiães até à dos Provinciais, retelhou o telhado inferior correspondente a essa parede, substituiu janelas, renovou o telheiro e

92) *Reg. Rel. europ.*, I, fls. 194. — Frei Diogo, *Elenco*, n. 554.
93) *Livro eleições*, I, fls. 114.

INTERIOR DO CONVENTO

E' êste o único e grande corredor do convento, na parte reservada exclusivamente aos religiosos, dando para as minúsculas celas que já abrigaram, em tempos que vão longe, vultos proeminentes nas letras e na história pátrias, como Frei Francisco de São Carlos (1807), autor do poema: "A Assunção da Virgem", Frei Francisco de Monte Alverne (1819), o maior orador sacro do Império, e muitos outros. A pedra fundamental desta parte do Convento foi lançada em 1651 pelo custódio Frei Sebastião do Espírito Santo, sendo superior da novel casa o irmão leigo Frei Francisco da Madre de Deus, iniciador das obras, falecido em 1654 com fama de santidade. Frei Apolinário da Conceição, o cronista da antiga Província Franciscana, diz assim sôbre a comunidade que, no seu tempo, (1730), assistia no convento e sôbre o seu



fervor religioso: "Assistem aqui, como capelães e serventes desta Senhora, quinze religiosos que, cultivando o côro nas horas do dia, não faltam nunca ao da noite; até tendo neste convento havido alguns que em tôda a noite se achavam ao pé do altar".

fôrro da portaria e, além de outros pequenos consertos, fêz obras nas senzalas e casas dos romeiros.

O Guardião Frei João do Espírito Santo (de fev. 1852 a maio de 53) quis atacar o telhado do Santuário, mas só pôde comprar telhas e teve a promessa de madeiras quando entregou o Convento a seu sucessor Frei João Nepomuceno Valadares.

Êste, na verdade, fêz obras importantes, as últimas de vulto que se realizaram enquanto o Convento estêve sob a administração dos Franciscanos.

Frei João Nepomuceno era natural de Vitória e, segundo afirma Carvalho Daemon, descendente da família do condestável Torquato Martins de Araújo Malta.[94] Estas circunstâncias explicam a sua longa permanência na guardiania da Penha e uma vez na de Vitória, como outrossim a roda de amigos que o adulavam.

A falta de Religiosos, com que naquele tempo a Província se sentia, foi a causa de sua eleição em 1850; isto é, cinco anos apenas depois de sua profissão religiosa e depois de já ter estado fora do Convento com licença do Govêrno e de ter tido Breve de secularização, ao qual, porém, renunciara. Coincidindo uma das suas guardianias com a visita que o Imperador D. Pedro II fêz ao Santuário em 20 de janeiro de 1860 foi agraciado, por Carta Imperial de 14 de março do mesmo ano, com a nomeação para pregador da Capela Imperial.[95] Não satisfeito com esta distinção, conseguiu ainda do Imperador (!) a regalia de, em lugar do nobilitante cordão franciscano, cingir-se com uma faixa, trazer anel no dedo e calçar meias roxas.[96]

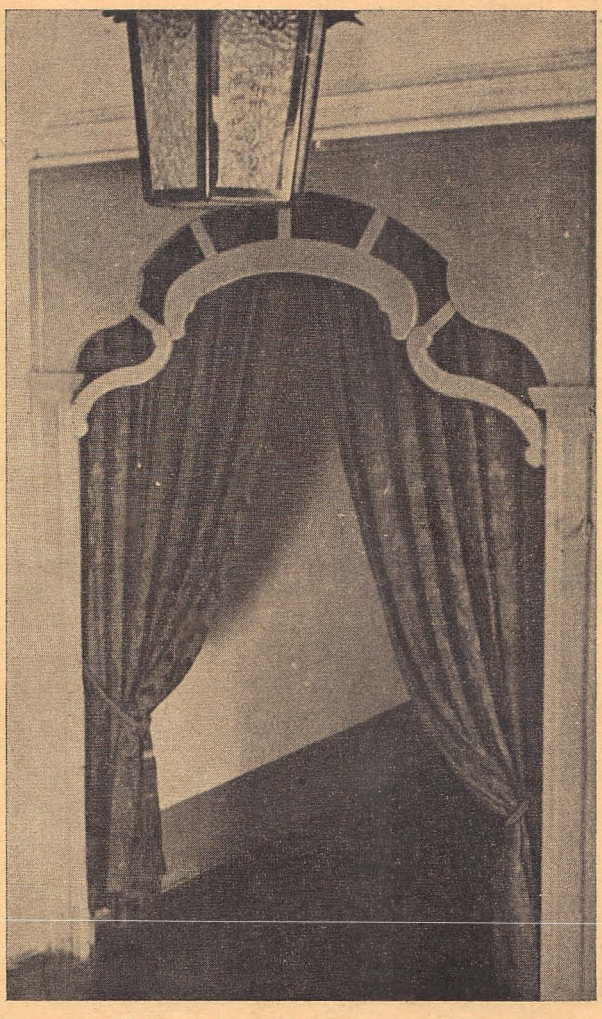
A memória dêste frade ainda hoje vive nos habitantes do Espírito Santo, porque deu muito movimento às festas da Penha, principalmente à que celebrou depois da restauração do Santuário, com lauto banquete aos romeiros e muito jôgo.

Vejamos as obras de restauração realizadas por Frei João Nepomuceno. Tendo tomado posse de sua guardiania, no dia 4 de julho de 1853, tratou imediatamente de agenciar esmolas entre os romeiros principalmente entre os de Campos, que eram os mais abastados que vinham à festa em grande número, ou em caravanas por terra ou fretando um pequeno vapor.[97]

No mesmo ano de 1853 deu comêço à reconstrução das senzalas, fazendo sete casas novas e ao mesmo tempo levantou oito casas para

---

94) Carvalho Daemon, *op. cit.*, p. 373.
95) *Tombo G.*, IV, fls. 140 v.
96) *Doc. av.*
97) A zona de Campos foi sempre a que mais contribuiu para o sustento dos Religiosos nos Conventos da Penha e de Vitória. Para lá iam os frades esmoleres, com escravos, à esmola do gado. O Capítulo de 1681 determinou fôssem sempre juntos e que repartissem as esmolas por partes iguais, a não ser que se tratasse de donativos expressamente dados para o Santuário da Penha. *Tombo G.*, fls. 74.



INTERIOR DO CONVENTO

romeiros.[98] No ano seguinte, depois de reunir material, atacou o Santuário, renovando todo o telhado e cobrindo-o com telha nova. Passou, em seguida, para o interior, onde foi mister substituir tôda a talha apodrecida, pintar e dourá-la. Para isso Frei João julgou necessário todo o ano de 1855, mas nutria a esperança de "ver hua obra de tanta magnitude e a primeira obra brasileira conservada para outros 200 anos".

98) Das senzalas, feitas de pedra e cal, com rua no centro, existem ruínas ao pé da escada que desce do patamar em frente à portaria. As casas para romeiros ficavam na planura, partindo da capela do Bom Jesus. Desapareceram de todo.

Como Frei João foi conservado na guardiania até 1857, pôde executar tôdas as obras ideadas, das quais êle mesmo escreve: "Com os planos que tenho dado, posso asseverar aos Revdos. Padres do Definitório que o Convento da Penha fica todo novo, e que não será necessário todos os anos de consertos, êstes de muito pouca monta, que deu lugar a chegar ao estado que chegou".

Realmente, Frei João Nepomuceno fêz muito e disso estava compenetrado quando, ao acabar a sua guardiania, escreveu ao Capítulo que deixava "o Convento reedificado, provido de todos os misteres, e a Virgem santíssima ornada de todos os seus vestuários mais ricos possíveis, sem jamais ficar devedor o seu Convento".[99] E no mesmo relatório diz ainda: "Posso assegurar que os donativos dos fiéis, e os sacrifícios da minha parte restauraram o monumental Convento de Nossa Senhora da Penha, e proporcionaram uma solenidade, correspondente à reedificação de tão soberbo edifício, cuja glória devo a Deus, e sua Santíssima Mãe".

De 1859 a 62 foi colocado mais uma vez à frente do Convento e neste triênio reedificou o frontispício da capela do Bom Jesus da ladeira.

Se as vultosas obras realizadas por Frei João Nepomuceno no Santuário e Convento merecem sinceros louvores, não os merece a sua conduta religiosa, pois deu sérios desgostos a seus Superiores.

Frei Nepomuceno faleceu a 15 de março de 1865 em Vitória. Seus restos mortais foram depositados, na presença de muito povo, numa parede interna do Convento de S. Francisco, bem em frente à porta da sacristia, e o lugar assinalado por uma lápide com inscrição.[100]

Duas honrosas visitas

ENTRE as muitas visitas feitas ao Santuário e Convento da Penha através dos séculos destacam-se as do Imperador D. Pedro II e do bispo do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda.

Sua Majestade fêz, em 1860, uma excursão à Província do Espírito Santo. Nesta ocasião subiu, com a Imperatriz e comitiva, o monte para prestar homenagem de veneração à gloriosa Virgem da Penha e para admirar a arrojada construção nos flancos do penedo.

Encontramos no arquivo as fôlhas do livro de ouro em que S. M. e a Imperatriz lançaram o seu nome, como recordação.

Convento de N. Sñra. da Penha 28 de janeiro de 1860
D. Pedro Imp.

Teresa

---

99) Não está esta afirmação de acôrdo com o que se lê no Livro de eleições (I, fls. 226 v.), onde se diz que o síndico apresentou em seu favor um saldo de 348$080, que o Definitório não reconheceu por achar a escrituração irregular e dolosa, mas exigiu as provas e nova escrituração, assinada por êle síndico e por Frei João Nepomuceno.

100) Carvalho Daemon, *op. cit.*, p. 373.

VISTA PARCIAL DA "SALA DOS MILAGRES"

Ainda que muito imperfeito, é a "Sala dos Milagres" um comprovante do quanto Nossa Senhora da Penha vem operando em favor dos seus devotos, que extravasam os seus sentimentos de gratidão pelas graças obtidas, oferecendo-lhe dádivas, entre as mais variadas e esquisitas: tranças de cabelo, muletas, fôrmas de cêra, roupas, e, sobretudo, fotografias nas quais se podem ler as mais ternas e confiantes dedicatórias. Se bem que nem tudo se possa contar na categoria de milagres, no sentido estrito da palavra, contudo, inúmeros são os ex-votos que falam de graças verdadeiramente extraordinárias. A "Sala dos Milagres", em seu novo local, foi inaugurada, em 31 de janeiro de 1952, sendo inteiramente reformada, no ano de 1956. Está localizada no andar superior da antiga "Casa dos Romeiros", casa esta reconstruída pelos anos de 1774.

Da mesma maneira perpetuaram seu nome em outra fôlha as pessoas da comitiva, que são os seguintes:

D. Josefina da Fonseca Costa, Dama de S. M. a Imperatriz
Visconde de Sapucaí (camarista)
João de Almeida Pereira Filho (Ministro do Império)
Luís Pedreira do Couto Ferraz (Viador)
Antônio Manuel de Melo (Guarda roupa)
Francisco Bonifácio de Abreu (Médico da Imperial Câmara)
Antônio José de Melo (Capelão)
Tobias Rabelo Leite (Oficial de gabinete)

Assinaram ainda numa terceira fôlha os oficiais da Fragata a vapor "Amazonas", que acompanharam os excursionistas, e o coman-

dante da Galeota a vapor "Pirajá", que conduziu Suas Majestades ao pôrto da Penha.

De caráter mais piedoso foi a visita do bispo. Como a Província do Espírito Santo pertencia eclesiàsticamente ao bispado do Rio de Janeiro, era raro os Prelados visitarem a Província pessoalmente, em razão da distância. De vez em quando delegavam simples sacerdotes ou dignatários inferiores para fazer as suas vêzes. Em 1775 percorreram a Província nesta comissão os Franciscanos Frei Mariano do Amor Divino e Frei Salvador de S. Lourenço Justiniano, ambos Religiosos ilustrados.[101] Em 1880, porém, D. Pedro Maria de Lacerda quis em pessoa visitar as suas ovelhas. Estando em Vitória, teve desejo de ver o Santuário da Penha, em cujo benefício tinha baixado um decreto no ano anterior. Sua Excia. deixou lançadas no livro de visitas palavras repassadas de piedade, que transcrevemos como preciosa lembrança.

"Achando-me em Visita Episcopal nesta Província do Espírito Santo, vim da Cidade de Vitória a êste Santuário da Senhora da Penha no dia 3 de julho de 1880, e aqui com os Padres que me acompanharam e o Povo cantei as Ladainhas de N. Senhora, e depois de percorrer o Convento fui ao púlpito e fiz hum discurso sôbre o amor da SS. Virgem Maria aos homens, filhos seus adotivos, e sôbre a eficácia de sua valiosa proteção. Humildemente peço a esta carinhosa Mãe e poderosa advogada que me valha em tôdas as minhas necessidades, sobretudo espirituais, e na hora da minha morte não me falte com seu poderoso auxílio. Salve-me eu, que o mais menos importa. Amen. Ouvi-me, ó boa Mãe, ó clemente, ó piedosa, doce sempre Virgem Maria, Senhora da Penha. Amen. Penha, aos 3 de julho de 1880, Sábado às três horas e 15 minutos da tarde. Pedro, Bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro".

Os escravos da Penha

CAUSOU-NOS espécie topar com tantos escravos nos relatórios dos Guardiães da Penha. O seu número ultrapassava o de qualquer outro Convento. A explicação que se nos oferece é que na conservação do Santuário e do Convento e de tôdas as benfeitorias na montanha, como também a lavoura em terreno ingrato exigiam maior número de braços.

Os escravos hábeis sabiam geralmente um ofício em que às vêzes se tornavam verdadeiros mestres. Somos por isso de opinião que a remodelação do Santuário em 1640 e a construção e reconstrução dificílima do Convento foram principalmente obra dos escravos.

Os documentos do antigo arquivo dão notícia também de escravos músicos. O organista do Santuário era durante muito tempo um escravo. Outros formavam uma banda de música para solenizar as festas e acompanhar as procissões que, a princípio, se faziam em redor do Santuário.[102]

Também os moradores de Vitória e Vila Velha serviam-se dos escravos da Penha como empregados, de modo que eram uma fonte de

101) Carvalho Daemon, *op. cit.*, p. 177.

rendas para o Santuário. Pelo ano de 1850 pagava-se de aluguel por um escravo ou escrava de 2$000 a 18$000 mensalmente.

Outras vêzes escravos iam para perto e longe tirar esmolas para as festas.

Desde 1870, isto é, desde que Frei João do Amor Divino dirigia os destroços da Província franciscana, foram freqüentes as emancipações. Em 1871, por ocasião da festa da Penha, o Definitório declarou livres os ventres de tôdas as escravas de todos os Conventos da Província e deu alforria a 4 escravos adultos e a 12 menores do Convento da Penha, além de outros em diversos Conventos. O respectivo documento foi lido ao Ofertório da Missa da festa, estando presentes o Presidente da Província do Espírito Santo e outros funcionários públicos.[103]

O mapa demonstrativo dos escravos da Penha de setembro de 1872 regista ainda a existência de 42, cujos ofícios Frei João discrimina da forma seguinte: pedreiros 3; carpinteiro 1; ocupados na lavoura 11; cozinheiras 7: lavadeiras 6; engomadeiras 3; costureiras 5; sem ofício 6.

Depois o número foi diminuindo sensìvelmente. Em 1880 eram apenas 19, mas deduzindo três fugidos e um que foi mudado para a Côrte, ficavam 15, que todos residiam na cidade de Vitória, em Vila Velha, ou mesmo fora em outras localidades, ganhando para o Santuário.

Os escravos eram geralmente bem tratados pelos Franciscanos.[104] Em 1867, o Guardião da Penha pagou pela estadia do escravo Paulino no hospital durante nove dias a quantia de 11$560, e do mesmo tempo achamos um apontamento em que o Guardião declara que devia a certos escravos tantos dias de trabalho.

A lei áurea de 13 de maio de 1888 acabou de vez com a mancha da escravatura.

Terrenos pertencentes ao patrimônio da Penha

PELA escritura de 6 de dezembro de 1591, a Ordem franciscana entrou na posse do morro da Penha, "desde o pé ao cume", e nesta posse foi mantida quando, em 1648, os Jesuítas tentaram chamá-la a si. Do lado do "Moreno", o Rio da Costa, canal aberto pelos padres da Companhia, foi sempre considerado como divisa.[105]

Posteriormente o patrimônio foi acrescido, ou por doação, ou por compra, com outras propriedades, que são as seguintes: o cais com

---

102) No relatório de 1858 figuram os seguintes instrumentos pertencentes ao Santuário: 1 officlide, 2 trompas, 1 pistão, 1 pífano, 1 trombone, 3 clarinetas e 1 ferrinho.

103) O jornal "O Espírito-Santense", de 21-4-1871. — "Correio da Vitória" de 26-4-1871.

104) Frei Basílio, *O Convento*, 3ª ed., p. 77 ss.

105) Gomes Neto, *As maravilhas*, p. 273, nota 5.

armazém e telheiro contíguo, a metade do morro junto à foz do rio Jucu, a ilha dos Bentos, o morro da Ucharia e o campo de Piratininga.

Com exceção da metade do morro na barra do Jucu, que foi vendida em 1775, conforme a seu tempo noticiamos, não consta de nenhuma alienação até 1898, ano em que tôdas as propriedades passaram, com o Santuário e Convento, para a administração da mitra.

As mais freqüentes referências encontramos à chamada "Ilha dos Bentos", sem conseguir apurar quando e como foi adquirida, nem tão pouco qual a origem desta denominação. Chamava-se também "Ilha dos Frades".[106]

Está esta ilha situada na barra da baía, ao norte da Ilha do Boi, é cultivada e em tempo de baixo mar acessível por uma restinga de areia.

As primeiras referências encontramos na ata do Capítulo celebrado aos 24 de janeiro de 1761. Ordenou-se que nenhum Guardião vendesse a ilha, mas que houvesse nela pasto para o gado do Convento e para os cavalos que fôssem necessários para a condução dos Prelados maiores.[107]

Mais tarde, para dizermos de uma vez o que consta a respeito desta ilha, ao escassear o pessoal com que os Capítulos pudessem prover os Conventos, a Ilha dos Bentos estêve arrendada a diversos senhores, o que verificamos desde 1843. Cobrava-se modesto aluguel, "pagando o arrendatário um bocadinho de tudo que colher", como se diz num papel avulso que achamos no arquivo da Província. Em setembro de 1867, Frei João do Amor Divino Costa recebeu do arrendatário Fabiano da Pedra um alqueire de milho e um cacho de bananas e nos primeiros meses de 1868 uma melancia grande e outra pequena. O mesmo senhor pagou, em 1878, com um pouco de polvilho que serviu para engomar roupa da igreja.[108]

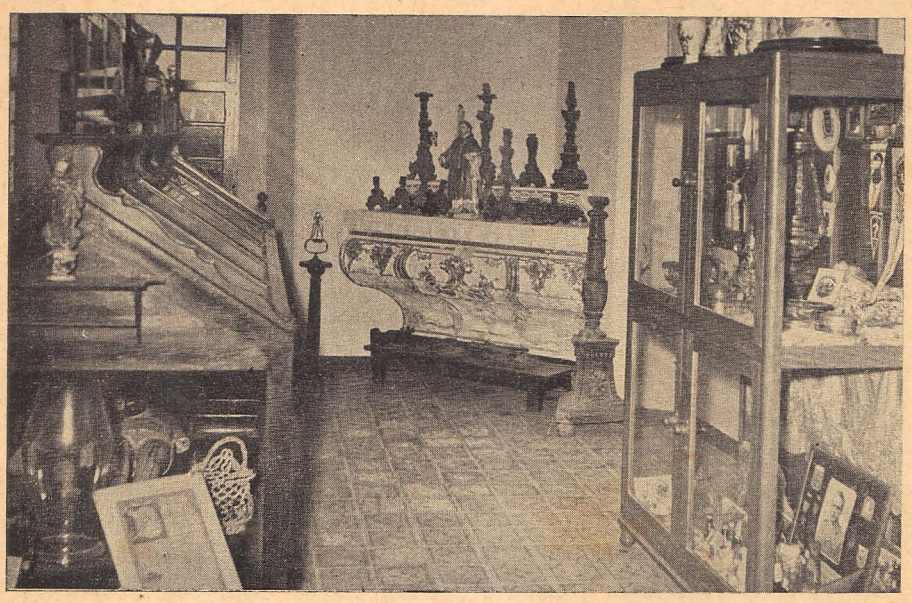
Vê-se, pois, que os Franciscanos tratavam com muita caridade os pobres, facilitando-lhes meios de vida. Se, contudo, pediam uma insignificância, uma melancia, um pouco de polvilho, era para assegurar o direito de propriedade. Uniam à caridade a prudência.

E fizeram bem, pois não foi sem aborrecimentos que mantiveram êsse direito. Um caso típico deu-se em abril de 1868. Tendo o arrendatário Vicente Ferreira do Nascimento gozado do usufruto de uma parte da ilha desde 1843 e tornando-se preciso removê-lo, não saiu sem primeiro destruir tôdas as benfeitorias e plantações, deixando tudo em estado de ruína, contra a promessa que fizera à polícia, que teve de intervir no caso.

Mais uma vez foi preciso sair em defesa do direito sôbre a ilha em 1874, quando houve uma tentativa de o Govêrno Provincial

---

106) Costa Rubim, *Dicionário*, in Rev. Inst. Hist. Br., t. 25, 1862, p. 615.
107) *Tombo G.*, II, fls. 199.
108) *Doc. av.*



MUSEU DE NOSSA SENHORA

O Museu de Nossa Senhora inaugurou-se, com a "Sala dos Milagres", em 31 de janeiro de 1952. O Convento da Penha, nos séculos de sua existência, ressentia a sua falta. Muito antes já devera existir, sôbre tudo nos anos em que, devido a circunstâncias várias, viveu o convento num período de semiabandono, com o amortecimento, e depois, o colapso de tôda a atividade dos franciscanos, que a êle tornaram, em 1942, depois de 44 anos de ausência. Durante êsse espaço de tempo, muitas preciosidades desapareceram, seja em livros, dos quais não sobrou um sequer para contar da grandeza da antiga biblioteca, seja em louças raras, — é conhecido o fausto dos banquetes oferecidos na Penha pelos fins do século passado — seja em mobília, de que não resta absolutamente nada, seja, afinal, em objetos de culto, que andam, êstes e outros, por aí, quem sabe, seguros nas mãos particulares. Em vista disto, aventou-se a idéia, ora concretizada, de se fundar um museu, onde se recolheriam as coisas de valor histórico e artístico, e outras antiguidades, que viviam jogadas ou soterradas nos porões ou esparsas pelo Convento, e se conservariam outras da atualidade que poderiam favorecer-lhe, no futuro, a história. Assim, entre outros objetos, estão expostos no museu: uma belíssima estátua de S. Bárbara, de madeira e em estilo barroco; várias mangas de finíssimo cristal; restos de um velho altar com os respectivos castiçais; sobras de uma imagem do Sr. Bom Jesus; um sino fundido no ano de 1770; inúmeros ex-votos em quadros a óleo e em escultura, contribuição para a história do folclore; vestidos e mantos usados na imagem de Nossa Senhora; coleção de moedas antigas; uma boa porção de jóias, doação de devotos, etc., etc. Embora pequeno e sem pretensões de original, o Museu de Nossa Senhora vem sendo um ponto de atração para todos quantos visitam a Penha.

querer dispor dela como terreno devoluto. Frei João denunciou o fato ao próprio Imperador, pedindo providências.[109]

O morro da Ucharia, ou simplesmente Ucharia, Oxaria e até Acharia, é uma ponta de terra na margem sul da entrada da baía do Espírito Santo, perto da antiga fortaleza de S. Francisco Xavier. O terreno era cultivado pelos frades e posteriormente arrendado mediante pequena esmola.[110]

O campo do Piratininga está situado não longe da Ucharia, na margem esquerda do Rio da Costa, bordado pelo mar.[111] Êste campo, ou várzea, o Convento da Penha comprou-o a Catarina da Vide, pelo preço de 5$000, sem constar quando.[112]

O cais, enfim, situado mais ou menos em frente da "Gruta de Frei Palácios", servia para abrigar canoas e depositar materiais.

No dia 15 de Abril de 1914 foi feita pelo sr. R. Krompholz a medição das terras pertencentes ao Santuário e Convento. São ao todo 632.226 metros quadrados. Exemplares desta medição estão conservados na Cúria Episcopal, no Santuário e no Provincialado dos Franciscanos.

Alfaias de Nossa Senhora da Penha

SEMPRE foi e é costume em todos os países oferecerem os fiéis objetos de valor aos Santuários ou Imagens santas. Uma vez são ofertas graciosas para satisfazer a sua piedade; outras vêzes são a expressão de sua gratidão por favores recebidos e chamam-se, então, ex-votos.

Também o Santuário e a Imagem da Penha foram dêste modo ricamente contemplados através dos séculos. Entre os relatórios que os Guardiães deviam apresentar ao Capítulo ao terminar o seu mandato, encontramos também o relatório remetido pelo Guardião Frei João Batista, em 1859, e assinado pelo síndico Manuel Pinto Aleixo. E' o mais explícito de todos.

Ocuparia espaço demasiado se quiséssemos transcrevê-lo na íntegra. Não queremos, porém, furtar-nos ao prazer de dar uma sucinta relação do tesouro de N. Senhora, de que nenhum documento posterior dá mais notícia. Que os Superiores zelavam pela sua conservação depreende-se do fato seguinte: Em 1862, o Guardião Frei Teotônio de S. Humiliana propôs ao Definitório a venda de algumas jóias de prata e ouro, para o produto ser aplicado na compra de alfaias necessárias ao Santuário. Mas a resolução foi adiada depois de larga discussão e parece que não se efetuou.[113]

---

109) *Docs. av.*
110) Costa Rubim, *Dicionário*, l. c., p. 598.
111) Idem, *ib.*, p. 633.
112) Machado Ol. in *Rev. Inst. Hist. Br.*, t. 19, 1856, p. 269.
113) *Livro eleições*, II, fls. 17.

Vejamos primeiro quais as jóias que trazia a Imagem de Nossa Senhora. Diz o inventário: "No altar mor, uma Imagem da Senhora da Penha com sua palma, túnica de sêda branca, bordada a ouro, manto de veludo azul claro, bordado a ouro, tudo rendado, com um par de brincos de pedras e adereço de pedras, cordão de pérolas no pescoço, com seis voltas, três voltas de colar de ouro, doze pedras nos peitos, um laço também no peito com vinte e duas pedras de diversas côres, seis anéis nos dedos de diferentes pedras, coroa de prata, com o Menino Deus no braço, com resplandor de ouro com dezasseis pedras de diversas côres encravadas, e mais uma que parece brilhante, sendo o resplandor enleado de cordão fino, com uma cruz de ouro esmaltada, pendente ao pescoço, com oito voltas de cordão de ouro, tendo na mão esquerda o globo com uma cruz de ouro, pendente o Espírito Santo de ouro, com diversas voltas de cordão de ouro".

O poeta canta esta riqueza de forma seguinte:

Ricos vestidos de brocado e tela
São ornamentos seu sempre diário,
Tendo no peito, e colo a aurora bela,
De ouro uma cadeia e um rosário.

Cento e vinte fuzis se contam nela,
Rematados de um rico relicário;
Nêle se vê que o pêso a tanto monta,
Que inda é mais um mistério a não ter conta.

Coberto o lindo peito de diamantes,
De filigrana d'ouro guarnecidos,
Matizados de pedras mui brilhantes,
Salpicado de aljófares subidos,

Chegam à sacra fronte rutilantes;
E ainda encobre alguns dos mais luzidos
A coroa, que d'ouro às libras pesa,
Sendo maior a obra que a riqueza.

Tem mais de peças mil sobrecelentes
De não menor grandeza e qualidade,
Que de vários países, várias gentes
Lhe dão com devoção, gôsto e vontade.[114]

Grande era o número de objetos preciosos que se guardavam na tesouraria. Eram relicários, cruzes, anéis, brincos, alfinetes, pulseiras, colares, rosetas, cordões, botões, etc. Só o ouro oitavado dêstes objetos pesava 335 ¼ oitavas, o que em gramas seriam 1.202 gramas e 206 miligramas e meio. Em 1859 (quando foi feito o in-

114) Caldas, *Poema*, XXVII-XXIX.

ventário) a grama valia aproximadamente 1$216, mas hoje, com o encarecimento do ouro, a diferença para mais é muito grande.

Não foi, porém, oitavado o ouro de todos os objetos da tesouraria, nem tão pouco o dos ornatos da Imagem, nem, enfim, a prata, pedras e pérolas; de modo que o valor dos objetos, pertencentes só à imagem de Nossa Senhora, era bem elevado.

Acrescentando a isto o valor dos outros objetos de ouro e prata, pertencentes ao Santuário e arrolados no dito inventário, sem contar o valor histórico e o da mão de obra, devemos confessar que Nossa Senhora da Penha de Vitória era rica.

O fervor religioso dotou exuberantemente o Santuário que os Franciscanos erigiram no alto do penedo da Penha.

A festa da Penha

O dia escolhido por Frei Palácios para celebrar a festa da santa Padroeira era a segunda-feira depois da dominga de Pascoela, dia consagrado, naquele tempo, à devoção franciscana de Nossa Senhora dos Prazeres. Foi também a época de sua morte, pois faleceu na quarta-feira depois de celebrar a festa na segunda. Para esta última festa tinha mandado vir de Portugal uma imagem de vulto, quando até lá venerava a SS. Virgem no painel trazido na sua vinda para o Brasil.

Cedo se vulgarizou a festa da Penha de Vitória, que atraía uma multidão de gente, sendo, aliás, sempre grande o número de romeiros, que no correr do ano vinham prestar homenagem à excelsa Padroeira, pedir a sua proteção e cumprir as promessas feitas.

Casas para hospedar os romeiros existiam pelo menos desde o início do século XVII, pois o Insulano faz menção delas em 1621.

Ao auge de pompa exterior chegaram as festas em meados do século passado. Conta Gomes da S. Neto que a cidade de Vitória e a Vila Velha se esvaziavam, todos queriam subir a montanha para venerar a Mãe de Deus, faltar era considerado quase um pecado. O maior contingente de romeiros de fora vinha de Campos e de S. João da Barra. Quando o vapor que os trazia entrava na barra, eram saudados com o estrugir de foguetes.

"Desde a véspera iluminava-se a igreja e o Convento interior e exteriormente. Acendiam-se fogueiras em alguns pontos do campinho, ou sítio das casas dos romeiros; e colocavam-se lampiões e vasos de barro com luzes na ladeira de distância em distância, ficando mais aproximados da capela do S. Bom Jesus para cima. Ninguém, por mais pobre que fôsse, deixava de pôr luminaria na frontaria de sua casa."[115]

As festas externas, infelizmente, degeneraram em lautos banquetes e jôgo e muito triste teria ficado o santo Frei Palácios se em

115) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 130 ss.

VELHAS CAVEIRAS
conservadas no Museu de Nossa Senhora.

vida tivesse presenciado coisa semelhante. A acreditar, todavia, no que escreve o citado Gomes da S. Neto, "não ocorria um incidente funesto a lamentar-se; um delito ou crime a punir-se; nem ao menos um distúrbio, que desequilibrasse a ordem e a tranqüilidade pública".

A festa pròpriamente religiosa consistia em vésperas solenes e Missa solene no outro dia. Para o sermão era geralmente convidado um pregador de fama. Ao Ofertório da Missa acontecia publicar-se carta de liberdade a escravos, como foi feito em 1871, na presença de pessoas de destaque. Não há notícia explícita, mas é de supor que de tarde houvesse procissão, como já era costume em 1621 e Frei Apolinário o atesta de seu tempo.[116]

No tempo do Guardião Frei Vitorino de S. Felicidade (1842 a 47), a festa da Penha foi oficializada pelo Govêrno Provincial. Aos 12 de novembro de 1844, a Assembléia votou a lei n. 7, em virtude da qual o dia da festa foi declarado de grande gala, e como tal feriado para tôdas as repartições públicas. Assim se guardou até ao advento da República; e se a festa por motivo justo era transferida e o dia escolhido não era domingo, o Govêrno transferia também o feriado.

O Presidente da Província Dr. Manuel d'Assis Mascarenhas foi mais tarde interpelado no parlamento por ter sancionado a referida lei e esta mesma ridicularizada por causa da expressão "grande gala", que os representantes da Nação achavam imprópria num decreto do Poder legislativo de Província. Mas o nobre Presidente justificou-se com o culto imemorial da Virgem da Penha e com a grande devoção de todos os espíritossantenses, os quais, dizia, certamente tê-lo-iam fulminado com os raios da execração pública, se não tivesse deixado passar êste voto dos eleitos da Província.[117]

No ano de 1879 houve intervenção do bispo do Rio de Janeiro em favor da festa da Penha. Constava neste ano a Frei João do Amor Divino Costa que também nas matrizes de Vila Velha e Vitória se pretendia celebrá-la, com que ainda mais escassearíam os recursos para os consertos e conservação do Santuário. D. Pedro de Lacerda dignou-se, então, de proibir, por decreto de 14 de abril, semelhante festa nas comarcas de Vitória, sem licença sua ou do Prelado Maior dos Franciscanos. Sua Excia. ponderou que o Santuário devia a sua existência aos Franciscanos e ao auxílio dos fiéis, de modo que as esmolas não deviam ficar reduzidas pela divisão, para se poder concluir as obras de restauração e não ficar adiado "o dia suspirado para se ver outra vez fulgir de glória e majestade e de novas galas sôbre o píncaro de seu devoto e célebre monte e Santuário da Senhora da Penha".[118]

---

116) Frei Apolinário, *Epítome*, § 9.
117) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 130, 280.
118) *Decreto impresso.*

No intuito de aumentar a devoção a Nossa Senhora da Penha, Frei João alcançou do Papa Leão XIII várias indulgências aos que devotamente visitassem "o sacelo público em honra a Nossa Senhora. — chamada vulgarmente da Penha — da Ordem dos Frades Menores" e arrependidos rezassem nela nas intenções da Igreja. Nestas condições, o decreto de 6 de dezembro de 1881 concede 40 dias em qualquer dia do ano, 60 dias aos sábados e 100 dias para o dia da festa na segunda-feira depois do domingo da Pascoela.[119]

Frei João, entretanto, não pôde deter o decaimento do culto no Santuário da Penha. Sòmente depois da entrega à Mitra diocesana tomou novo impulso e desde então a festa da Penha tornou a atrair incontável número de devotos.

Os últimos decênios de administração franciscana

O derradeiro Guardião do Convento da Penha, eleito canônicamente em 8 de março de 1862 e reeleito em 12 de setembro de 1863, foi Frei Teotônico de S. Humiliana, Ex-Provincial. Dirigiu a administração do Santuário e viveu solitário no Convento até agôsto de 1867. Alquebrado pela idade, pois contava 84 anos, pediu exoneração e faleceu repentinamente em 11 de morço do ano seguinte no Convento de S. Antônio do Rio de Janeiro.[120]

Frei Teotônio colocou a lápide comemorativa na "Gruta de Frei Palácios", e com os dizeres mostrou-se bom latinista, mas não bom conhecedor da história. No fim de seu guardianato, o Santuário e o Convento ficaram danificados pelos raios que no Santuário atingiram o zimbório, calhas e paredes, nas fortes tempestades que desabaram sôbre a zona nas noites de 29 de janeiro e 14 de fevereiro de 1867.[121] Não podia o velho Guardião tomar a iniciativa de promover a restauração. Formou-se, todavia, uma comissão sob a presidência do Dr. Tomás de Aquino Leite e, para levar a efeito os consertos e organizar uma subscrição em tôda a Província e em Campos, pediu prèviamente a aprovação do Provincial. Êste, porém, não consentiu, respondendo que competia aos Prelados formar semelhantes comissões e que na mesma data (21 de abril) mandaria a Frei João do Amor Divino Costa, que, entendendo-se com o Guardião, resolveria sôbre o assunto.

Frei João efetivamente partiu e chegando a Vitória procurou entrar em contacto com a dita comissão. Não o conseguindo, declarou-a não existente. Dirigiu-se em seguida ao povo, pedindo quisessem contribuir com suas esmolas para a restauração quando, em tempo oportuno, fôssem avisados.

---

119) Gomes Neto, *op. cit.*, p. 281.
120) Frei Diogo, *Elenco*, n. 806.
121) Carvalho Daemon, *op. cit.*, p. 377 s. — Gomes Neto, *op. cit.*, p. 261.

No mesmo ano de 1867, depois da renúncia de Frei Teotônio, o Provincial nomeou a Frei João para substituí-lo. O seu primeiro ato, depois da tomada de posse, foi comunicar em circular de 20 de setembro a sua nomeação para administrador dos dois Conventos de Vitória e Penha e solicitar o apoio das famílias na restauração do Santuário.

Parece que, além disso, houve intenção de executar qualquer obra nova. Encontramos entre os papéis avulsos do arquivo um debuxo do cume da montanha, feito em 1867, com indicação das sinuosidades do rochedo e a declaração de que o terreno sòmente 88 metros abaixo do vértice seria de fácil perfuração. Um estudo preliminar com o fim de procurar água?

A presença de Frei João na Penha nunca foi contínua, nem nos anos em que por provisão do bispo do Rio de Janeiro serviu de vigário (1870 a 77) na paróquia de Vila Velha. Residia ora na Penha, ora no Rio, deixando no Espírito Santo um sacerdote encarregado no espiritual e um síndico no material.

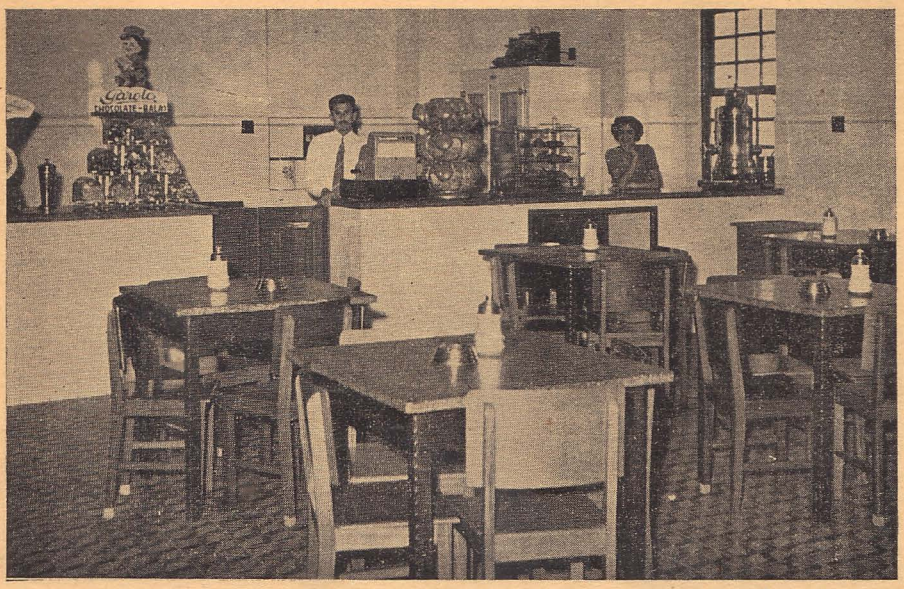
Quanto aos síndicos, se por via de regra cada Convento tinha um só, o da Penha tinha muitos. Explica-se esta singularidade pelas ofertas que Nossa Senhora recebia de perto e de longe e que consistiam não sòmente em dinheiro e pequenos objetos de valor (cruzes, anéis, cordões, etc.), mas também em gado. Os síndicos encarregavam-se de receber as ofertas e remetê-las ao Convento ou tratar de sua venda em benefício do Santuário e Convento.

Em 1867, havia síndicos nas seguintes localidades: Vitória, Campos, Itapemirim, Benevente, Serra, S. Mateus, Caravelas, S. João da Barra, Itabapuana, Meiaipe, Guarapari, Alcobaça e Vila de Viana.[122]

Frei João, apesar de sua estada intermitente na Penha, não se descuidou da reparação e conservação dos edifícios. E' verdade que não conseguiu tão depressa consertar os estragos causados pelos raios e na sessão de 25 de outubro de 1870, o deputado Duarte tratou dêste assunto na Assembléia Provincial para obter a verba necessária. Não conhecemos o resultado; mas existe uma das listas com o produto das subscrições do povo que em dezembro dêsse ano rendeu 801$600. Pelo que pensamos que no mesmo ano ou no próximo o dano dos raios foi reparado.

Mas, como já diversas vêzes tivemos ensejo de observar, os consertos nesses edifícios, expostos rudemente ao tempo, eram constantes. Isto consta também da correspondência de Frei João, referentes aos anos de 1870, 72, 74, 77, e 78. O grosso do trabalho começou em 1874. Frei João "trouxe da Côrte o perito e hábil escultor José Fernandes Pereira, que durante quatro para cinco anos trabalhou nessas obras, que, conquanto não estejam concluídas [em 1879], pela es-

122) *Papel av.*



CASA DOS ROMEIROS

(Bar e secção de artigos religiosos)

cultura do zimbório, retábulos, cornijas, capitéis e arcadas, se nota o primor e concepção artística".

"Acha-se hoje [1879] prontificado o assoalho de tôda a Igreja em estilo mosaico,[123] tendo a casa dos romeiros custado não poucos contos de réis, fazendo o dito Provincial por acabar tão importantes obras, apesar das dificuldades de materiais, custo da mão d'obra e outros embaraços com que tem lutado". Para pintar de novo os retábulos, Frei João conseguiu o célebre pintor Vítor Meireles.[124] Fomos informados que nesse tempo antepôs ao Santuário o atual alpendre, uma dependência sem gôsto e em desacôrdo com o estilo da igreja, quando anteriormente era um alpendre elegante, envidraçado, sustentado por colunas de granito, com passagem em volta.[125]

Frei João escreve, em 1879, que desde alguns anos dispendeu nas obras de restauração da Penha a maior parte dos rendimentos da Província.

No dito ano chegou a seu conhecimento que nas matrizes de Vila Velha e Vitória se pretendia fazer a festa da Senhora da Penha, em prejuízo dos recursos para a restauração. Representou contra isto ao bispo, que então proibiu semelhante festa em tôda a comarca de Vitória, sem licença sua ou do Prelado dos Franciscanos.

No ano seguinte de 1880, sua Excia. visitou o Santuário, como já foi noticiado.

Na correspondência entre Frei João e seus amigos encontramos ainda referências a obras executadas em 1888 e 90. De maior vulto, porém, foram as de julho de 1895 a março de 96. Neste prazo de tempo dispenderam-se 6:907$940.

E', pois, de justiça reconhecer que Frei João do Amor Divino Costa zelou efetivamente pela conservação do Santuário e Convento da Penha até, dois anos depois, passar a administração para a recém-criada Mitra diocesana.

Zelou, outrossim, pela conservação do patrimônio e quando preciso defendia-o. Já referimos as questões que teve em relação à "Ilha dos Bentos", em 1868 e 74. Neste último ano reclamou enèrgicamente para Nossa Senhora a propriedade sôbre o cais e só em 1889 autorizou nêle obras para poderem atracar vapôres. Lavrou ainda um protesto em 1894 contra a Municipalidade, que invadira terrenos, e conseguiu solução amigável do incidente. Por procuração de 31 de julho de 1893 constituiu ao Dr. Astério da Costa seu bastante procurador para reaver os terrenos de que a Intendência de Vila Velha dispusera indébita e ilegalmente.[126]

No auto de posse que a Mitra tomou em 1898 devem constar individualmente as propriedades que passàram para sua administração.

---

123) Está bem conservado até ao presente.
124) Carvalho Daemon, *op. cit.*, pp. 377, 378, 423.
125) Caldas, *Poema XVI.* — Anônimo, *Manuscrito* na Bibl. Nac., II, 34, 14, I.
126) Diversos papéis avulsos.

O Santuário e Convento sob a administração da Mitra

AO traçarmos, em outra monografia, a história do Convento de S. Francisco de Vitória, dissemos que em 1898 a S. Sé confiou à Mitra diocesana ambos os Conventos, o Santuário e todo o patrimônio, com a cláusula restritiva: *inquantum Sanctae Sedi visum fuerit,* quer dizer: enquanto aprouver à Santa Sé.[127]

Sôbre o que desde então se fez em benefício da Penha, encontramos algumas notas nos "Ecos Marianos", que transcrevemos.[128] Trata-se de dados fornecidos pelo Bispo diocesano, o que lhes dá o cunho de autenticidade.

"D. João Néri, de posse do Santuário da Penha, restabeleceu imediatamente o culto divino e começou a celebrar as festas com tôda a solenidade. No Convento anexo funcionou durante algum tempo o seminário diocesano. D. Fernando de Sousa Monteiro, sucessor de D. João Néri, fêz diversos melhoramentos, destacando-se a douração da capela-mor e o artístico altar de mármore oferecido pelo comendador Cícero Bastos.[129]

"Durante a administração de D. Benedito Paulo Alves de Sousa, ex-bispo diocesano, a igreja foi consertada e pintada de novo; o velho Convento sofreu radical reforma, ficando adaptado para o retiro anual do clero. Fizeram-se instalações de água e luz elétrica. O Convento está situado a 154 ms acima do nível do mar, a água é elevada a essa altura por meio de uma bomba movida a eletricidade. Foi também reconstruída a antiga casa dos romeiros que há meio século estava em ruínas.

"Foram inaugurados diversos quadros, trabalho do célebre pintor Comendador Benedito Calixto, que, com inspiração de verdadeiro gênio artístico, representou na tela os principais acontecimentos e milagres operados pela Santíssima Virgem, no Santuário da Penha do Espírito Santo, desde Frei Pedro Palácios até aos nossos dias.[130]

"Êste templo continua a ser freqüentado por incontável número de fiéis e o culto da Virgem da Penha se tem incrementado de modo consolador, graças à fundação do seminário preliminar no Convento,[131] onde o povo encontra fàcilmente sacerdotes para suas necessidades espirituais. Deve êste melhoramento ao zêlo apostólico do Exmo. Sr. D. Luís Scortegagna, atual Bispo diocesano".

Até aqui o almanaque "Ecos Marianos".

---

127) Doc. à p. 67 s.

128) *Ecos Marianos,* 1938, p. 76.

129) Não foram recolocadas neste altar as imagens de S. Francisco e de S. Antônio, que existiam no antigo. Caldas, *Poema,* XXI.

130) E' pena que o pintor incidiu no mesmo êrro de Bernardelli, que modelou a estátua no largo da Glória do Rio de Janeiro. Ambos não souberam representar um Franciscano. Frei Henrique no largo da Glória pode ser Franciscano, Capuchinho ou Carmelita, porque de todos os três tem alguma coisa. Frei Palácios está pintado como Capuchinho, mas com coroa de sacerdote franciscano. Além disso, há anacronismos em diversos quadros.

131) Funcionou pouco tempo.

Em dezembro de 1940, fizemos uma visita ao Santuário e Convento da Penha, para depois com mais segurança elaborarmos o nosso manuscrito. Tudo achamos em muito bom estado de conservação. O Santuário, alegre, asseado, inspirando piedade. Que a Virgem tenha ouvido com agrado a prece que lhe fizemos.

O que naturalmente mais prende a atenção e provoca admiração é o Convento e a perfeição com que está construída nos flancos do penedo. A não serem as escadas que lembram a sua posição, nada de corredores tortos, nada de degraus. Mas para se convencer de que está grudado na rocha, basta abrir aqui ou acolá uma porta e aparece a pedra.

Procuramos localizar tôdas as dependências de que se serviam nossos Religiosos antepassados. Não foi difícil, apesar das modificações que houve. Aí estão as celas do Provincial, do Guardião e dos hóspedes. No corredor de baixo vê-se a sala da portaria com sua pesada porta e ralo com as armas franciscanas. Nesta sala estêve guardado por muitos anos, num oratório, o painel de Nossa Senhora e no seu teto lia-se: *Bene fundata est domus Domini super firmam petram.* No lado oposto está a sala de recreio, com a magnífica vista sôbre o mar, que deixa a gente embevecida. Descendo mais uma escada, chega-se à sala do refeitório. Aí não foi possível evitar de todo o aparecimento do rochedo, mas os frades cobriram-no com tijolos. Numa das paredes há um vão, onde se sentava o leitor. Saindo para fora do refeitório, deparam-se os restos da cozinha e, ao lado, os do *De profundis.* Vê-se neste lugar também o tanque que recolhia a água pluvial, captada por meio de telhas, coladas na rocha.

Descendo por uma escadinha, que conduz por sôbre o sopé do rochedo, chega-se à planície com os restos da ermida de S. Francisco, em que morreu Frei Palácios. Segundo nos disseram, é intenção reedificá-la. Para dois blocos, murados em quadro e com buraco no centro, nos chamou a atenção o nosso amável cicerone P. Ponciano: "Aqui, disse-nos, existiam dois cruzeiros, em que à noite se penduravam lanternas, que serviam de guia aos navegantes", e lhes asseguravam a proteção da Virgem da Penha, dizemos nós.

Volta provisória dos Franciscanos, obras

O Bispo da diocese do Espírito Santo D. Luís Scortegagna, querendo dar maior movimento religioso ao Santuário da Penha, convidou o Provincial franciscano Frei Mateus Hoepers a colocar alguns sacerdotes no Convento. O Provincial acedeu e enviou dois sacerdotes em fevereiro de 1942, sem com isto ficar alterada a disposição da Santa Sé de 1898.

No correr do mesmo ano de 1942, o Bispo confiou aos Franciscanos também a administração da paróquia de Vila Velha.

VISTA AÉREA DO CONVENTO DA PENHA

O Convento de Nossa Senhora da Penha, como que parafusado no tôpo da grande rocha. — A estrada nova, serpeando pela mata. — Um canto da cidade do Espírito Santo (Vila Velha). — A linda praia da costa. — O mar imenso.

Em tudo isso, na brisa que sopra benfazeja e calma, nas praias que se perlongam alvinitentes, na quietude da montanha, no canto, aqui festivo, ali dolente, dos passarinhos, há um convite para escalada aos que vivem na planície, aquêle mesmo que reza a placa à porta de entrada do santuário:

Confia!

Ela é Mãe e Rainha!

Sê benvindo ao Santuário do perdão e da graça!

Em breve tempo notava-se no Santuário o incremento desejado com a Missa cotidiana, administração dos Sacramentos e pregações

Nos anos posteriores foram executados trabalhos tanto no Santuário como no Convento. O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fêz consertos no edifício do Convento, o Govêrno do Estado mandou calçar de paralelepípedos a subida para automóveis e os comerciários de Vitória e outros contribuintes mandaram instalar luz elétrica em volta de todo o Santuário e Convento, produzindo êsse aspecto feérico que se admira durante a noite. O Govêrno do Estado, sempre generoso, tomou a si custear o consumo da energia elétrica.

Em 9 de maio de 1951 entrou como capelão o revmo. P. Frei Alfredo W. Setaro. Desde então até 1957 foi ininterrupto o seu trabalho de restaurar ou melhorar. O seu cuidado se estendia a tudo, tanto na igreja como no Convento. Na igreja, a própria imagem da Santa (de madeira) necessitava de consertos, visto achar-se estragada em grande parte pelo cupim. Reformas fizeram-se nos assentos do côro, nas sepulturas, inaugurou-se o relógio completamente reconstruído, colocou-se um artístico batistério. No Convento procedeu-se a uma geral reinstalação da luz elétrica, a capela de Sant'Ana necessitou de urgente consêrto, instalou-se um possante alto-falante e um telefone conjugado, modificaram-se algumas celas e construíram-se instalações sanitárias modernas.

Coroação da imagem de Nossa Senhora

NO mês de setembro de 1951 a cidade de Vitória celebrou o IV centenário de sua fundação. A culminância das festas consistiu na coroação de imagem de Nossa Senhora da Penha. Transcrevemos o que nos foi transmitido por carta: "Desceu a imagem do Santuário, num nicho magnífico, confeccionado no Rio, na tarde de 7 de setembro. A preciosa relíquia foi transportada no navio escola "Guanabara". Precisamente às 17,30 hrs. chegava a imagem ao pôrto de Vitória. Não se descreve o espetáculo que nos foi dado ver. Apitavam os navios surtos no pôrto, evoluia nos ares uma esquadrilha da FAB, o povo se comprimia pelas praças e ao longo das avenidas, estrugiam fogos, braços se erguiam, lenços esvoaçavam, palmas, vivas, lágrimas nos olhos, e assim, Aquela que saira silenciosa do seu Convento, entrava, triunfalmente na cidade em festas. Carregaram-na o Comandante e os seus oficiais, que a entregaram aos Franciscanos, os quais por sua vez, a confiaram aos portuários que a conduziram ao carro-andor onde tomou assento Sua Excia. o Sr. Bispo diocesano Dom Luís Scortegagna. Organizado o préstito, rumou para o altar-monumento erguido em frente à catedral, onde a imagem foi colocada. Pronunciou então delicada oração gratulatória Sua Excia. Revma. Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá. Braços erguidos, como suplicantes, o povo, para finalizar, entoou o canto popular "Dá-nos a bênção, o

virgem mãe". No dia seguinte, 8 de setembro, depois da Missa pontifical, celebrada por Sua Em. o Sr. Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, realizou-se a coroação pontifícia da Imagem pelo Exmo. Sr. Núncio Apostólico, Dom Carlos Chiarlo, Legado *ad hoc* de Sua SS. o Papa Pio XII. Linda e comovente cerimônia esta, sobretudo no momento em que o representante do Papa depositava na fronte sagrada da bela Imagem e da do Menino Jesus as preciosas coroas de ouro, rico presente das senhoras capixabas. Após a coroação formou-se a procissão, outro espetáculo grandioso para os nossos olhos e farto de emoções. A Imagem permaneceu na catedral até o dia 16, a fim de presidir a novena do Congresso Mariano, que então se realizava. — Se deslumbrante a ida da Imagem à Vitória, não menos o seu retôrno ao vetusto Convento, dia 16. O povo da Vila Velha se esmerou em verdade para preparar-lhe uma recepção condigna e estrondosa. Escurecia já, quando o imenso cortejo de carros, caminhões, camionetas, bicicletas, entrava na cidade. O povo delirante carregou Nossa Senhora nos braços, e assim subia ela a montanha. Na esplanada do alto, vulgo "campinho", esperavam-na tôdas as autoridades e grande multidão. Sua Excia. o Sr. Bispo, pronunciou então o discurso final, findo o qual, o Sr. Governador do Estado, Jones dos Santos Neves ligou a chave da iluminação externa do Convento, inaugurando assim êsse notável empreendimento". Até aqui o missivista.

Notemos que durante 400 anos foi esta a segunda visita de Nossa Senhora da Penha à cidade de Vitória. A primeira realizou-se em 1769 por ocasião do "Milagre da sêca".

Sagração do Santuário

ESTRANHA não se ter procedido à sagração solene do Santuário durante os longos anos de sua existência. Embora não de absoluta necessidade, não quis o sucessor de D. Luís Scortegagna adiar por mais tempo o ato.

Realizaram-se as extensas cerimônias no dia primeiro de maio de 1953. Haviam vindo de Petrópolis cinco Religiosos franciscanos que se incumbiram do canto e ajudaram nas cerimônias. No altar-mor foram incluídas as seguintes relíquias: Santa Vitória, Mártir; S. Águeda, M; Santa Fausta, M; S. Deodato, M; S. Maria Goretti, M; S. Pio X, Papa, Confessor.

Todo ato terminou com Missa pontifical pelas 14 horas.

Reentrega do Santuário aos Franciscanos

DESDE alguns anos o Bispo D. Luís manifestara a vontade de reentregar o Santuário e Convento aos Franciscanos. Não tinham chegado a têrmo as combinações com o Provincial Frei Ludovico

Gomes de Castro, quando Sua Excia. faleceu repentinamente no Rio de Janeiro aos 2 de dezembro de 1951.

O sucessor de D. Luís, D. José Joaquim Gonçalves, que tomara posse da diocese aos 19 de março de 1952, patrocinou com muito empenho a restituição. Como não podia fazê-lo por autoridade própria, visto estar ainda em vigor o Decreto de 1898, dirigiu-se por intermédio do Núncio Apostólico à Santa Sé. Tomou conhecimento da causa a Sagrada Congregação do Concílio, a quem compete tratar dêsses assuntos. Durante três anos a S. Congregação pediu diversas vêzes minuciosas informações.

Sôbre a reentrega do Santuário *pleno jure* aos Franciscanos foi consultado o Cabido da Catedral e outros, de acôrdo com os cânones. Fêz-se também uma convenção entre a diocese representada pelo Bispo, e a Província franciscana, representada pelo Provincial P. Frei Heliodoro Müller. Esta convenção (11-11-54) foi remetida pelo Bispo a S. Congregação com o formal pedido de entrega do Santuário. Aos 20 de maio de 1955, a S. Congregação aprovou a convenção e deu o Rescrito, concebido nestes têrmos:

"A Sagrada Congregação do Concílio atendendo ao que expôs o Bispo do Espírito Santo, concedeu-lhe benignamente a faculdade de entregar aos Religiosos da Ordem dos Frades Menores da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria no Brasil o Santuário de Nossa Senhora "de Rupe", vulgo "Nossa Senhora da Penha", conforme o pedido, ao arbítrio da Santa Sé e segundo a norma do Direito comum, de modo, porém, que a faculdade da convenção no artigo 4, B, b, 11, que trata do emprêgo dos rendimentos remanescentes, se entenda concedida por um quinquênio".

Dado em Roma, no dia 20 de maio de 1955.

L†S. (A) P. Card. Ciriaci, Pref.
SG. J. Roberti, a secretis.[132]

O Bispo do Espírito Santo, por sua vez, deu execução ao Rescrito da Sagrada Congregação pelas Letras seguintes:

D. José Joaquim Gonçalves

pela graça de Deus e da Sé Apostólica Bispo do Espírito Santo.

"Confirmamos por estas Letras e mandamos que se execute a convenção feita entre a diocese do Espírito Santo e a Província da Imaculada Conceição B. M. V. no dia 11 de novembro de 1954 e

---

132) Sacra Congregatio Concilii, attentis expositis ab Episcopo Spiritus Sancti, eidem benigne tribuit facultatem concredendi Religiosis Ordinis Fratrum Minorum Immaculatae Conceptionis Beatae Mariae Virginis in Brasilia Meridionali Sanctuarium Dominae Nostrae de Rupe vulgo "Nossa Senhora da Penha", juxta preces, ad nutum Sanctae Sedis e ad normam juris communis, ea tamen lege ut facultas de qua in conventionis articulo 4, B, b, II, de usu redituum qui supersunt, ad quinquennium concessa intelligatur.

Datum Romae, die 20 Maji 1955.

L†S. (A) P. Card. Ciriaci, Praef.
SG. J. Roberti, a secretis.

aprovada pela S. Congregação do Concílio no dia 20 de maio de 1955, Protocolo nº 638/A, com relação à cessão *pleno jure* e ao arbítrio da S. Sé do Santuário de Nossa Senhora "de Rupe", vulgo "Nossa Senhora da Penha".

Dado em Vitória, do Paço da Cúria Episcopal no dia 5 do mês de julho de 1955.

Sig. José Joaquim, Bispo do Espírito Santo.[133]

Assim a fundação de Frei Palácios voltou a seus confrades e permita Deus que seja para todo o futuro.

HINO

Senhora da Penha, dos vossos devotos
Dignai-vos o preito de amor receber.
Cantando, saudamos a vossa grandeza
E glorificamos o vosso poder.

O' Virgem da Penha, ó Mãe do Senhor,
A vós consagramos todo o nosso amor.

No cume da rocha entre duas palmeiras
Frei Pedro Palácios um trono vos deu,
Em que refulgis, revestida de glória,
Espargindo sem conta favores do céu.

Do Espírito Santo vós sois Padroeira,
A vós correm todos em sua aflição.
Ouvi, Virgem santa, também nossas preces
E não nos negueis maternal proteção.

Humildes pedimos sejais nosso amparo
Nos transes da vida, no duro sofrer.
Na graça de Deus conservai nossas almas,
Que nela queremos viver e morrer.

Rio, 8-2-52.

ANEXO

Guardiães do Convento de Nossa Senhora da Penha

Além dos nomes já citados nesta monografia, as Tábuas capitulares conservadas permitem dar o elenco seguinte, designando as estrelinhas as Congregações Intermédias.

30. 1.1773 Frei Manuel de S. Tomás.
30. 7.1774* Frei Francisco de Jesus Camargo.

---

133) D. Josephus Joachim Gonçalves, Dei et Apostolicae Sedis gratia Episcopus Spiritus Sancti "Conventionem factam inter dioecesim Spiritus Sancti et Provinciam Immaculatae Conceptionis B. M. V. die 11 Novembris 1954 et a S. Congregatione Concilii die 20 Maji 1955 Prot. N.º 638/A approbatam de cessione pleno jure et ad nutum S. Sedis, Sanctuarium Dominae Nostrae de Rupe vulgo "Nossa Senhora da Penha", hisce litteris confirmamus et exsecutioni mandamus.

Datum Victoriae, ex Aedibus Curiae Episcopalis die 5 mensis Julii 1955.

Sig. Josephus Joachim, Episcopus Spiritus Sancti.

13.12.1777 Frei João da Graça.
8. 5.1779* Frei Manuel de Sant'Ana Carneiro.
6.10.1781 Frei Salvador de S. Lourenço Justiniano.
22. 2.1783* Frei Salvador de S. Lourenço Justiniano.
22. 8.1784 Frei João de S. Antônio.
25. 2.1786* Frei João de S. Antônio.
25. 8.1787 Frei Raimundo Penaforte.
28. 2.1789* Frei Francisco da Conceição Pinto.
28. 8.1790 Frei Joaquim de S. Rosa Congonhas.
3. 3.1792* Frei Manuel de Sant'Ana Carneiro.
31. 8.1793 Frei Custódio de S. Bernardo Maia.
28. 2.1795* Frei Francisco da Conceição Valadares.
24. 9.1796 Frei João de S. Francisco Mendonça.
24. 3.1798* Frei Francisco da Conceição Sant'Iago. Renunciou, sendo substituído, em 20.8.1799, por Frei Vitorino de S. José Mariano.
28. 9.1799 Frei José de S. Prudenciana Barradas.
28. 3.1801* Frei Francisco de S. Emerenciana.
2.10.1802 Frei Francisco da Ressurreição Graça.
7. 4.1804* Frei Alexandre de S. José Justiniano.
5.10.1805 Frei Joaquim de S. Rosa Congonhas.
11. 4.1807* Frei Francisco de S. Carlos.
8.10.1808 Frei Mateus de Cristo.
14. 4.1810* Frei Lourenço de S. Francisco de Paula.
12.10.1811 Frei Antônio das Neves.
24. 4.1813* Frei Lourenço de S. Francisco de Paula.
15.10.1814 Frei José do Paraíso Nazaré.
2. 4.1816* Frei José de S. Felicidade.
18. 4.1818 Frei Joaquim de S. Daniel.
23.10.1819* Frei Francisco do Monte Alverne.
20.10.1821 Frei Francisco das Chagas.
26. 4.1823* Frei João de S. Cecília.
5. 2.1825 Frei João de S. Cecília.
5. 8.1826* Frei João de S. Cecília.
9. 8.1828 Frei Antônio de S. Mafalda.
13. 2.1830* Frei João de S. Cecília. Faleceu, sendo substituído, em 19.5.1830, por Frei Antônio de S. Joaquim.
20. 8.1831 Frei Manuel de S. Fortunata.
23. 2.1833* Frei Manuel de S. Fortunata.
3. 8.1834 Frei Vitorino de S. Felicidade.
27. 2.1836* Frei Vitorino de S. Felicidade.
7. 4.1838 Frei José do Patrocínio.
7.10.1839* Frei José do Patrocínio.
24. 4.1841 Frei Gustavo de S. Cecília.
31.10.1842* Frei Vitorino de S. Felicidade.
30.10.1847 Frei Francisco de S. Diogo.
22. 5.1849* Frei Vitorino de S. Felicidade.
19. 8.1850 Frei João Nepomuceno Valadares.
17. 2.1852* Frei João do Espírito Santo.
28. 5.1853 Frei João Nepomuceno Valadares.
28.11.1854* Frei João Nepomuceno Valadares.
1. 3.1856 Frei João Nepomuceno Valadares.
12. 9.1857* Frei João Batista de S. Rosa.
5(30).3.1859 Frei João Nepomuceno Valadares.
22. 9.1860* Frei João Nepomuceno Valadares.
8. 3.1862 Frei Teotônio de S. Humiliana.
12. 9.1863* Frei Teotônio de S. Humiliana.

ILUSTRAÇÕES

Pôrto e Cidade de Vitória 9
Pôrto Velho da Penha 11
Recanto da Ladeira das sete voltas 13
Portão Novo da Penha 15
Trecho da Estrada Nova 17
Convento da Penha (lado norte e leste) 19
Vista do Convento (lado norte) 21
Convento da Penha (lado sul) 23
O Convento iluminado à noite 25
Interior do Santuário ..... 27 e 29
Pia Batismal 31
Painel de Nossa Senhora 33
Imagem do Senhor Bom Jesus 35
Velha estampa de Nossa Senhora da Penha 37
Altar de Nossa Senhora em 1898 39
Capela-Mor 41
São Francisco de Assis 43
Retrato da Verdadeira Imagem de Nossa Senhora da Penha 45
Corredor maior 47
Painéis de Benedito Calixto ..... 49, 51, 53 e 55
Relógio da tôrre 57
Penitentes ..... 59 e 61
Porta de entrada do Convento 63
Interior do Convento ..... 67 e 69
Vista parcial da "Sala dos Milagres" 71
Museu de Nossa Senhora 75
Velhas caveiras 79
Casa dos Romeiros 83
Vista aérea do Convento da Penha 87

ÍNDICE

Duas palavras 5
Introdução histórica 7
Convento de Nossa Senhora da Penha 10
Frei Palácios 11
Fundação da Ermida 18
As santas ocupações de Frei Palácios 20
A morte de Frei Palácios 22
Trasladação dos ossos de Frei Palácios 24
Doação da ermida aos Franciscanos 28
A capela da Penha até a fundação do Convento 34
A investida frustrada dos holandeses 38
As pretensões dos Padres da Companhia 40
Construção do Convento 44
Doação de Salvador Correia de Sá 48
A Patente do Padroeiro 52
A Ordinária do Rei 54
Saque do Santuário pelos Holandeses 54
Continuam as obras do Convento. Seu acabamento 56
O jantar de Deus 59
Construções e reconstruções 60
O milagre da sêca 62
Venda de um pequeno terreno 65
O século XIX. Obras 65
Duas honrosas visitas 70
Os escravos da Penha 72
Alfaias de Nossa Senhora da Penha 76
A festa da Penha 78
Os últimos decênios da administração franciscana 81
O Santuário e Convento sob administração da Mitra 85
Volta provisória dos Franciscanos. Obras 86
Coroação da imagem de Nossa Senhora 88
Sagração do Santuário 89
Reentrega do Santuário aos Franciscanos 89
Hino 91
Anexo 91